



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

JOÃO PAULO DE CARVALHO

**A REVISTA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO PARA A LEITURA NO 9º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL:
Uma análise da seção supernovas da revista Superinteressante.**

**CAJAZEIRAS
2019**

JOÃO PAULO DE CARVALHO

**A REVISTA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO PARA A LEITURA NO 9º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE DA SEÇÃO SUPERNOVAS
DA REVISTA SUPERINTERESSANTE.**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras – Profletras - da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Martins Joca

CAJAZEIRAS

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

C331r Carvalho, João Paulo de.

A revista como instrumento pedagógico para a leitura no 9º ano do ensino fundamental: uma análise da seção supernovas da Revista Superinteressante / João Paulo de Carvalho. - Cajazeiras, 2019.

93f.: il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Martins Joca.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS)
UFCG/CFP, 2019.

1. Leitura. 2. Revista. 3. Superinteressante. 4. Língua Portuguesa - ensino. 5. Instrumentos pedagógicos. I. Joca Alexandre Martins. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 028(043.3)

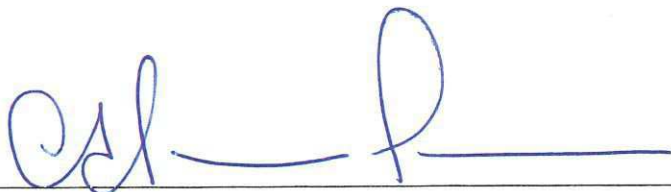
JOÃO PAULO DE CARVALHO

**A REVISTA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO PARA A LEITURA NO 9º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE DA SEÇÃO SUPERNOVAS
DA REVISTA SUPERINTERESSANTE.**

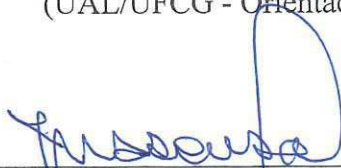
Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras – Profletras - da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras na área de concentração Linguagens e Letramentos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: ___ / ___ / ___

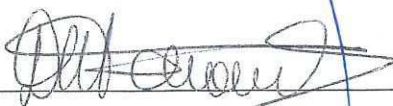
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Alexandre Martins Joca
(UAL/UFCEG - Orientador)



Prof.ª Dr. José Wanderley Alves de Sousa
(UFCEG – Examinador 1)



Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes
(UFCEG – Examinador 2)

CAJAZEIRAS

2019

Dedico este trabalho a todos os meus professores e alunos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, com a distância, o silêncio e o respeito de nossa velha amizade.

À minha família, aos meus pais, Joana e Raymundo, aos meus irmãos, Paulo e Luiz. À tia Graça e Samara (in memoriam). Ao tio Ednardo e Ester, e aos meus primos Luiz Neto, Fernando e Jorge, por terem me apresentado à revista *Superinteressante*.

À minha família do Crato, Luci, Lilinda, Bel, Stefeson, Caio, dona Maria, Epitácio, Ildeniz, Thalita e Wanilly.

À Turma IV do Mestrado Profletras, por ter feito o aprendizado possível e inesquecível.

Aos professores e alunos das escolas José Alves de Figueiredo, Juvêncio Barreto, Teodorico Teles e Joaquim Valdevino, em especial à Efigênia, Cecília, Marcos, Thiago, Graça, Sandra, Astéria, Sibebe, Beatriz, Aldênia, Jaqueline, Viviane, Camila, Nilson, Bruno, Montynne, Neto, Vania Cláudia, Eliúde, Magnólia, Roberto, Cicinho, Cicina, Ingrida, Nonato, Daiane, Vânia, Juliana, Polly, Flávia, Eriberto, Wilka, Regilane, Jacinta e Dé.

À Alice, Edma e Delanei, da Crede 18.

À dra. Iracema e ao dr. Mauricinho, por cuidarem da minha saúde mental.

À Prof.^a Dra. Maria da Luz Olegário, Prof.^a Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais e Prof.^a Dra. Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa, pelas contribuições e direcionamentos na qualificação deste trabalho.

Aos professores Prof.^a Dr. José Wanderley Alves de Sousa e Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes pelas importantes colaborações na defesa desse trabalho.

Ao Programa Profletras, pela acolhida e pelos aprendizados.

Ao Prof. Dr. Alexandre Martins Joca, pela dedicação e paciência.

À Marcelinha, May, Cássia, Ana Jéssica, Walber, João, Carol, Anderson, Dani, Guido, Fernandinha, Lua e Átilas.

À *Super* e a cada profissional que por lá trabalha/trabalhou.

*O Sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia?
Eu vou
Por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores
O peito cheio de amores vãos*

(Caetano Veloso)

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é analisar as possibilidades do uso da revista jornalística para a atividade de leitura nas aulas de língua portuguesa no 9º ano do ensino fundamental. A revista é um suporte que comporta uma diversidade de gêneros e temas trazendo informações sobre o cotidiano e a realidade. Adotamos uma visão interacionista da linguagem, de maneira que autores como Marcuschi (2008), Antunes (2003), Koch e Elias (2015), entre outros, nos auxiliam teoricamente. Quanto a sua delimitação, nos restringimos a práticas pedagógicas da leitura nas aulas de língua portuguesa do 9º ano do ensino fundamental por compreender que essa etapa é uma etapa de transição para o ensino médio. No âmbito da natureza da pesquisa, dos métodos e dos procedimentos metodológicos adotados, esta é uma pesquisa básica, exploratória, bibliográfica e qualitativa. Aqui, analisamos a revista *Superinteressante*, mais especificamente, a sua seção chamada “Supernovas”. Para a análise da revista, utilizamos como recorte do objeto as edições 397 (dezembro/2018), 398 (janeiro/2019), 399 (fevereiro/2019) e 400 (março/2019). A análise aponta estratégias para a promoção de práticas de leitura que possibilitem ao aluno do 9º ano o exercício e o desenvolvimento de suas estratégias leitoras. Concluímos que o suporte revista tem importantes características que podem contribuir para a formação de leitores na escola. Como produto resultante de nossa pesquisa elaboramos a “*Revista MetaRevista*”. Uma revista é direcionada a esses professores no intuito de instigá-los ao uso do suporte “revista” nas atividades leitoras em sala de aula.

Palavras-chave: Revista. Leitura. Superinteressante. Instrumento Pedagógico

RESUMEN

El objetivo de esta investigación es analizar las posibilidades de utilizar el diario periodístico para la actividad de lectura en las clases de lengua portuguesa en el noveno grado de la escuela primaria. La revista es un soporte que respalda una diversidad de géneros y temas que brindan información sobre la vida cotidiana y la realidad. Adoptamos una visión interaccionista del lenguaje, de modo que autores como Marcuschi (2008), Antunes (2003), Koch y Elias (2015), entre otros, nos ayuden teóricamente. En cuanto a su delimitación, nos limitamos a las prácticas pedagógicas de lectura en las clases de portugués de noveno grado porque entendemos que esta etapa es una etapa de transición para la escuela secundaria. Dentro de la naturaleza de la investigación, los métodos y los procedimientos metodológicos adoptados, esta es una investigación básica, exploratoria, bibliográfica y cualitativa. Aquí, miramos la revista *Superinteressante*, más específicamente, su sección llamada "Supernovas". Para el análisis de la revista, utilizamos como recorte del objeto las ediciones 397 (diciembre / 2018), 398 (enero / 2019), 399 (febrero / 2019) y 400 (marzo / 2019). El análisis señala estrategias para la promoción de prácticas de lectura que permiten al estudiante de noveno grado hacer ejercicio y desarrollar sus estrategias de lectura. Concluimos que el apoyo revisado tiene características importantes que pueden contribuir a la formación de lectores en la escuela. Como resultado de nuestra investigación, elaboramos la "Revista MetaRevista". Una revista está dirigida a estos maestros con el fin de incitarlos a usar el apoyo de "revista" en las actividades de lectura en el aula.

Palabras clave: Revista. Lectura. *Superinteressante* Instrumento pedagógico.

Lista de Abreviaturas

CERLALC	Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y el Caribe
IPL	Instituto Pró-Livro
LDB	Lei das Diretrizes e Bases da educação
MCM	Meios de Comunicação de Massa
SNEL	Sindicato Nacional dos Editores de Livros
SPAECE	Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

Lista de Figuras

Figura 01	Perfil do leitor: estimativa populacional.....	31
Figura 02	Perfil do leitor e não leitor: escolaridade.....	31
Figura 03	Perfil do leitor e não leitor: nível de ensino.....	32
Figura 04	Fatores que influenciam na escolha de um livro.....	36

Lista de Tabelas

Tabela 01	O que gosta de fazer em seu tempo livre (% de sempre).....	33
Tabela 02	O que gosta de fazer em seu tempo livre (% de sempre): leitor x não leitor.	33
Tabela 03	O que gosta de fazer em seu tempo livre (% de sempre): por escolaridade..	34
Tabela 04	Super Intrinteressante: relação entre seções e gêneros.....	50

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	14
2.	LEITURA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	22
2.1	O texto e suas particularidades	23
2.2	Leitura: percursos e estratégias	26
2.3	O aluno e suas leituras	28
2.4	Leitura em sala de aula: abandonando velhas práticas	38
3	A REVISTA E OS GÊNEROS DO DISCURSO: APRESENTANDO A REVISTA <i>SUPERINTERESSANTE</i>	39
3.1	A revista no Brasil: história, características e formação do leitor	40
3.2	A revista “ <i>Superinteressante</i> ”: histórico, estrutura e gêneros textuais	43
3.2.1	Breve histórico da <i>Superinteressante</i>	44
3.2.2	As seções da revista <i>Superinteressante</i> e os gêneros do discurso	47
3.3	Gêneros do discurso presentes na revista	51
3.4	Por que a revista <i>Superinteressante</i> como instrumento pedagógico para a leitura?	52
4	A LEITURA NO 9º ANO A PARTIR DE TEXTOS DA REVISTA: POSSIBILIDADES PARA AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	54
4.1	Advertência	54
4.2	Planejando atividades de leitura a partir da revista	56
4.3	Abordagem inicial da revista na sala de aula: identificando desafios e possibilidades na formação do leitor	57
4.4	Possibilidades de abordagens pedagógicas a partir de textos da revista <i>superinteressante</i>	59
4.5	A Seção “Supernovas”	60
4.5.1	A Subseção “Fatos”	63
	a. O gênero discursivo “notícia”	63
	b. O gênero discursivo “infográfico”	66
	c. O gênero discursivo “entrevista”	69
4.5.2	A Coluna “Enquanto isso...”	
4.5.3	A coluna “Três Notícias Sobre”	
4.5.4	A coluna “Não é bem assim...”	73
4.6	Supernovas: Playlist	74

4.6.1	Pérolas do mês	75
4.7	Supernovas: Tech	75
4.7.1	Você decide	75
4.8	<i>Site</i> : O seu dinheiro foi para...	76
	Considerações	78
	Referências bibliográficas	80
	Anexo: Produto: Revista <i>MetaRevista</i>	83

INTRODUÇÃO

O objetivo dessa pesquisa é analisar as possibilidades do uso da revista jornalística para a atividade de leitura nas aulas de língua portuguesa no 9º ano do ensino fundamental¹. A fomentação da leitura e a formação de leitores durante a educação básica são metas educacionais que o professor de português e a escola tentam alcançar e, para isso, procuram despertar nos discentes o gosto pela leitura de textos literários. Todo mérito deve ser dado a essa prática, porém verificamos uma lacuna em ações que formem assíduos leitores do suporte textual revista.

A escolha do objeto de estudo desta pesquisa tem sua origem em minhas experiências como leitor e professor de língua portuguesa. É a partir delas que justifico, inicialmente, sua relevância social e educacional.

No final da década de 80, minha família mudou para uma casa que meu tio e sua família tinham acabado de sair. Dentre as coisas que os antigos moradores deixaram, estava um grande birô, com apostilas, livros, uma revista em quadrinhos e algumas das primeiras edições de uma revista que trazia informações sobre ciência, tecnologia, astronomia, dinossauros e vinha sempre com uma moldura vermelha em suas capas, a *Superinteressante*. Ali, antes dos meus dez anos, eu descobria que existia uma publicação que informava sobre assuntos do meu interesse e isso moldou minha visão sobre o suporte de gêneros chamado revista. Assim como o jornal, ela informava, mas, diferente deste – que aos meus olhos de infante e de pré-adolescente noticiavam fatos que ocorreram no dia anterior e era voltada para adultos –, a revista tinha um assunto que a tipificava. Da mesma forma que havia uma revista que falava sobre ciência e tecnologia (a *Superinteressante*), havia revistas sobre outros assuntos também de minha predileção e eu fui me tornando leitor de periódicos que informavam sobre *games* (a revista *Ação Games* e a *Videogame*), sobre futebol e outros esportes (a revista *Placar*), sobre quadrinhos, desenhos, filmes e séries (a revista *Herói*).

Com o passar do tempo, entre o ensino fundamental II e o ensino médio, mudei minha visão sobre o jornal e passei a ser um leitor – embora só lesse a página de esporte e cultura –, mas continuei com admiração pela revista. Hoje, em mais de dez anos de magistério exercidos nas escolas estaduais do Ceará, percebo como esse periódico é subaproveitado na escola, aparecendo, assim como o jornal, de forma fragmentada em sala de aula – uma notícia, uma

¹ A definição da série deve-se a dois motivos: delimitação do tema e pelo fato do 9º ano ser a série de transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio e ser mister que o aluno faça essa mudança com um nível adequado em proficiência leitora.

entrevista, uma charge, uma propaganda – em questões de provas e simulados ou através do livro didático.

As dificuldades que as publicações impressas passam, a falta de uma cultura de se ir à banca de revista e o seu preço podem dificultar o acesso dos alunos ao suporte revista. A escola, nesse caso, deveria intermediar esse processo, colocando revistas em seu acervo de biblioteca, cabendo aos professores incentivar o hábito de ler esses periódicos. Mas apenas isso não resolve o problema.

Há quase três anos, trabalho metade da minha carga horária de professor do estado do Ceará na biblioteca, ou centro de multimeios como é chamado. Causa-me espanto quando os alunos vêm à procura não das revistas que se encontram no acervo para alugar, mas dos periódicos doados para a escola, as “revistas velhas”, com um único propósito: encontrar imagens para recortar e colar em seus trabalhos. Mas são revistas antigas, alguém pode argumentar. Não sei de quem é esta frase “tempo é questão de prioridade”, que me remete ao livro *Como um Romance*, de Daniel Pannac, que, em uma das passagens, é categórico ao afirmar que não existe tempo para a leitura, pois, assim como para o amor – que encontramos (ou inventamos) alguma brecha em nosso corrido dia para entrar em contato com quem amamos –, o tempo da leitura deve ser roubado. Voltando a cena que me causa espanto, ver o aluno diante de uma revista – com toda gama de informações que ela traz – tendo como sua única prioridade o recorte das imagens gera espanto, gera tristeza, gera reflexão. Ter em mãos esse portador de gênero e seu único significado é que posso recortá-lo revela que existem erros que precisam ser reparados. Mais do que estabelecer culpados, é mister a escola e o docente reavaliarem as suas práticas.

Costumo levar revistas, entre elas a *Superinteressante*, para emprestar aos alunos. O comentário positivo deles ao devolver contrasta imensamente com o que costumeiramente escuto ao apresentar esse periódico: “nem sabia que existia!” Mais do que ações que possibilitem o acesso com o suporte revista, é necessária uma abordagem pedagógica sobre esse meio de comunicação, para que em sala de aula, por meio de atividades de leituras, ocorra não só o contato com a revista e seus gêneros, mas até uma ressignificação, para que a revista não seja um objeto desconhecido ou só para recorte, mas seja vista como suporte de informações que possibilitem aos alunos tornarem-se leitores.

Contextualizando o uso da revista em nosso cotidiano, vale lembrar que o fim de edições impressas de revistas e jornais, a exemplo da *Mundo Jovem* (2016), da *Caros Amigos* (em 2017) e do *Jornal do Brasil* (em 2019), mostra como esses suportes textuais perdem a força diante de meios de comunicação em massa ligados às novas tecnologias (a *Mundo*

Jovem e o *Jornal do Brasil* passaram a existir apenas na plataforma virtual). A falta da cultura de ir a uma banca e o próprio preço da publicação dificultam ainda mais o acesso a esses suportes. Mesmo assim, enveredamos na hipótese da revista como um portador de texto de potencial auxílio ao professor no ensino de língua portuguesa, especialmente para atividades de leitura.

É evidente que o docente de língua portuguesa necessita de uma gama de textos de diversificados gêneros para utilizar pedagogicamente em sua disciplina e acredito que a revista seja um portador de texto que pode contribuir nesse sentido, auxiliando com textos que abordem fatos contemporâneos que facilitem o diálogo com a atualidade e realidade dos alunos, sendo até mesmo uma possível ponte para os gêneros discursivos ligados à tecnologia e/ou outras temáticas. Remetendo a celebre frase de Paulo Freire, “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2011, p. 19), não basta a escola desenvolver leitores competentes na “leitura da palavra” e inaptos à “leitura de mundo”. Investigamos também como a revista pode servir ao desenvolvimento dessas duas leituras.

Longe de afirmar que a revista substituirá o livro didático, pois a presença deste em sala de aula, principalmente na escola pública, é uma conquista que deve ser utilizada (daí a responsabilidade e o cuidado que os professores devem ter na hora da escolha do livro didático); aquela viria como um complemento, algo para acrescentar, um auxílio. A priori, penso que a revista seria uma possibilidade para o ensino da língua portuguesa na escola e nisso consiste a relevância deste trabalho: além, de alguma forma, contribuir na discussão sobre a leitura e nas reflexões sobre a atuação do professor de língua portuguesa, as considerações que fazemos com relação ao uso do periódico podem se estender a outros suportes textuais, sendo, portanto, uma possibilidade que pode gerar e inspirar outras.

A revista é entendida como um meio de comunicação de massa. Em seu texto no livro *Aprender e ensinar com textos – volume 3: aprender e ensinar com textos não escolares*, Adilson Odair Citelli principia citando a força dos meios de comunicação que provoca uma mudança no modo como as pessoas se relacionam com o conhecimento e com a informação (CITELLI, 1997, p. 17). Mais à frente, ele relata a tensão existente entre a linguagem e os textos de uso da escola com a linguagem e os textos de uso dos alunos. No primeiro grupo, o discurso didático pedagógico escolar, que formaliza as ações em sala de aula; no segundo, as linguagens não institucionais escolares, algumas advindas dos meios de comunicação que os alunos têm contato (Op. Cit. p. 21).

O autor aponta duas razões para essa tensão. A primeira diz respeito a, algumas dessas linguagens não institucionalizadas pela escola serem formas novas, outras tiveram um

impacto público recente ou tem um circuito de recepção pequeno; a segunda corresponde à dificuldade do professor com relação à essas linguagens, o que inviabiliza o uso delas nas práticas didáticas. Para resolver a primeira questão, torna-se necessário à escola reconhecer institucionalmente os meios de comunicação – rádio, televisão, cinema, teatro, jornais, revistas, vídeo cassete e videogame – como difusores do conhecimento através de suas linguagens, formas e meios; quanto a segunda questão, cabe a interlocução entre o professor – que por vezes desconhece essa linguagem por não ter o costume de utilizar o meio de comunicação – e o aluno – que tem esse costume em suas vivências (Op. Cit. p. 21-24).

Mais de vinte anos depois de publicado o texto de Citelli, os meios de comunicação continuam tendo forte influência na sociedade. Alguns desses meios citados por ele deram lugar a outros, advindos com as novas tecnologias. Se a tensão e o descompasso com a escola continuam, as soluções apontadas pelo autor continuam pertinentes. Como o autor ressalta, não é que os meios de comunicação e suas linguagens serão a escola, mas esta não pode fechar os olhos para a existência daqueles, deixando-os sempre à margem (Op. Cit. p. 26-27), até porque eles fazem parte da sociedade e da realidade dos alunos.

Consoante ao que foi dito, está o alerta feito por Eliana Nagamini, no ensaio publicado no mesmo volume do texto de Citelli, que diz:

Ao partir do pressuposto de que a interação do aluno com as linguagens da mídia produz modos diferenciados de construção do imaginário, a escola incorre num profundo anacronismo, na medida em que pouco ou nada discute sobre determinados valores éticos, estéticos e ideológicos apresentados pelos MCM [meios de comunicação de massa], tampouco o modo de construção de sua linguagem, nem as possíveis mudanças comportamentais provocadas pelo bombardeio de produtos midiáticos (NAGAMINI, 1997, p. 29).

Para a autora, é necessária uma abordagem pedagógica dos processos que envolvem os meios de comunicação em massa, pois só com uma educação voltada para esses meios é possível a formação de um leitor crítico, capaz de se posicionar diante das mensagens transmitidas, visto que elas não são neutras, pois obedecem a algum interesse (Op. Cit. p. 29-30). Nesse sentido, a presente pesquisa propõe refletir sobre o uso pedagógico da revista em sala de aula em atividades de leitura.

A revista é um suporte² que comporta diversos gêneros (como a notícia, a reportagem, o editorial, a propaganda, a entrevista, a fotografia) com vários temas (por exemplo, política,

² “Pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física [ou virtual] em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174).

saúde, ciência, esporte, cultura), trazendo informações sobre o cotidiano e a realidade. Como tanto potencial, ela devia ser usada como incentivo a leitura por conta dessa variedade que ela traz.

Neste trabalho, adotamos uma visão interacionista da linguagem, pois ela permite “fundamentar um ensino da língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante” (ANTUNES, 2003, p. 41), além de possibilitar uma perspectiva dialogal e interativa na relação autor – texto – leitor na construção de sentido (KOCH, ELIAS, 2015, p. 10-11), pois concordamos que o texto é uma unidade interativa em que os sujeitos (autor – leitor) dialogam através de ações (linguísticas e sociocognitivas), construindo “objetos de discurso e propostas de sentido” (Op. Cit. p. 7).

Por conta dessa perspectiva interacionista e dialogal do texto, cujo foco é a relação autor – texto – leitor, adota-se também o conceito de gênero do discurso³. Sendo assim, gênero do discurso condiz mais com a perspectiva de leitura que aqui abordaremos. A própria noção das três dimensões do discurso (os temas – a forma composicional – as marcas linguísticas e o estilo) propostas por Bakhtin (1953/ 1979), apud Rojo (2005), denota uma profundidade no texto que requer uma leitura mais abrangente para se obter uma melhor compreensão, afinal, enquanto que uma análise de conteúdo questiona “o que o texto quer dizer?”, uma análise de discurso questiona “como este texto significa?” (ORLANDI, 2000, p. 17).

No âmbito da natureza da pesquisa, dos métodos e dos procedimentos metodológicos adotados, esta é uma pesquisa básica, exploratória, bibliográfica e qualitativa. *Básica*, com relação a sua natureza, pois “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista” (PRONDANOV, FREITAS, 2013, p. 51); *exploratória*, com relação aos seus objetivos, “pois tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar” (Op. Cit. p. 51-52); *bibliográfica*, do ponto de vista dos seus procedimentos técnicos, pois é “elaborada a partir de material já publicado” (Op. Cit. p. 54); e *qualitativa*, do ponto de vista da abordagem do problema (Op. Cit. p. 70-71).

A pesquisa bibliográfica reuniu a produção de conhecimento já sistematizada sobre texto, textualidade, discurso, leitura, tipos de leitura, construção de sentido e práticas do ensino de língua portuguesa envolvendo atividades de leitura. Os estudos de autores como

³ Embora a teoria dos gêneros textuais e a teoria dos gêneros dos discursos tenham raízes em Bakhtin (ROJO, 2005, p.185), a escolha entre essas teorias dependerá da finalidade e das questões de pesquisa (ROJO, 2005, p. 206), em outras palavras, “distintas formas de abordar teoricamente o mesmo objeto” (BEZERRA, 2017, p. 28).

Marcuschi (2008), Antunes (2003, 2009, 2010), Koch e Elias (2015) nos auxiliam na compreensão teórico conceitual das categorias de análises principais desta pesquisa.

Quanto a delimitação da pesquisa, restrinjo-nos ao uso da leitura nas aulas de língua portuguesa do 9º ano do ensino fundamental por compreender que essa etapa é uma etapa de transição para o ensino médio e, em minha experiência como professor, percebo uma empolgação e participação nos alunos do fundamental que é difícil encontrar nos alunos de ensino médio, como se uma chama fosse perdendo a força. Por isso escolhemos os alunos de 9º ano, pois, acreditando no poder transformador da leitura, almejamos que as ações aqui apresentadas, possam fortalecer a chama de suas aspirações.

Para refletir sobre as possibilidades do uso da revista jornalística para a atividade de leitura nas aulas de língua portuguesa do 9º ano do ensino fundamental, utilizamos a análise de uma revista, de maneira que o recorte do objeto de análise foi a revista *Superinteressante*, mais especificamente, a sua seção chamada “Supernovas”⁴. A diversidade temática que essa publicação traz a linguagem que apresenta e a conexão dela com as novas tecnologias são motivos que justificam a escolha desse periódico⁵. A opção pela seção “Supernovas” deu-se por ela conter várias subseções, o que permitem uma variedade de temas e gêneros que podem ser utilizados nas aulas de língua portuguesa.

Como *corpus* análise, utilizamos as edições, virtuais e físicas, nº 397 (de dezembro de 2018), 398 (janeiro/2019), 399 (fevereiro/2019) e 400 (março/2019), por serem edições recentes. Analisamos, também, o *site* da *Superinteressante*⁶, considerando a presença e a relevância dos textos digitais no cotidiano dos alunos. A partir da revista, buscamos analisar as possibilidades do uso da mesma em atividades de leitura nas aulas de língua portuguesa no 9º ano do ensino fundamental observando possibilidades de atividades leitoras e apontamos estratégias para a promoção de práticas de leitura que possibilitem ao aluno do 9º ano o exercício e o desenvolvimento de suas estratégias leitoras, bem como o reforço aos conhecimentos necessários ao ato de ler, além de desenvolver o domínio da leitura e do uso dos gêneros do discurso.

A proposta pedagógica de Maria Aparecida Garcia Lopes-Rossi (2011) para a abordagem dos gêneros discursivos a partir dos três módulos didáticos – a leitura; a produção escrita; e a divulgação ao público – foi adotada nesta pesquisa na reflexão sobre as atividades com os gêneros discursivos da revista.

⁴ Apresentamos a revista no terceiro capítulo.

⁵ Essa justificativa será desenvolvida no terceiro capítulo.

⁶ Disponível em: <https://super.abril.com.br/>

Apesar de tratar sobre a leitura, partimos do princípio de que leitura e escrita são atividades complementares, em que o desenvolvimento de uma ajuda no desenvolvimento da outra. Sendo a escola a "agência de letramento da nossa sociedade, [...] Assumir o letramento como objetivo do ensino no contexto dos ciclos escolares implica adotar uma concepção social da escrita" (KLEIMAN, 2007, p. 4), partindo "de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis do contexto em que se desenvolvem" (Op. Cit. p. 4), pois de nada adiantará desenvolver a habilidade leitora do aluno e o seu diálogo com o texto se ele não consegue dialogar a leitura com a realidade. Não se forma leitores alienando-os do mundo em que eles vivem. A formação leitora deve passar pela formação cidadã.

Com base em alguns teóricos, como Marcuschi (2008), Antunes (2003), Koch e Elias (2015), chegamos a uma definição de texto para, em seguida, fixarmos nos elementos que o compõe, a saber, os princípios da textualidade. Feito isso, nos voltamos para a leitura, os processos e estratégias que são necessários ao ato de ler, que devem captar esses elementos textuais.

A pesquisa divide-se em mais quatro capítulos. No segundo capítulo, "*A leitura no ensino de língua portuguesa*", fazemos um debate sobre a leitura e o leitor. A partir do que é texto, elencamos os componentes que o constitui. Em seguida, tratamos das estratégias e os conhecimentos utilizados para o ato de ler e apresentamos alguns dados sobre os alunos e suas leituras. Por fim, discutimos sobre algumas práticas de leitura tradicionais e sugerindo outras possibilidades.

No terceiro capítulo, "*A revista e os gêneros do discurso: apresentando a revista superinteressante*", discutimos o suporte "revista", seu histórico e características. Em seguida apresentamos a revista *Superinteressante*, dando ênfase a seu histórico e suas características. Investigamos os gêneros do discurso presentes na publicação, de maneira que justificamos a escolha desse periódico ressaltando a diversidade de gêneros discursivos presentes na revista. Finalizamos o capítulo problematizando o porquê da revista *Superinteressante* como instrumento pedagógico para a leitura na escola.

No quarto e último capítulo, "*A leitura no 9º ano a partir de textos da revista: possibilidades para aulas de língua portuguesa*", analisamos a seção "supernova" da revista *Superinteressante* no intuito de apresentar possíveis sugestões de atividades, indicando os objetivos pedagógicos que se espera alcançar.

Com o objetivo de contribuir de maneira mais direta com as práticas de professores de língua portuguesa voltadas à formação de leitores no 9º ano do Ensino fundamental,

elaboramos, como produto resultante de nossa pesquisa, a “*Revista MetaRevista*”, que é direcionada a esses professores no intuito de instigá-los ao uso do suporte “revista” nas atividades leitoras em sala de aula. Está direcionada, especificamente, a professores do município do Crato/CE, no entanto, entendemos que ela pode e deve estimular escolas e gestores em educação a produzir suas próprias revistas.

2. A LEITURA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

É comum, na escola, recair sobre os professores de língua portuguesa a cobrança de despertar nos alunos o interesse pela leitura, embora em todas as matérias trabalha-se (ou se deveria trabalhar) com atividades pedagógicas que envolvam atos de leitura, evidenciando que não é responsabilidade apenas do professor de português elaborar e executar estratégias

para a fomentação de leitores, afinal, criar e incentivar o hábito de ler é uma ação conjunta, de todos os docentes, independente da disciplina, e também é responsabilidade de toda a escola desenvolver as habilidades leitoras dos alunos, pois um dos objetivos do ensino fundamental, de acordo com a Lei das Diretrizes e Bases da Educação (LDB), é justamente a formação do indivíduo por meio do “desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo” (Lei nº 9.394, artigo 32, inciso I. Grifo nosso).

Diante desse objetivo, é mister uma atenção para o tipo de leitor que a escola pretende formar, porque não basta ler qualquer coisa e de qualquer jeito, pois a leitura não pode ser reduzida a mera decodificação de um texto, afinal, ela consiste em uma atividade mais ampla, que requer competências e habilidades por parte de quem lê. “Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência”, conforme asseveram os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 69-70).

Quem lê, portanto, não pode ter uma atitude passiva ao ler, pois, ao utilizar estratégias para compreensão textual, o leitor também participa do processo de construção de sentido do texto, a partir do diálogo interacional entre autor – texto – leitor (KOCH, ELIAS, 2015, p. 12-13). Essas competências leitoras e estratégias de leitura – por exemplo, inferir informações explícitas e implícitas; distinguir um fato de uma opinião relativa a esse fato; identificar o conflito gerador do enredo; estabelecer relação causa/consequência entre elementos do texto – devem ser trabalhadas e desenvolvidas, bem como é esse o papel do leitor no processo de construção de sentido que a escola deverá formar.

A ação do professor de português em sala, a sua concepção de língua/linguagem e as estratégias planejadas para atividades de leitura em suas aulas são elementos que contribuem de modo significativo para a garantia de um resultado satisfatório quanto ao alcance desses objetivos, pois não basta, apenas, levar o texto aos alunos para, assim, se formar leitores, mas é preciso, também, criar práticas leitoras significativas. O uso de um texto apenas como suporte do conteúdo, por exemplo, pode despertar mais resistência à leitura do que gosto.

Neste segundo capítulo, cujo foco é a leitura, tratamos sobre o texto, não com a pretensão de discorrer especificamente sobre as concepções e compreensões que dele foram sendo feitas, principalmente na linguística textual⁷, mas para, a partir de uma definição por

⁷ Para ver esses conceitos de texto e a forma como a linguística o abordou, sugerimos o livro *Análise de textos: fundamentos e práticas*, de Irandé Antunes (2016, p. 30 – 44), *Produção textual, análise de*

nós fundamentada, fixarmos nos elementos constitutivos do texto, pois eles (esses elementos) serão focos norteadores da ação leitora. Fizemos também uma reflexão sobre as práticas tradicionais de leitura em sala, apontando direcionamentos teóricos para outras possibilidades. Por fim, analisamos alguns dados sobre a leitura de nossos alunos.

2.1 O texto e suas particularidades

O texto é um objeto de análise da linguística e a noção que se tem dele, sua definição e conceito, é um ponto de divergências. O que faz um texto ser um texto? Uma palavra é um texto ou é necessária uma combinação de frases unidas e coerentes para considerarmos um texto? Para os pragmaticistas é preciso olhar a situação comunicativa, pois dela advém também o sentido do texto. Existem, também, consensos entre os estudiosos, o de que o texto tem unidade e sentido (KOCH e ELIAS, 2015, p. 60). Não querendo entrar nos méritos dessas questões, para os objetivos desta pesquisa, em conformidade com as definições de Beaugrande⁸, Marcuschi⁹, Antunes¹⁰, Koch e Elias¹¹, consideramos texto como uma situação comunicativa de interação, portanto, de natureza linguística e social, em que os interlocutores, num diálogo, interagem através de ações – linguísticas, sociais, cognitivas – que, entrelaçadas, constroem o texto, em sua unidade e sentido, sendo, pois o texto o lugar dessa interação.

A definição por nós adotada traz algumas implicações que queremos ressaltar. A primeira delas é que, sendo o texto uma situação comunicativa, quer dizer que ele faz parte de um evento enunciativo e, como tal, temos nele o uso real da língua, pois “a língua não funciona nem se dá em unidades isoladas, tais como os fonemas, os morfemas, as palavras ou frases soltas. Mas sim em unidades de sentido chamadas texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 73). Por isso que o uso fragmentado da revista, vindo apenas nas provas ou na atividade do livro, compromete o potencial uso desse suporte e a leitura de suas notícias, reportagens, editorial que ela traz não podem ser feitas apenas com o intuito de marcar um item certo ou reconhecer uma informação implícita ou explícita. A leitura precisa ser feita levando em conta o emissor,

gêneros e compreensão, de Luiz Antônio Marcuschi (2008, p. 71 – 81) e *Ler e compreender: os sentidos do texto*, de Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2015, p. 60 – 61).

⁸ “O texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas” (BEAUGRANDE, 1997, p. 10, apud MARCUSCHI, 2008, p. 72).

⁹ “O texto pode ser dito como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sociohistórico” (MARCUSCHI, 2008, p. 72).

¹⁰ “Compreender um texto é uma operação que vai além do seu aparato linguístico, pois se trata de um evento comunicativo em que operam, simultaneamente, ações linguísticas, sociais e cognitivas” (ANTUNES, 2016, p. 31).

¹¹ “O texto é lugar de interação entre sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos; e que, por meio de ações linguísticas e sociocognitivas, constroem objetos do discurso e propostas de sentido” (KOCH, ELIAS, 2015, p. 7).

suas intenções e objetivos e é necessário estabelecer uma interação com ele. Afinal, o texto é uma atividade sociocomunicativa, pois se trata de um evento de enunciação, e ele adquire uma natureza não só linguística, mas também social, passando a ser também uma ação sociocognitiva.

Com isso, ganha relevância não só o texto e seu emissor, mas também o receptor, que terá um papel ativo na construção textual tornando-se emissor e receptor interlocutores, afinal, essa construção não se dá de forma unilateral, mas, atividade sociointerativa que é, nasce da relação autor – texto – leitor. Ter um papel ativo na construção do texto e seus sentidos, contudo, não significa que o leitor poderá seguir qualquer caminho. Como diz Marcuschi:

Produtores e receptores de texto (ouvinte/leitor – falante/escritor) todos devem colaborar para um mesmo fim e dentro de um conjunto de normas iguais. Os falantes/escritores da língua, ao produzirem textos, estão enunciando conteúdos e sugerindo sentidos que devem ser construídos, inferidos, determinados mutuamente. A produção textual, assim como um jogo coletivo, não é uma atividade unilateral. Envolve decisões conjuntas. Isso caracteriza de maneira bastante essencial a produção textual como uma atividade sociointerativa (Op. Cit., p. 77).

As atividades de leitura precisam proporcionar essa interlocução, pois é por essa interação autor – texto – leitor, o texto ganha uma dimensão que vai além do linguístico. Ele não é somente – e por isso não pode ser visto apenas como – um tecido de palavras unidas por conectivos dentro de uma sequência coesa e coerente, ou seja, o texto não é apenas o cotexto. Ele também tem aspectos sociais e cognitivos, resultado da ação dialógica entre autor (a sua intenção comunicativa, a escolha do gênero discursivo, a situação de produção) e leitor (seu conhecimento de mundo, sua bagagem leitora), ou seja, o texto também é o contexto¹². Portanto, um texto tem relações cotextuais (aspecto linguístico, pois se dá na relação interna entre as palavras do texto) e contextuais (contexto situacional ou os enquadres culturais, sociais, históricos e cognitivos) (Op. Cit., p. 87).

Definida e explicada a noção de texto, convém tratar duas questões para conhecermos mais aspectos sobre ele e que precisam ser percebidos em uma atividade de leitura. A primeira é a relação entre texto e discurso. Este se dá no plano do dizer, a enunciação, é o “objeto do dizer”; aquele, no plano da esquematização, a configuração, é o “objeto da figura” (Op. Cit., p. 81 – 82). Sendo “objeto do dizer”, o discurso “é uma enunciação em que entram os participantes e a situação sócio-histórica de enunciação” (Op. Cit., 84). Sendo “objeto de figura”, o texto “é o observável, é o fenômeno linguístico empírico que apresenta todos os

¹² O cotexto e o contexto são questões que serão aprofundadas mais adiante, no tópico sobre leitura.

elementos configuracionais que dão acesso aos demais aspectos da análise” (Op. Cit., 84). Em outras palavras, o discurso é a potência, consiste nas possibilidades que o emissor tem para fazer suas escolhas e as escolhas que de fato ele faz, abrangendo a intencionalidade e o contexto situacional; o texto seria a materialização ou figuração dessas escolhas, ou seja, o resultado, o objeto concreto, que traz em si uma unidade. A relação entre texto e discurso, portanto, não é conflituosa, pois ambos complementam a atividade enunciativa.

Entre o texto e o discurso está o gênero¹³, que vai condicionar a atividade enunciativa (Op. Cit., 82) e apresentará dois aspectos: gestão enunciativa e composicionalidade. Naquele, estão as escolhas dos tipos textuais, dos modos discursivos e dos planos de enunciação; neste, a identificação de unidades ou subunidades responsáveis pela sequenciação e linearidade textual (Op. Cit., 85). O gênero, portanto, tem como aspecto constituinte a situacionalidade, o propósito comunicativo, o funcionamento e a circulação sociais. O texto é o aspecto material, concreto, visível da manifestação do discurso e do gênero. Como dito em nosso trabalho, adotamos o termo gênero do discurso por representar melhor a amplitude que é o texto e para direcionar a leitura nesse sentido mais profundo.

A outra questão é a textualidade. Tanto Marcuschi (2008) quanto Antunes (2010) citam Beaugrande e Dressler (1981) como formuladores dos princípios da textualidade, a saber, a coesão, a coerência, a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade, a intertextualidade e a situacionalidade. Segundo Marcuschi, esses sete critérios podem ser observados – e por isso um texto também pode ser observado – a partir de quatro aspectos centrais: língua, cognição, processamento e sociedade.

Orientado pelo texto, no critério língua se encontram os princípios da coesão e da coerência; na cognição, que são os aspectos psicológicos, temos os princípios da intencionalidade e da aceitabilidade; aspecto computacional, no processamento, teremos o princípio da informatividade; no critério sociedade, que é o aspecto sociodiscursivo, encontraremos os princípios da situacionalidade e da intencionalidade (MARCUSCHI, 2008, p. 133).

Dos sete princípios da textualidade, Antunes (2010) propõe como propriedade do texto a coesão, a coerência, a informatividade e a intertextualidade. A intencionalidade, a aceitabilidade e a situacionalidade, por estar relacionado ao emissor e o receptor, ela propõe como condições de efetivação do texto. Sem julgar essa decisão da autora, reforçamos a

¹³ “Gêneros são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem. Sua estabilidade é relativa ao momento histórico – social em que surge e circula” (COUTINHO, 2004, p. 35 – 37 apud MARCUSCHI, 2008, p. 84).

advertência de Marcuschi de que tais princípios não constituem regras de uma boa formação textual, mas “critérios de acesso à produção de sentido” (Op. Cit. p. 97), o que nos compete dizer que tais elementos são pontos que não podem ser negligenciados durante o ato da leitura, pois são essenciais para a compreensão textual.

2.2 Leitura: percursos e estratégias

Sendo o texto e seu sentido construído no diálogo interacional entre autor – texto – leitor, a leitura deve ter como foco essa interação, o que consiste dizer que ela não pode se prender apenas à superfície do texto (os aspectos linguísticos), mas deve abranger também todo o evento comunicativo (os aspectos sociocognitivos), que envolve a ação dos sujeitos interlocutores (autor / leitor). Ou seja, mais do que saber o significado das palavras em um texto e decodificá-las, ler envolve uma gama de conhecimentos que vai desde a intenção e escolhas do autor no processo de produção textual até o papel de um potencial leitor projetado pelo próprio texto. As atividades de leitura precisam explorar essas habilidades de perceber esse evento comunicativo e interagir, dialogar com o texto.

Essa perspectiva de leitura, inclusive, é condizente com uma das dimensões da prática leitora apontadas pela nova Base Nacional Comum Curricular ao tratar sobre o Eixo Leitura (uma das práticas de linguagem) no ensino fundamental, a saber:

Relacionar o texto com suas condições de produção, seu contexto sócio-histórico de circulação e com os projetos de dizer: leitor e leitura previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas em jogo, papel social do autor, época, gênero do discurso e esfera/campo em questão etc. (BRASIL, 2018, p. 72).

Como se pode observar, ler requer um sistema de conhecimento. É preciso captar não só as informações contidas nas sequências de palavras do texto, mas também as que estão na situação de produção dele, além das informações que o leitor traz no ato da leitura, informações essas que serão rechaçadas ou confirmadas à medida que se lê. No livro *Ler e compreender: os sentidos do texto*, de Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias, as autoras citam três sistemas que recorreremos para processar um texto: o conhecimento linguístico, o conhecimento enciclopédico e o conhecimento interacional (KOCH, ELIAS, 2015, p. 39 – 40).

O conhecimento linguístico diz respeito ao conhecimento lexical. Um texto escrito em uma língua desconhecida para uma pessoa não funcionará como texto para essa pessoa, que pode até entender que diante dele tem um texto, mas, por não ter o domínio do código

linguístico do qual foi escrito, para essa pessoa a mensagem do texto está inacessível. O conhecimento linguístico, que consiste também no conhecimento gramatical, permitirá não só decodificar o sentido lexical, mas identificar os elementos coesivos e a coerência das palavras e ideias em relação ao tema. Trata-se de um conhecimento que permite a visualização do contexto.

O conhecimento enciclopédico é também conhecido como conhecimento de mundo, ou seja, as experiências vividas, o arcabouço de saberes e o cabedal de aprendizado permitem a compreensão textual. A máxima tão conhecida de Paulo Freire, “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2011, p. 19), explica a importância desse conhecimento para a construção do sentido do texto.

O conhecimento interacional refere-se “às formas de interação por meio da linguagem e engloba os conhecimentos: ilocucional; comunicacional; metacomunicativo e superestrutural” (KOCH, ELIAS, 2015, p. 45).

Com o conhecimento ilocucional, podemos identificar o princípio textual da intencionalidade e parte do princípio situacional, pois ele diz respeito ao conhecimento que nos permite identificar o propósito, a intenção e os objetivos do autor do texto.

O conhecimento comunicacional permite-nos identificar a outra parte do princípio textual da situacionalidade, pois ele trata da adequação do gênero e da variação linguística à situação comunicativa e das informações que foram deixadas no texto para guiar o receptor na construção do sentido, dando acesso, também, ao princípio textual da informatividade.

O conhecimento metacomunicativo permite o reconhecimento do princípio textual da aceitabilidade (que consiste em, diante de uma mensagem coesa e coerente, adequada às regras discursivas do gênero, um leitor aceita aquela mensagem como sendo um texto), pois consiste justamente nas ações linguísticas do autor para garantir a compreensão e aceitação do leitor. Entra também aqui o princípio da informatividade.

O conhecimento superestrutural ou conhecimento sobre gêneros textuais “permite a identificação de textos como exemplares adequados aos diversos eventos sociais” (Op. Cit. p. 54). Tal conhecimento permite a aceitabilidade e também nos leva ao princípio da intertextualidade, quando um texto dialoga com outro.

Tais conhecimentos aqui citados mostram como a leitura não pode ficar na superficialidade física do texto, em outras palavras, ficar no contexto. Sendo o texto um diálogo interacional, a leitura precisa investigar também esse evento comunicativo desde a sua produção (contexto situacional) até a participação dos interlocutores, que dizem respeito aos conhecimentos cognitivos necessários para a construção do sentido. Koch e Elias dizem que,

no ato de ler, utilizamos estratégias para essa construção de sentido (Op. Cit. p. 13), mas que essa relação entre conteúdo e leitor é regulada pelo objetivo da leitura, a intenção com que lemos (Op. Cit. p. 19). Nesse mesmo sentido, Geraldi afirma que, diante de um texto, as possíveis posturas de leitura são: a leitura – busca de informações; a leitura – estudo do texto; a leitura do texto – pretexto e a leitura – fruição do texto (GERALDI, 2011, p.92).

A leitura – busca de informação consiste em encontrar as informações que o texto traz. Essa leitura é bastante comum nas salas de aula e a crítica que o autor faz é que nem sempre é dado ao aluno um porquê, uma justificativa para se procurar informações no texto. A leitura – estudo do texto analisa os tópicos apresentados pelo texto. Por exemplo, diante de um texto dissertativo, essa prática de leitura passa a identificar a tese, os argumentos usados, os contra argumentos, os exemplos usados. A leitura do texto – pretexto é a reescrita, a releitura do texto lido em outros gêneros. A leitura – fruição do texto é a leitura por deleite.

Tudo isso que levantamos sobre leitura nos remete a questão de como ela é trabalhada e explorada nas aulas de português, em outras palavras, quais habilidades leitoras são desenvolvidas nos alunos para que estes encarem o texto como o evento enunciativo que é e acessem os conhecimentos necessários para a construção de sentido, pontos esses que serão tratados no próximo tópico.

2.3 O aluno e suas leituras

É imperativo, então, promover a prática leitora, despertando no aluno o interesse por ela e, para isso, não há um caminho fácil, nem uma resposta pronta. Um bom começo, todavia, é acabar com a crença¹⁴ comum, segundo a qual o aluno não gosta de ler. De fato, essa afirmação, tão recorrente nos corredores das escolas e nas salas dos professores, é posta em cheque por dois fatos recorrentes sobre o assunto: a quantidade de livros infanto-juvenis que se tornam *best seller* (ainda que se possa considerar as situações em que o livro comprado não necessariamente é lido) e o número de alunos conectados à *internet*, inseparavelmente acompanhados com seus celulares, que tanto lhes atrai a atenção, inclusive durante as aulas – e não estão só olhando a hora, como costumam justificar essa prática, eles estão, de alguma forma, lendo.

¹⁴ Para o conceito de crença e um aprofundamento sobre esse assunto, ver: BARCELOS, A. M F. **Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem em línguas**. In: Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Belo Horizonte, v. 7, n.2, 2007.

De acordo com dados do Painel das Vendas de Livros no Brasil¹⁵, houve, de fato, um crescimento no volume (5,70%) e faturamento (9,33%) da venda de livros entre janeiro e setembro de 2018 comparado com o mesmo período acumulado de 2017 e ainda destaca o crescimento do faturamento para o gênero *Infantil, Juvenil e Educacional*, de 23,11% em 2017 para 24,01% em 2018.

Embora, como dissemos, um livro comprado não significa que foi lido, o aumento do número de leitores já havia sido apontado, de forma mais detalhada, no livro *Retratos da leitura no Brasil 4*, organizado por Zoara Failla, em que é apresentada a 4ª edição da pesquisa homônima realizada em 2015 e que tem como objetivo principal “conhecer o comportamento leitor medindo a intensidade, a forma, as limitações, a motivação, as representações e as condições de leitura e de acesso ao livro – impresso e digital – pela população brasileira” (FAILLA, 2016, p. 163).

Realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL)¹⁶, executada pelo IBOPE Inteligência, usando a metodologia desenvolvida pelo Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y el Caribe (CERLALC) – Unesco, aplicando questionário e entrevistas, presenciais e domiciliares, para 5. 012 brasileiros – base amostral – (residentes, com 5 anos ou mais, alfabetizados ou não), em 317 municípios, entre os dias 23 de novembro e 14 de dezembro de 2015 (Op. Cit. p. 164 - 165), a 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil apresenta dados que detalham o perfil do leitor e do não leitor. Antes de analisarmos alguns desses dados, é conveniente conhecer alguns dos conceitos que a referida pesquisa adotou (Op. Cit. p. 166):

Livros: Consideram-se livros em papel, livros digitais ou eletrônicos e audiolivros digitais, livros em braile e apostilas escolares, excluindo-se manuais, catálogos, folhetos, revistas, gibis e jornais. Este conceito é o mesmo adotado na edição de 2011 da pesquisa.

Livros lidos em partes: Considera-se como livros lidos em partes aqueles dos quais os entrevistados leram apenas algumas partes, trechos ou capítulos. Este conceito foi alterado em 2015.

¹⁵ Levantamento mensal feito pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). A edição de outubro de 2018, última a ser divulgada, pode ser vista em: <https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2018/10/SNEL-09-2018-09T.pdf> (acessado em 20 de janeiro de 2019).

¹⁶ Para saber mais sobre essa associação, ver o site: <http://prolivro.org.br/home/>. Além de outras informações, é possível o *download* do livro *Retratos da Leitura no Brasil 4*, bem como ter acesso à 4ª edição da pesquisa homônima (acessado em 20 de janeiro de 2019).

Leitor: Considera-se leitor aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos três meses anteriores à pesquisa. A definição é a mesma utilizada nas edições anteriores da pesquisa.

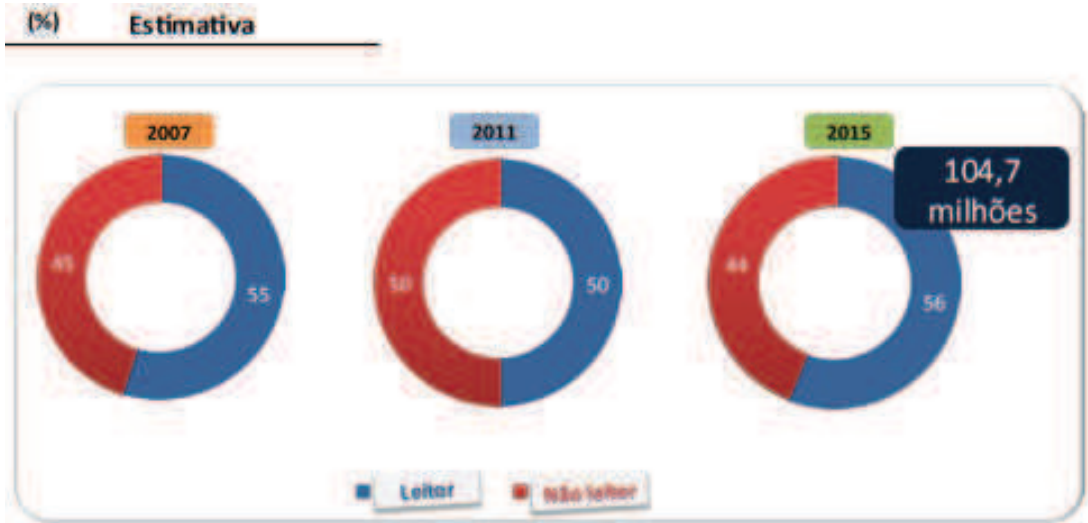
Não leitor: Assim como nas edições anteriores da pesquisa, não leitor é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos três meses anteriores à pesquisa, mesmo que tenha lido nos 12 meses anteriores à pesquisa.

Escolaridade: Refere-se à finalização, com sucesso, de uma etapa formal de estudos. Assim, pode-se dizer que, quando um indivíduo completa todos os anos de uma etapa com aprovação, ele obteve o grau de instrução equivalente. Para se coletar a escolaridade, primeiro, é questionado se o indivíduo sabe ler e escrever um bilhete simples. Se a resposta for sim, pergunta-se até qual ano da escola o indivíduo estudou e se o completou ou não. As opções de resposta se dividem em 11 subcategorias, variando de Analfabeto ou Não frequentou escola formal até Ensino Superior completo ou além.

Com posse desses conceitos, partindo para alguns levantamentos trazidos pela 4ª edição de *Retratos da leitura no Brasil*, constatamos, como já dito, esse aumento de leitores: de 55% em 2007, esse número foi para 50% em 2011 e subiu para 56% em 2015 (ver na Figura 1). Esses números, tantos de leitores quanto de não leitores, são melhores tipificados quanto à escolaridade (ver Figura 2 e Figura 3).

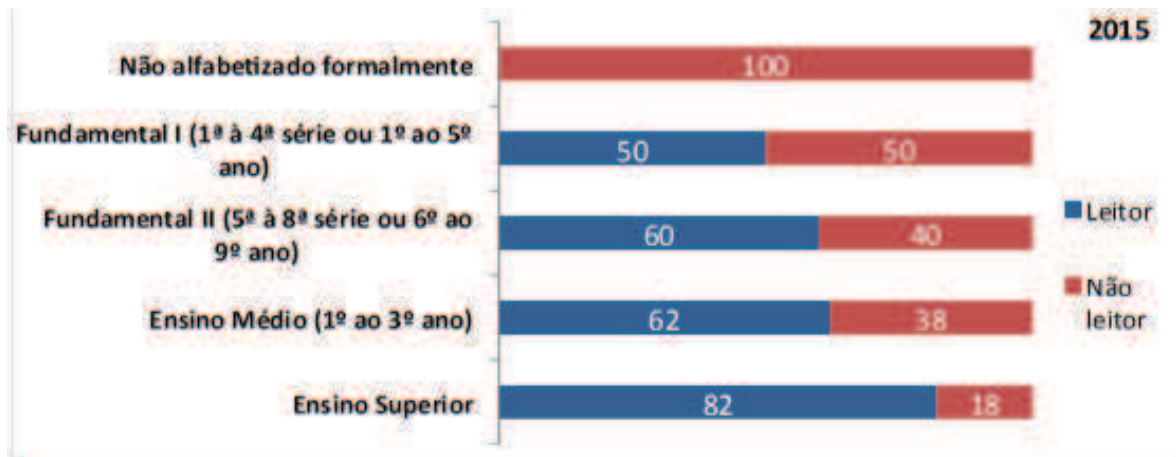
FIGURA 1: Perfil do leitor: estimativa populacional¹⁷.

¹⁷ População brasileira com 5 anos ou mais – 2007 (173 milhões) / 2011 (178 milhões) / 2015 (188 milhões)



FONTE: FAILLA, 2016, p. 185.

FIGURA 2: Perfil do leitor e não leitor: escolaridade (%).



FONTE: FAILLA, 2016, p. 187

FIGURA 3: Perfil do leitor e não leitor: nível de ensino¹⁸ (%).

¹⁸ Base: Estudantes (1137)



FONTE: FAILLA, 2016, p. 188.

Podemos perceber o interesse pela leitura relacionado com a escolaridade (conforme a Figura 2 e 3), o que não significa que seja uma relação proporcional linear. Como mostra a Figura 3, há uma queda do número de leitores entre o ensino fundamental e o ensino médio (de 84% para 78%). Vale ressaltar, contudo, que a pesquisa classifica leitor e não leitor com base na leitura do que ela considera livro, que, como vimos, não inclui, dentre outros, revistas, jornais e gibis. Ou seja, o que ela considera como não leitor (por não ter lido um livro nos últimos três meses da pesquisa) não significa que seja uma pessoa que não pratica atos de leitura. Os próprios dados apresentados na pesquisa permitem chegar a essa conclusão, como veremos a seguir.

No questionário e entrevistas feitos para o levantamento de dados para Retratos da leitura no Brasil (4ª edição), está a seguinte pergunta: “P.08) Quais das atividades que eu vou ler o(a) sr(a) realiza no seu tempo livre? O(a) sr(a) _____ sempre, às vezes ou nunca?” (FAILLA, 2016, p. 234). Lembrando que a base é amostral (5012) e que “em questões múltiplas, nas quais é possível escolher mais de uma opção de resposta, o somatório de frequências pode ultrapassar 100%” (Op. Cit. p. 170), vejamos os resultados apontados pela pesquisa (que só divulgou a % de sempre).

TABELA 1: O que gosta de fazer em seu tempo livre (% de sempre).

(%)	2007	2011	2015
Assiste televisão	77	85	73 ↓
Escuta música ou rádio	54	52	60 ↑
Usa a Internet	18	24	47 ↑
Reúne-se com amigos ou família ou sai com amigos	-	-	45
Assiste vídeos ou filmes em casa	29	38	44
Usa WhatsApp	-	-	43
Escreve	21	18	40 ↑
Usa Facebook, Twitter ou Instagram	-	18	35 ↑
Lê jornais, revistas ou notícias	36	28	24
Lê livros em papel ou livros digitais	-	-	24
Pratica esportes	24	23	24
Passeia em parques e praças	19	19	23
Desenha, pinta, faz artesanato ou trabalhos manuais	-	-	15
Vai a bares, restaurantes ou shows	15	18	14
Joga games ou videogames	10	13	12
Vai ao cinema, teatro, concertos, museus ou exposições	9	10	6
Descansa	50	51	-
Faz compras	24	23	-
Viaja (campo/ praia/ cidade)	18	15	-
Faz artesanato e trabalhos manuais	12	6	-
Desenha, pinta	-	10	-
Não faz nada, descansa ou dorme	-	-	19
MÉDIA DE ATIVIDADES POR ENTREVISTADO	-	-	5,5

FONTE: FAILLA, 2016, p. 234.

TABELA 2: O que gosta de fazer em seu tempo livre (% de sempre): leitor x não leitor.

(%)	2015	Leitor	Não Leitor
Assiste televisão		73	73
Escuta música ou rádio		66	53
Usa a Internet		60	32
Reúne-se com amigos ou família ou sai com amigos		52	37
Assiste vídeos ou filmes em casa		52	33
Usa WhatsApp		53	30
Escreve		54	23
Usa Facebook, Twitter ou Instagram		44	24
Lê jornais, revistas ou notícias		32	14
Lê livros em papel ou livros digitais		37	7
Pratica esportes		30	16
Passeia em parques e praças		28	17
Desenha, pinta, faz artesanato ou trabalhos manuais		19	11
Vai a bares, restaurantes ou shows		15	12
Joga games ou videogames		15	9
Vai ao cinema, teatro, concertos, museus ou exposições		9	3
Não faz nada, descansa ou dorme		17	20
MÉDIA DE ATIVIDADES POR ENTREVISTADO		6,6	4,1

FONTE: FAILLA, 2016, p. 235.

TABELA 3: O que gosta de fazer em seu tempo livre (% de sempre): por escolaridade.

2015 (%)	TOTAL	ESCOLARIDADE				
		Não alfabetizado	Fundamental I (1º a 4º série ou 1º ao 5º ano)	Fundamental II (5º a 8º série ou 6º ao 9º ano)	Ensino Médio (1º ao 3º ano)	Superior
Base: Amostra	5012	433	1179	1231	1521	649
Assiste televisão	73	66	75	78	71	68
Escuta música ou rádio	60	40	50	63	68	68
Usa a Internet	47	7	19	46	67	84
Reúne-se com amigos ou família ou sai com amigos	45	30	35	45	51	59
Assiste vídeos ou filmes em casa	44	22	35	46	49	58
Usa WhatsApp	43	5	13	42	63	76
Escreve	40	10	34	42	45	56
Usa Facebook, Twitter ou Instagram	35	3	10	38	51	61
Lê jornais, revistas ou notícias	24	2	15	18	31	51
Lê livros em papel ou livros digitais	24	5	20	20	25	48

FONTE: FAILLA, 2016, p. 236.

Percebe-se, na Tabela 1, o crescimento do uso da internet (de 18%, em 2007, para 47% em 2015), *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* (de 18%, em 2011, para 35% em 2015). As setas em azul, feitas pela própria instituição de pesquisa, mostram isso. O uso do *WhatsApp* não tem a seta, pois não aparece nas edições anteriores da pesquisa, mas não duvidamos, pela porcentagem aqui apresentada (43%), que ele acompanhou (e, possivelmente, até alavancou) esse crescimento do uso das novas tecnologias.

Essa crescente também é percebida com o avanço da escolaridade, conforme vemos na Tabela 3. Com relação à Internet, 7% dos não alfabetizados declararam seu uso; 19% dos que tem o Fundamental I responderam o mesmo; 46% dos que tem o Fundamental II, também; 67% dos que tem o ensino médio, idem; e 84% dos que tem nível superior também disseram fazer uso dela. As respostas quanto a utilização do *WhatsApp* foram 5% (não alfabetizados), 13% (Fundamental I), 42% (Fundamental II), 63% (Ensino Médio) e 76% (Superior). Já o uso do *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* foi a resposta de 3% dos não alfabetizados; de 10% e de 38% dos que tem, respectivamente, Fundamental I e Fundamental II; de 51% dos que tem Ensino Médio e 61% dos que tem Ensino Superior.

Ainda na Tabela 3, é possível também, constatar, uma crescente na leitura de livros de papel ou digital (5% não alfabetizado; 20% Fundamental I; 20% Fundamental II; 25% Ensino Médio; e 48% Ensino Superior) e de jornais, revistas ou notícias (2% não alfabetizado; 15% Fundamental I; 18% Fundamental II; 31% Ensino Médio; e 51% Ensino Superior). É notório

que esse crescimento é pequeno e tímido se formos comparar com os números das mídias digitais.

O uso das ferramentas digitais está também presente no grupo que a pesquisa condissera não leitor. Como mostra a Tabela 2, 32% dizem usar a internet; 30% o *WhatsApp* e 24% o *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*. É importante ressaltar que esse mesmo grupo, lê jornais, revistas ou notícias (14%) e livros de papel ou digital (7%).

Embora a pesquisa Retratos da leitura no Brasil (4ª edição) não considere leitor, fazer uso das tecnologias utilizando as redes sociais, *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *WhatsApp*, são ações que exigem leitura, tanto de textos verbais (a palavra na tela), quanto não verbais (imagens, *emoticons*, as próprias ferramentas aplicativo) e mistos (as legendas nas imagens, os *memes*). Recorremos aos dados dessa pesquisa para justificar nossa afirmação que, pode não ser uma unanimidade, mas temos, sim, alunos que gostam de ler, pelo menos alguma coisa. No entanto, esse aluno, que demonstra tanto interesse em ler um romance que é sucesso de vendas e/ou as mensagens no seu celular, muitas vezes, não mostra a mesma atenção e empolgação com os textos que são levados para sala de aula.

Diante disso, o professor de língua portuguesa precisa adotar estratégias para um maior envolvimento da turma em uma atividade de leitura em sala de aula, a fim de levar, por exemplo, os alunos que não desgrudam do celular, porque gostam de ler *memes* ou uma conversa em uma rede social, a entrarem em contato com outros gêneros e motivá-los à leitura. Uma dessas estratégias é selecionar textos cuja temática faça parte do cotidiano dos educandos. O tema ou assunto, aliás, foi o item mais escolhido (30%) entre os considerados leitores (2798) na 4ª edição da pesquisa Retratos da leitura no Brasil ao serem questionado: “Qual destes fatores mais influencia o(a) sr(a) na hora de escolher um livro ou autor para ler?” (FAILLA, 2016, p. 192).

FIGURA 4: Fatores que influenciam na escolha de um livro¹⁹

¹⁹ Base: Leitores (2798). Observação: “Os arredondamentos podem fazer com que, em alguns resultados, a soma das categorias parciais não totalize 100% em questões onde só é possível escolher uma opção de resposta” (FAILLA, 2016, p. 170).



FONTE: FAILLA, 2016, p. 192.

2.4 Leitura em sala de aula: abandonando velhas práticas

Em *Aula de português: encontro e interação*, Irlandé Antunes lista algumas práticas de trabalho com a oralidade, a escrita, a leitura e a gramática que considera negativas e aponta para sugestões e orientações de atividades mais significativas. Dentro desse segundo grupo, no que se refere à leitura, estão práticas que promovam a leitura de textos autênticos (ou seja, de textos reais, com sua função comunicativa, em que é possível reconhecer, entre outros, autor, data de publicação, suporte), uma leitura interativa (pois, para que haja compreensão é necessário o encontro entre autor e leitor), em duas vias (com a condição de leitura vinculada com a condição de escrita), crítica (interpretando os aspectos ideológicos), diversificada (a fim de que se alternem as estratégias de leitura e interpretação), entre outros (ANTUNES, 2003, p. 79 - 84).

Concordamos com a ideia da autora de que

Toda atividade pedagógica de ensino do português tem subjacente, de forma explícita ou apenas intuitiva, uma determinada concepção de língua. Nada do que se realiza na sala de aula deixa de estar dependente de um conjunto de princípios teóricos, a partir dos quais os fenômenos linguísticos são precedidos e tudo, conseqüentemente, se decide. Desde a definição dos objetivos, passando pela seleção de objetos de estudo, até a escolha dos procedimentos mais corriqueiros e específicos, em tudo está presente uma determinada concepção de língua, de suas funções, de seus processos de aquisição, de uso e aprendizagem. (ANTUNES, 2003, p.39).

De fato, a abordagem do professor de português influenciará as atividades de leitura em sala de aula. De nada adianta defendermos que o texto é um evento enunciativo de interação se o docente tem uma visão estática e fragmentada da língua e com isso traz para a sala de aula textos irrealis (como o clássico “Ivo viu a uva”) ou destituídos dos seus contextos de produção.

A percepção que o profissional tem sobre a língua influirá na sua prática docente. Como exercitar os conhecimentos que um leitor deverá acionar apontados por Kock e Elias ou as práticas de leitura apontadas por Geraldini, se, diante de um texto, o professor só se preocupa com as questões gramaticais? As questões linguísticas são importantes, mas elas não podem se limitar a sintaxe e morfologia. A língua em uso – e o texto é um exemplo disso – transcende essas questões e um docente de língua materna deve levar a percepção dos alunos para o processo de comunicação, que envolve um contexto de produção – que vai desde a intenção comunicativa, a escolha de um canal, de um gênero, das palavras –, passando pelo seu contexto de circulação e de leitura. Trazer práticas de leitura exercitando a competência leitora como Antunes propõe é trabalhar e exercitar também a competência comunicativa dos alunos.

Os discentes precisam entender que existe um contexto de produção, que são feitas escolhas inclusive pensando nos eventuais leitores, e que um texto precisa lidar com o contexto situacional que o envolve para que a sua mensagem seja propagada e compreendida. Isso, como dito acima, desenvolverá também a competência comunicativa dos alunos, pois, como leitores, eles terão uma ação mais ativa na construção do sentido do texto e fica mais fácil perceber a utilização da língua, que é maleável e precisa se adequar a determinadas situações e condições para alcançar determinados fins.

Desenvolver a competência comunicativa dos alunos por meio do desenvolvimento das habilidades e competências leitoras significa despertar esse aluno para as práticas sociais da fala, da leitura e da escrita. Isso nos remete a uma das primeiras reflexões que fizemos nesse capítulo: qual o tipo de leitor a escola quer formar? O sucesso escolar não pode ser reduzido a um bom desempenho numa prova de múltipla escolha em que o aluno marcou o item correto. Infelizmente, a proficiência leitora é medida por avaliações externas, como a Prova Brasil e o SPAECE (Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica, programa de avaliação externa do estado do Ceará), e as escolas, querendo bons índices, adotam, em seu calendário escolar, vários simulados para “preparar” o aluno para a prova.

Maria Aparecida Garcia Lopes-Rossi, em seu artigo *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos*, afirma que trabalhar pedagogicamente com gêneros discursivos proporciona ao aluno o desenvolvimento da sua autonomia no processo de leitura e produção textual, que será a consequência do contato do educando, por meio de atividades com os gêneros discursivos o que lhe proporcionará o contato e o domínio do funcionamento da linguagem em situações de comunicação (LOPES-ROSSI, 2011, p. 70-71).

Para ela, o professor precisa criar condições para que os alunos entrem em contato com um número diversificado de gêneros discursivos em situações de comunicação real, para que possa se apropriar de suas características linguísticas e discursivas e isso pode se dá através de projetos “que visem ao conhecimento, à leitura, à discussão sobre o uso e as funções sociais dos gêneros escolhidos e, quando pertinente, a sua produção escrita e circulação social” (Op. Cit. p. 71).

Para isso, a autora propõe três módulos didáticos: o primeiro é o da leitura, em que os alunos, em contato com os textos, percebam os aspectos discursivos destes e sua organização composicional, levando em contato as condições de produção e circulação; o segundo módulo é o da produção escrita, que será marcada por revisões e correções até mesmo participativa entre os alunos, com relação ao conteúdo textual e sua organização; o terceiro é o da divulgação ao público, que encerrará a experiência dos alunos com os gêneros do discurso em sua situação real, de uso (Op. Cit. p. 72-78).

Uma vez que citamos práticas pedagógicas de atividade leitora que precisam ser abandonadas, essa, proposta por Lopes-Rossi, precisa ganhar mais espaço em sala de aula. Por conta disso, adotaremos as concepções da autora e as adaptaremos para nossa proposta de atividades com os gêneros discursivos da revista.

Muito além de alguém que sabe identificar uma informação do texto e marcar corretamente no gabarito, a escola deve promover práticas de leitura em que o aluno dialogue com o texto, até mesmo para questionar o próprio texto; que o faça perceber, a partir da sua interação com o que está lendo, um construtor do sentido do texto; que o faça enxergar as relações sociais, culturais, históricas e cognitivas que implicam o evento enunciativo que é o texto e que, diante desse evento, ele também tem um papel ativo; que o faça entender os cotextos e os contextos de um texto e que isso lhe exercite e lhe desenvolva as habilidades e competências comunicativas em diversas situações sociais; que instiguem e ampliem seus conhecimentos e sua visão crítica; que o faça ter voz.

3. A REVISTA E OS GÊNEROS DO DISCURSO: APRESENTANDO A REVISTA SUPERINTERESSANTE

Nesse capítulo, fazemos um breve histórico sobre a revista no Brasil e analisaremos seção supernova da revista *Superinteressante*, suas características, suas seções e os gêneros presentes nela. Antes, no entanto, é necessário tecer algumas considerações.

Bakhtin, Swales, Adam, Bronckart, Kress, Maingueneau... São muitos os teóricos estrangeiros que influenciaram, influenciam e influenciarão os estudos linguísticos sobre gêneros no Brasil. Acontece, porém, que, ainda que se bebam da mesma fonte – por exemplo, a partir das teorias bakhtinianas –, há, nos estudos e pesquisas brasileiros, uma distinção lexical por parte do adjunto adnominal que acompanha o substantivo “gênero”, ou seja, uns usam o termo “gêneros textuais” e outros “gêneros discursivos”. Essa adjetivação da palavra gênero – que é mais uma particularidade da língua portuguesa, pois se trata de uma palavra polissêmica – pode induzir ao erro de que o texto e o discurso são dicotomias, quando, na verdade, a relação entre eles é de completude à atividade enunciativa²⁰.

Portanto, embora haja uma teoria dos gêneros do discurso (ou discursivo) e uma teoria dos gêneros textuais, cada uma com metodologias e procedimentos próprios, elas acabam “por fazer descrições de “gêneros”, de enunciados ou de textos pertencentes ao gênero” (ROJO, 2005, p. 185-186), ou seja, olham um mesmo objeto por perspectivas diferentes e com objetivos distintos. Dito de outra forma,

“Ambas as vertentes encontravam-se enraizadas em diferentes releituras da herança bakhtiniana, sendo que a primeira – *teoria dos gêneros do discurso* – centrava-se sobretudo no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos e a segunda – *teoria dos gêneros de textos* –, na descrição da materialidade textual” (Op. Cit. p. 185).

Reiterando mais uma vez, usamos o termo gêneros do discurso para nos referirmos aos gêneros encontrados na revista, pois ele condiz mais com a perspectiva de leitura aqui abordada. Vale também lembrar que a revista não é um gênero, mas um suporte, pois ela é uma superfície – física ou virtual – que suporta textos em diferentes gêneros, com variados propósitos comunicativos – sendo os do domínio informativos mais comuns – e “pela sua configuração material impõe restrições específicas ao texto quanto a sua dimensão, circulação e forma de leitura” (BEZERRA, 2017, p. 39).

Ainda sobre a questão de gênero e do suporte revista, é pertinente pontuar que o jornalismo não é um gênero. É um equívoco dizer “gênero jornalístico”, ainda que se queira, com isso, referir-se aos gêneros pertencentes ao suporte jornal, sendo mais adequado, nesse caso específico, utilizar “gêneros do jornal”. O jornalismo é um domínio discursivo, pois

²⁰ No item 2.1 do capítulo anterior, a relação entre texto e discurso foi abordada.

“constitui muito mais uma “esfera da atividade humana” [...] e indica instâncias discursivas [...] Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados” (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Findadas as considerações, faremos um breve histórico do periódico revista no Brasil, comentando algumas das publicações e identificando as características que vão moldando esse suporte e seu público.

3.1 A revista no Brasil: história, características e formação do leitor

No dia 13 de maio de 1808, ano da chegada da família real portuguesa ao Brasil, o primeiro centro impressor brasileiro – a Impressão Régia – inicia suas atividades (COSTA, 2007, p.126). Esse início da tipografia juntamente com a autorização por parte de D. João VI para a impressão em território nacional proporcionaram o surgimento dos primeiros jornais e revistas brasileiros editados e publicados aqui. Sobre essas publicações, é pertinente a ressalva de que o uso dos termos “jornal” ou “revista”, no início do século XIX, não estavam tão bem definidos, ou seja, o que hoje temos convencionados como jornal e revista – a saber, o primeiro trazendo o fato ocorrido na véspera enquanto o segundo, “a informação em profundidade, a análise, a crítica e o entretenimento” (Op. Cit., p. 5) – só se estabeleceu a partir de 1870. Isso fazia com que algumas publicações que na época eram chamadas revistas, pelas convenções que foram se definindo ao longo do tempo, seriam consideradas jornais e vice versa.

Ressalva feita, a primeira revista brasileira é de 1812. Lançada em Salvador no mês de fevereiro²¹, quatro anos após a chegada da família real portuguesa em terras brasileiras e a liberação da imprensa, *As Variedades ou Ensaios de Literatura* é considerada a primeira revista a ser editada e publicada no Brasil. Pelos títulos de alguns dos seus textos – “Sobre a Felicidade Doméstica”, “Costumes e Usos no México”, “Instrução Militar”, “Quadro Demonstrativo ou Cronologia da Filosofia Antiga”, “Teoria nova e Curiosa sobre a Origem dos Gregos”, “Da Ciência e das Belas Artes”, “Anedotas e Bons Ditos” –, é possível perceber a diversidade de temas que o periódico trazia nas 30 páginas de sua edição número 1, como também apontava o seu primeiro editorial:

²¹ Sobre a data de publicação, cabe aqui reproduzir a nota de Tatiana Maria Dourado: “A impressão da publicação ocorreu em janeiro de 1812, porém circulou ao público no mês de fevereiro, com data referenciada do mês anterior, confusão que causa estranheza entre pesquisadores” (DOURADO, 2012, p. 3).

“Discursos sobre os costumes e virtudes moraes, e sociaes, algumas novelas de escolhidos gostos, e moral; extractos de historia antiga, e moderna, nacional, ou estrangena, resumo de viagens; pedaços de Authores classicos Portuguezes quer em prosa, quer em verso – cuja leitura tenda a formar gosto, e pureza na linguagem; algumas anedotas, e boas respostas [...] são os materiaes de que tencionamos servir-nos para a coordinação desta obra, que algumas vezes offerecerá artigos que tenham relação com os studos scientificos propriamente ditos, e que possam habilitar os leitores a fazer-lhes sentir a importancias das novas descobertas filosóficas” (AS VARIEDADES apud DOURADO, 2012, p. 3).

Como se vê, a tematização se sobrepõe, dando potencial de ampliação de conhecimento. Há também a referência aos gêneros discursivos (exemplo, novelas, extrato de história antiga, resumo de viagens, prosa literária, poesia). Essa mescla de gêneros, inclusive, vai determinar o estilo e a linguagem da publicação: a presença de um cunho literário em textos informativos.

No ano seguinte, 1813, é lançada no Rio de Janeiro a revista *O Patriota*, cujo nome demonstra o momento de afirmação de um Brasil que recentemente havia deixado de ser colônia e procura a afirmação de uma identidade nacional – e “a imprensa e o jornalismo foram espaços amarradores das discussões identitárias” (COSTA, 2007, p.60).

Por muito tempo considerada a revista pioneira do Brasil²², essa publicação durou apenas dois anos (em 1813 era mensal, em 1814, bimestral). A preocupação do editor com a variedade e o ritmo de informações torna-se perceptível nos textos e na montagem de suas edições. Transparecendo uma proposta de formação e didatismo, em textos de fácil leitura, “*O Patriota* seria com segurança leitura recomendada nas escolas que estavam sendo implantadas por João VI na nova capital do Reino” (Op. Cit., p.62).

Em 1822, ano da independência, surge os *Anais Fluminenses de Ciência, Artes e Literatura*. Em 1827, a Academia de Medicina do Rio de Janeiro lança *O propagador das Ciências Médicas*, que é a primeira revista segmentada por tema no Brasil. Em 1827, nasce o periódico *Espelho Diamantino*, voltada ao público feminino e “trazia temas como literatura, artes, teatro, política, moda, crônicas e anedotas, todos escritos de forma simples e didática para servir ao gosto das senhoras brasileiras” (BAPTISTA, ABREU, ?, p.02).

Outras revistas surgiram nesse período e é possível percebermos nelas a variação temática e a destinação do periódico para determinado público. Todas elas, porém, tinham uma peculiaridade: tiveram existência breve.

²² O equívoco aconteceu pela dificuldade em se encontrar as edições de *As Variedades*, o que a deixava de fora da pesquisa de muitos estudiosos. Em 2012, foi lançada a versão *fac-símile* da primeira edição por conta da celebração de 200 anos da sua edição impressa.

“Por causa do leitorado rarefeito, as tiragens eram pequenas e muitos dos títulos não caíam no gosto do público, faltava algo que atraísse sua atenção. É comum, ao pesquisar as publicações dessa época, deparar com queixas dos editores, sobretudo quando anunciam o encerramento das atividades de um título. Queixam-se da falta de assinantes ou do não pagamento das cotas periódicas, como motivo para pôr fim às publicações. Faltava tudo, até uma visão mais empresarial” (COSTA, 2007, p. 102).

A mudança acontece em 1937 com a revista ilustrada *Museo Universal*. Lançada em 8 de julho, com 16 páginas, no formato, 28 x 20 cm, a publicação semanal circulou até 29 de julho de 1844. Com o subtítulo “jornal das famílias brazieliras”, trazendo textos divididos em duas colunas com uma média de 40 linhas e com muitas ilustrações, o periódico fazia a defesa da nova imprensa, surgida há pouco na Europa, e dizia ter a missão de levar ao leitor as imagens e textos publicados nas revistas europeias (COSTA, 2007, p. 102 e 104).

Os temas abordados – as reportagens dividiam-se nos tópicos agricultura, anedota, astronomia, belas artes, botânica, biografia, economia doméstica, estudos históricos, estudos morais, estudos psicológicos, história natural, indústria, e as miscelâneas – mostram a diversidade da revista em atingir os interesses de um público leitor que não era o acadêmico, mas que aos poucos se alfabetizava. Daí os seus textos terem um caráter formador e explicativo, porém sem o tom professoral. Nos disseres de Costa (2007), “a revista parece a mistura do que é hoje um canal como o Discovery e a *Superinteressante*” (Op.Cit., p. 105).

O caminho aberto pela *Museo Universal* foi seguido por inúmeras revistas no Brasil (por exemplo, *Gabinete de Leitura*, *Brasil Ilustrado* e *Universo Ilustrado*), “Todas elas, elaboradas seguindo os moldes dos magazines europeus: buscavam um caminho para atingir mais leitores e com isto conseguirem se manter no mercado” (BAPTISTA, ABREU, ?, p. 03).

Tentar alcançar um público não alfabetizado, valendo-se da ilustração e seguindo os modelos europeus propiciou o aparecimento das revistas de variedades no Brasil, que têm, como essência de seu projeto editorial, alcançar um público variado e de múltiplos interesses. Scalzo apud Correia (2010) considera o periódico francês *Le Mercure Galant*, de 1672, com notícias curtas, entretenimento e literatura, “o modelo inicial do que viria a ser uma revista de variedades” (CORREIA, 2010, p. 33). No Brasil, ela surge em 1849, com *A Marmota* – publicação que teve três fases, em casa uma, um nome: *A Marmota na Corte* (1849), *Marmota Fluminense* (1852 - 1857) e *A Marmota* (1857 – 1864). Outras publicações que se destacam por servirem de modelo para outras são a *Revista Ilustrada* e a *Semana Ilustrada*, que foi responsável pelas primeiras fotos publicadas em revistas nacionais (em 1864, por exemplo, publicou fotos da Guerra do Paraguai).

Com a utilização de gravuras e agora de fotografias, graças ao avanço da indústria gráfica, a revista ilustrada e de variedades proporcionaram a diferenciação, até então, confusa naquele início de século XIX, entre a revista e o jornal, em outras palavras, “as revistas foram se distanciando mais claramente do modelo adotado pelo jornal, e isso tanto no conteúdo quanto no formato. As revistas começaram a criar um modelo próprio, de fácil identificação” (CORREIA, 2010, p. 34).

O destaque às grandes reportagens e ao fotojornalismo foi o modelo seguido por muitas revistas. Nesse caminho surgiu, em 1928, a revista *Cruzeiro*²³, capitaneada por Assis Chateaubriand, periódico semanal de circulação nacional que, em suas 64 páginas, tratava de assuntos como política, economia, sociedade, esportes, moda, celebridades, arte e cultura, além de fazer uma resenha do noticiário nacional e internacional (a revista contava com o serviço de agência de notícias nacionais e internacionais). A revista teve grande repercussão nacional. Na década de 50, por exemplo, ela circulava com 700 mil exemplares semanais.

Sua principal concorrente era a revista *Diretrizes*, embora essa tivesse uma tiragem que não ultrapassava os 5 mil exemplares. Com conteúdo mais político e com a linha editorial que se opunha à ditadura de Vargas e ao Estado Novo, esse periódico, que surge em 1838, teve “algumas matérias jornalísticas [...] que foram pontos de atrito entre a redação e o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, instituído no governo do Estado Novo a fim de regular a distribuição de informações (censurar) à sociedade” (BAPTISTA, ABREU, ?, p. 08).

Realizada em 2018, o Atlas da Notícia²⁴, mapeou 12.467 veículos – 4.007 rádios; 3.368 jornais impressos; 2.77 redes de televisão; 2.263 sites de notícias; 56 revistas. Uma dessas revistas é a *Superinteressante*.

3.2 A revista “*Superinteressante*”: histórico, estrutura e gêneros textuais

A revista *Superinteressante* nasce do *boom* dos periódicos ocorridos na década de 80. Ela não é uma revista científica – escrita por cientistas e/ou pessoas ligadas à academia e que publica artigos científicos e dissertações –, mas uma revista de divulgação científica – escrita por jornalistas e que publica reportagens e notícias sobre ciências. Podemos dizer que ela herda as conotações que o suporte revista foi se caracterizando no Brasil (e por nós apontadas

²³É possível encontrar a edição número 1, além de outros números da revista, no acervo digital da Biblioteca Nacional (<http://www.bn.gov.br/explore/acervos/bndigital>) (acessado em 01/05/2019).

²⁴Realizada pelo ProJor (Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo) e em sua 2ª edição, o Atlas da Notícia (versão 2.0 – novembro de 2018) pode ser acessado em: https://www.atlas.jor.br/graficos/atlas_relatorio_v2.pdf

no item anterior), a saber, a variedade temática – além de ciências, a *Superinteressante* aborda assuntos ligados à saúde, comportamento, política, tecnologia, atualidades, cultura *pop* (livros, séries, músicas, filmes); a vasta utilização de imagens – fotos, desenhos, gráficos, infográficos; textos com uma linguagem coloquial – sem a formalidade científica da academia, mas de uma forma didática leve e descontraída; e tentando atingir um grande público – leigo.

Daí a caracterização de uma linguagem pessoal empregada em seus textos, tanto para referir a si (“nós da *SUPER*”), quanto para com o leitor, como se fosse uma conversa informal entre conhecidos. Ela não só fala diretamente com o leitor, mais também utiliza exemplos partindo do cotidiano comum das pessoas para explicar ou contextualizar alguma teoria ou descoberta científica de difícil compreensão.

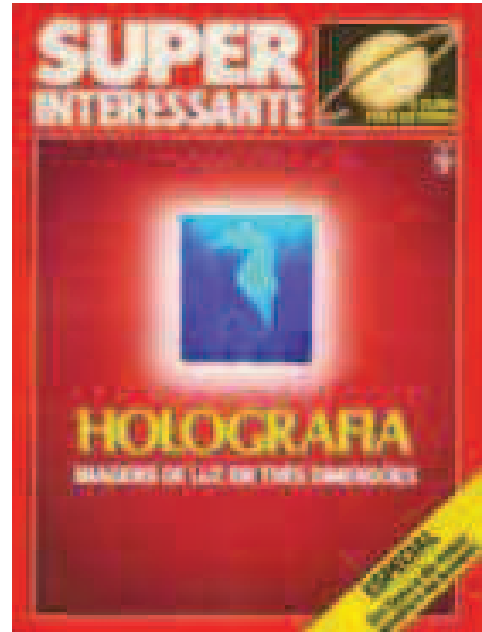
De circulação nacional, com uma variedade de temas – que vai das descobertas da ciência, passando pelas inovações tecnológicas, até a cultura pop e atualidade – e uma linguagem simples e explicativa – pois, apesar de ser uma publicação de temática predominantemente científica, ela é voltada para o público leigo –, a revista *Superinteressante* é um periódico mensal de 76 páginas. Além das reportagens, ela é composta por seis seções: “Carta ao Leitor”, “Essencial”, “Supernovas”, “Capa”, “Oráculo”, “E Se...” e “Última Página”. A seguir, um breve histórico da revista.

3.2.1 Breve histórico da *Superinteressante*

Em 1987, a editora Abril compra os direitos de publicação da revista espanhola *Muy Interesante*. O que era para ser apenas uma tradução para o português do periódico europeu, porém, encontrou um entrave: o fotolito (espécie de chapa de metal em que se carimba a tinta no papel) enviado da Espanha era de um tamanho diferente do que se usava na editora, o que fez com que a edição brasileira passasse a produzir suas próprias matérias. Em setembro do mesmo ano, antes de sua estreia nas bancas, um pequeno exemplar da revista, contendo 20 páginas, foi distribuído gratuitamente dentro das outras revistas do grupo Abril. 2 milhões de exemplares foi a tiragem dessa “amostra grátis”.



Fonte: Site da *Superinteressante*



Fonte: Site da *Superinteressante*

O número 1 da revista *Superinteressante*, estampando a imagem de um trem bala na capa, numa moldura vermelha (marca por muito tempo associada à revista), chega às bancas em outubro de 1987. Com duas reimpressões esgotadas, a publicação ganhou a receptividade do público. Para se ter uma ideia, só no primeiro dia, 5 000 pessoas tornaram-se assinante. A publicação tenta surpreender o público. A edição 09 (junho/1988) traz, pela primeira vez em uma revista brasileira, uma holografia na capa, a imagem tridimensional de um cavalo marinho. Nessa mesma edição, a matéria “o livro da vida, edição integral” informa sobre um projeto que ainda estava no papel e buscava financiamento. Trata-se do Projeto Genoma, o maior projeto da história da ciência, concluído em 2001.

Percebe-se, já nas primeiras edições, que a publicação preocupa-se em inovar não só nos conteúdos, mas também no formato, na apresentação das matérias e imagens. Por conta dessa preocupação, ao longo dos anos, é comum mudanças gráficas, de formatos, seções e fontes ocorrerem na revista. A primeira grande reforma aconteceu no número 86 da revista, que saiu em novembro de 1994. Antes, “os textos corriam em colunas, as fotos ficavam confinadas nos cantinhos e serviam só para ilustrar – havia muito pouca integração entre texto e arte”, diz Denis Russo Burgierman²⁵, jornalista que foi diretor de redação da revista. Com a mudança, a publicação passou a ser mais informal e “pop”. Nessa mesma edição, pela primeira vez na *Superinteressante*, aparece o infográfico (ilustrações seguidas de notas explicativas), coluna que ganhou diversos prêmios nacionais e internacionais para a revista.

²⁵ Disponível em <https://super.abril.com.br/historia/15-anos-de-super/> (acessado em julho de 2018)

Outra mudança impactante, segundo foi em agosto de 2000, com a chegada do editor Adriano Silva, que veio com a proposta de diminuir a distancia entre a revista e o seu leitor, passando agora a bordar temas polêmicos, como a eutanásia e o aborto. Como resultado, as vendas da revista aumentaram. Em 2001, a média mensal de vendas foi de 111 000 exemplares, superando a do ano anterior, que tinha sido de 93 000.

Imagem 03



Fonte: Site da *Superinteressante*

Imagem 04



Fonte: Site da *Super Interessante*

A última grande mudança ocorreu em maio de 2015, no número 346. Além do visual, a revista traz novas seções, novas fontes, novos formatos. Pela primeira vez ela deixa de ter a sua moldura na capa. O site da *Superinteressante* também é reformulado: mais Blogs, vídeos, informações. A reportagem de capa desta edição aborda a corrupção, mostrando que os temas abordados na publicação continuam abrangentes. Essa diversidade temática vem da virada do século: ao lado dos temas científicos, assuntos sobre economia já apareciam na revista desde o final da década de 90 e, em agosto do ano 2000, tentando se informalizar ainda mais e, com isso, aproximar-se mais do público, a revista passa a abordar temas como drogas, eutanásia, aborto e religião.

A interação com o público aumenta ainda mais. A edição 349 (julho de 2015) traz uma matéria de capa sobre “Estupro”, com depoimentos de mulheres vítimas de tal crime. Na edição seguinte, lia-se no editorial:

Quando lançamos a edição passada, que trazia na capa a reportagem “estupro – o mais acobertado dos crimes”, 300 mulheres espontaneamente nos mandaram suas histórias traumáticas – e muitas delas nunca tinham sido compartilhadas com ninguém.

A capa sobre estupro, aliás, foi um marco na trajetória desta comunidade [a revista *Superinteressante*]. Um post que publicamos no Facebook no mês passado atingiu mais de 20 milhões de pessoas – um recorde para nós. (SUPER INTERESSANTE, ed. 350, agosto de 2015).

A edição de número 400 (março/2019) traz em seu editorial informações sobre o contato entre o público e a revista através do meio virtual: são 13 milhões de visitantes únicos por mês, 73 mil assinantes digitais, 3,9 milhões de seguidores no *Facebook* e também no *Twitter* e 550 mil seguidores no *Instagram*.

Pelo histórico, percebe-se que a revista tem uma pluralidade temática, reformula bastante a sua “aparência” e traz inovações. Percebe-se também o vínculo forte do periódico com as novas tecnologias, seja abordando estas em suas matérias, no lançamento de produtos e/ou conteúdos virtuais (o próprio site da publicação ou um conteúdo que é acessível com o uso de aplicativos a partir da página da *Superinteressante*).

3.2.2 As seções da revista *Superinteressante* e os gêneros do discurso

Além de reportagens e infográficos, a revista *Superinteressante* tem as seguintes seções: “Carta ao Leitor”; “Essencial”; “Supernovas”; “Capa”; “Oráculo”; “E Se...”; e “Última página”.

A seção “Carta ao Leitor” é o editorial. O texto possui uma linguagem bem acessível e explana sobre um assunto que será abordado naquela edição, antecipa temas e recomenda matérias ou então apresenta (e sugere a leitura de) alguma outra publicação especial.

Em “Essencial” temos duas subseções: “Uma Imagem...” e “...Uma Opinião”. Na primeira, há sempre uma imagem (como podemos ver na imagem 05) e uma explicação. A imagem toma duas páginas da revista; a explicação, sempre vindo na página posterior, é um pequeno texto informativo, que conta sobre a imagem, onde foi tirada a foto, o que significa. O gênero aqui presente é a foto – legenda, pois faz o uso de uma imagem e a contextualização dela; na segunda subseção, temos um artigo de opinião, pois se trata de um texto argumentativo, escrito por um especialista convidado, sobre um tema que, nos últimos meses, foi destaque nas mídias. A temática aqui é bem variada e atual. Nesse gênero discursivo, é comum o posicionamento de quem escreve com relação a determinado tema e a defesa desse ponto de vista por meio de argumentos.

Imagem 05



Fonte: *Superinteressante* (dez/2018)

Na seção "Supernovas", temos o gênero notícia, com textos informativos, trazendo novidades da ciência, tecnologia e da cultura pop. O texto é sempre conciso e, por vezes, é seguido por uma imagem, que pode ser uma foto ou desenho. Ela divide-se em “Fatos”, “*Playlist*” e “*Tech*”.

A seção “Fatos”, além de notícias sobre ciências, traz as seguintes divisões:

- "Enquanto Isso": uma notícia que mostra um acontecimento bastante divulgado pela mídia – quase sempre ligado a uma celebridade – e outros eventos que ocorreram no mesmo período – quase sempre uma descoberta científica relevante –, mas que não tiveram tanta atenção nem divulgação.
- “Entrevista”.
- “3 Notícias Sobre”: três breves notícias sobre um mesmo assunto.
- “Não É Bem Assim”: coluna de *fact-checking* sobre algum boato, dividida em três partes: “A Notícia”, “O Que Ela Dizia” e “Qual é a Verdade”.

Na seção “*Playlist*”

- “*Playlist*”: temos uma lista informativa com imagens, gráficos e pequenos textos. Os temas são variados e costumam ser ligados a um acontecimento recente (por exemplo, o lançamento de um livro ou de um filme).
- “Entrevista”
- "Pérolas do Mês": outra lista, agora com indicação de leituras (livros, quadrinhos) ou filmes, curtas, documentários, desenhos, séries e canais que se

encontram na internet ou em algum serviço de streaming. Os textos aqui, além do seu caráter informativo, fazem um juízo de valor sobre o item indicado.

Na seção “*Tech*”, além de notícias sobre tecnologia e sobre os lançamentos de produtos eletrônicos, temos:

- "Você Decide": uma lista de projetos do *crowdfunding* (o financiamento virtual), com as informações de quem é o projeto, em que consiste, qual a meta de arrecadação que quer alcançar e qual a possibilidade disso acontecer.
- "Teste Super": Outra lista. Nessa seção, a revista testa um produto de várias marcas e indica os pontos positivos e negativos. O texto tem caráter informativo e argumentativo. Há sempre a imagem dos produtos com informações detalhando o nome, o fabricante e o preço.

Em “Capa” temos a reportagem principal da edição, que, por conta disso, tem mais páginas que as demais reportagens da revista. O tema da reportagem, tanto a de capa quanto as outras, é bastante variado e sempre acompanhado por muitas imagens.

"Oráculo" é a seção de perguntas dos leitores, respondidas por uma espécie de personagem chamado Oráculo, que tem o nada modesto epíteto: “o senhor de todas as respostas”. Há uma diversidade de temas nas perguntas. Nas respostas, não é raro termos, também, a explicação de um especialista no assunto. É comum vermos uma espécie de conversa informal e descontraída, tanto por conta da linguagem quanto por conta da relação que se estabelece entre quem faz a pergunta e o Oráculo. Este, por exemplo, tem o costume de fazer trocadilhos, seja com o nome da pessoa, do lugar ou do tema da pergunta.

Essa seção é subdividida em quatro: “Pá Pum”, “Lista”, “Conexões” e “Manual”. A seção "Pá Pum" e “Lista” também fazem parte das perguntas dos leitores, mas elas são feitas e respondidas de uma maneira curta e direta. Naquela, a questão é sempre numérica, ligada à quantidade, e a resposta é um número; nesta, a resposta é um texto com linguagem mista (texto verbal e imagens). O gênero presente nelas duas, bem como na seção “Oráculo”, é o tira dúvidas, porém, podemos classificar a seção “Lista”, também, como gênero lista e infográfico.

Em “Conexões”, temos o gênero verbete enciclopédico. Aqui se utiliza duas palavras foneticamente parecidas – pode ser nome de pessoa, de filme, de música – e tenta se estabelecer uma conexão entre elas, por exemplo, a conexão de Botox a Xerox (janeiro/2019).

“Manual” é um texto injuntivo e traz sempre uma questão que situa um problema e o passo a passo que se deve proceder para solucioná-lo.

Em “E se...” temos sempre a descrição de uma situação a partir de uma hipótese. A da edição 398 trazia o título: “E se... o futebol não fosse popular no Brasil?” (janeiro/2019). Por algum tempo essa coluna foi chamada de “Realidade Alternativa” e, ao invés do texto informativo descritivo, tínhamos um conto literário, com viés fantástico. Na seção “Última Página”, há um infográfico, com informações por meio de imagens, palavras e gráficos com temas variados.

A relação entre as seções da revista e o gênero do discurso é a seguinte:

Tabela 4- Super Interessante: relação entre seções e gêneros

REVISTA SUPER INTERESSANTE	
SEÇÃO DA REVISTA	GÊNERO DO DISCURSO
Carta ao Leitor	Editorial
Uma Imagem...	Fotolegenda
...Uma Opinião	Artigo de Opinião
Supernovas Enquanto Isso 3 Notícias Sobre...	Notícia
<i>Playlist</i> Pérolas do Streaming Você decide Teste Super Lista	Lista
Capa E Se...	Reportagem
Oráculo Pá pum Lista	Tira Dúvidas
Conexões	Verbetes Enciclopédico
Manual	Instrucional
Realidade Alternativa	Conto literário
<i>Playlist</i>	Infográfico

Última Página Lista	
	Entrevista
	Propaganda

3.3 Gêneros do discurso presentes na revista

Uma revista tem a variação de temas e assuntos, mas possuem seções fixas e, conseqüentemente, ela torna-se suporte de alguns gêneros que lhes são característicos – por exemplo, a reportagem, a notícia e a entrevista – e que possuem, como objetivo mais comum, informar. No texto *Os Gêneros do Jornal: Questões de Pesquisa e Ensino*, de Aldair Bonini, o autor identifica os gêneros presentes nas seções do *Jornal do Brasil* e diz:

Um gênero pode ser convencionado como suporte de outro gênero (ou de outros). O Jornal, neste sentido, é um típico exemplar de suporte convencionado que eu tenho denominado de hipergênero, uma vez que é um gênero constituído de vários outros (BONINI, 2011, p. 57-58).

Aplicando esse mesmo raciocínio à revista, podemos afirmar que, assim como o jornal, ela possui gêneros que comportam outros gêneros, ou seja, dentro de uma reportagem, podemos encontrar uma entrevista, um infográfico, uma foto com legenda; junto da notícia pode vir uma imagem ou gráfico.

Outra consideração que esse autor faz ao jornal e aos gêneros presentes nele – e que também aplicamos ao suporte revista e os gêneros que ela traz – é em relação à classificação dos gêneros: as fronteiras entre os gêneros são vagas a ponto de haver um entrelaçamento entre eles (como exemplos ele cita a resenha e a crítica, que são gêneros, segundo o autor, que se sobrepõem; o artigo de opinião, o comentário e a análise, que, para ele, não têm uma nítida distinção; e uma reportagem que ”dependendo do material coletado, pode se parecer com uma notícia, com um perfil ou com uma entrevista” (BONINI, 2011, p. 64)) e que há casos em que não fica evidenciado o que é gênero e o que é seção (Op. Cit., p. 62).

Sabemos que categorização de um gênero é uma questão conflituosa e difícil de fechar em uma palavra final, pois, pela própria dinamicidade da língua, a classificação e a conceituação de gênero será sempre uma questão em aberto, visto que ela é histórica e cultural. A classificação dos textos da revista *Superinteressante* em gêneros e a apresentação das seções que fizemos se deu por questões didáticas, a fim de facilitar a discussão aqui levantada. Pudemos, no entanto, perceber esse entrelaçamento apontado por Bonini: a seção

Playlist possui uma coluna homônima que classificamos em dois gêneros, lista e infográfico; a seção “Lista”, presente na seção de cartas do leitor, foi classificada em três gêneros: lista, tira dúvidas e infográfico. A dinamicidade do gênero torna-se evidente ao compararmos o conteúdo da revista com o conteúdo do seu *site*: a mesma notícia que se encontra na seção “Supernovas” da revista está como uma postagem de blog no *site*; o verbete enciclopédico da seção “Conexões” da revista está como vídeo informativo no *site*.

Sabendo que “todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objetivo discursivo e finalidade discursiva, sua orientação de sentido específica para com ele e os outros participantes da interação” (RODRIGUES, 2005, p. 167), identificamos, nos gêneros da revista, textos de conteúdo informativo, textos de conteúdo opinativo e textos de conteúdo informativo e opinativo.

3.4 Por que a revista *Superinteressante* como instrumento pedagógico para a leitura?

Por que usar a Revista Super Interessante nas aulas de língua portuguesa, em atividades de leitura em sala de aula? Como discutido, o tema ou assunto influencia bastante o leitor na hora de escolher um livro (ver Figura 4). A variedade de temas da Revista *Superinteressante* aumenta a possibilidade de despertar o interesse do aluno. As próprias notícias sobre tecnologia, tão presente na vida deles (ver Tabela 1, 2 e 3), facilitam aguçar a curiosidade. A linguagem utilizada na publicação ajuda na compreensão das matérias. Apesar de trazer temas da atualidade, falar sobre a tecnologia, ter matérias sobre a cultura pop, uma série ou um game, a primeira justificativa para usar a revista é a ciência.

Mesmo de uma maneira descontraída, a revista *Superinteressante* fala sobre a ciência e suas descobertas e seria muito proveitoso se os alunos conhecê-las. Ao escrever *Uma breve história do tempo*, Stephen Hawking queria mostrar, ao máximo de pessoas possíveis, o avanço da ciência em relação ao conhecimento do universo (HAWKINGS, 2013, p. 103). Autor de outras obras clássicas, ele afirma: “Acho importante que as pessoas tenham uma compreensão básica da ciência, para que possam tomar decisões esclarecidas neste mundo cada vez mais científico e tecnológico” (HAWKINGS, p. 111-112). A revista pode ser usada como uma ponte de acesso ao conhecimento da ciência, principalmente nesses tempos em que as opiniões querem se sobrepor aos fatos, ainda que estes sejam científicos (vide o número crescente de Terraplanistas, que acreditam que a terra é plana) e que a algumas ideologias e dogmas religiosos querem ocupar nas escolas o lugar do conhecimento científico.

Continuando nossa apologia ao uso da revista *Superinteressante*, sabemos que trabalhar a cultura local e a regionalidade, levando para sala de aula textos sobre essas

temáticas, é imprescindível. É de Elói Teles, grande incentivador da cultura popular do cariri cearense, a seguinte frase: “negar a cultura popular é rasgar a nossa própria identidade²⁶”. É importante e necessário que se trabalhe a cultura local e que se desperte no aluno a questão da identidade. Que a escola trabalhe textos que proporcionem e propiciem tal finalidade. Levar textos sobre as descobertas da ciência, porém, não anula isso. Ao contrário, enriquecem ainda mais o conhecimento.

Ampliar o mundo sócio – cultural – intelectual do indivíduo é uma forma de implicar mudanças desse indivíduo como leitor, inclusive da sua própria realidade, podendo fazê-lo mais crítico. Se, como disse Paulo Freire, “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2011, p.19), ampliar a visão e compreensão de mundo da pessoa resultará na mudança da visão e compreensão dessa pessoa como leitora. A revista *Superinteressante* é uma possibilidade de ajudar a ampliar o mundo do aluno, até por conta da diversidade de assuntos em suas matérias.

Por último, e não menos importante, a revista, tanto por conta do tema de suas matérias quanto pelo uso do site, traz a possibilidade de se trabalhar com as tecnologias. As novas tecnologias, principalmente as de informação e de comunicação, precisam ser vistas e utilizadas, não como inimigas, mas aliadas da escola e dos professores na questão do ensino e aprendizado. A *Superinteressante* possibilitará trazer essas tecnologias, seja como assunto, seja como vídeo ou acesso ao site, para a sala de aula.

Essas são as razões para se usá-la em sala de aula. Ela não é, como se pode ver, uma resposta, mas uma possibilidade. A forma como o professor utilizará a revista, as estratégias e os objetivos que ele traçou para usá-la é quem potencializará a *Superinteressante* como ferramenta de letramento.

²⁶ Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/suplementos/cariri-regional/mestre-antonio-aniceto-recebera-homenagem-1.1336025> (acessado em 10 de abril de 2018)

4 A LEITURA NO 9º ANO A PARTIR DE TEXTOS DA REVISTA: POSSIBILIDADES PARA AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

A partir do que entendemos como texto e leitura, seguindo abordagens didáticas que se afastem do tradicional, apoiando-se em Antunes (2003) e Lopes-Rossi (2011), neste capítulo, apresentamos as sugestões de atividades leitoras a partir da seção “Supernovas” da Revista *Superinteressante*, indicando os objetivos pedagógicos que se espera alcançar. Longe de ser um receituário, apontamos possibilidades de abordagens pedagógicas com o uso da revista a fim de que o professor de português, ao planejar sua ação docente, possa contar com o suporte revista como instrumento didático para alcançar seus objetivos.

4.1 Advertência

É mister, antes de darmos início as propostas, acentuarmos três questões que, a bem da verdade, são admoestações de pontos relevantes que precisam ser realçados sobre o nosso produto, mesmo correndo o risco de parecermos repetitivos.

O primeiro ponto é que não iremos dar uma receita que deve ser seguida à risca. O que trazemos são sugestões que podem (e devem!) ser adaptadas à realidade da sala de aula, dando toda liberdade ao professor de língua portuguesa de alterar de acordo com a sua criatividade e sensibilidade.

Indo nessa mesma direção, o segundo ponto diz respeito especificamente ao uso da revista *Superinteressante* em sala de aula. As outras seções da revista poderiam servir como auxílio para o professor de língua portuguesa em atividades de leitura e até para os objetivos dessa nossa pesquisa. Na seção “uma imagem...” é possível trabalhar a leitura imagética e as inferências dos alunos; na seção “...uma opinião” pode se trabalhar a argumentação; a relação das imagens com as matérias e a própria capa da publicação trazem referências que proporcionam atividades de leituras que requer a ativação do conhecimento de mundo e enciclopédico. A revista tem um potencial riquíssimo.

Como anteriormente dito, porém, em nenhum momento queremos substituir o livro didático pela publicação e nem proibir ou coibir a utilização de outros periódicos. Jamais queremos fechar, principalmente em relação à atividades de leitura, em apenas uma prática de atividade ou em um único caminho. Queremos, ao contrário, inspirar, novas práticas de leitura e novos caminhos. O uso da *Superinteressante*, como já atenuado, é uma possibilidade que almejamos trazer também inspiração ao docente para novas perspectivas de utilização de outras revistas em atividades de leitura e até dos próprios textos trazidos no livro didático.

Continuando as admoestações, a terceira advertência destoa das outras duas, pois se refere à parte física e material da aplicação das nossas sugestões de atividade leitora. Não queremos dizer que nosso produto seja inexecutável, porém admitimos a necessidade de uma estrutura de apoio ao docente, como cópias de Xerox, data show, Wi-Fi. Sabemos que as questões materiais e estruturais não podem ser desculpas para que o professor não realize o seu trabalho da melhor forma possível, pois, apesar das adversidades, ele é um profissional que, de forma ética e responsável, deverá dar o seu melhor. Entretanto, acreditamos que o docente precisa de apoio pedagógico, logístico, material e estrutural.

Outra realidade que não inviabiliza, mas pode comprometer a aplicação das sugestões é a contingência de alunos por sala. O estado do Ceará, por exemplo, nas escolas de ensino médio em tempo integral que vem implementando, estabelece o número de 45 alunos por turma²⁷. Repetindo: o professor é um profissional que precisa de apoio e condições para exercer o seu trabalho, mesmo que a falta desse apoio não justifique o descumprimento dos seus deveres docentes ou um trabalho aquém do esperado. Porém, a falta de recursos materiais e estruturais (Xerox, notebook, data show, internet, Wi-Fi, biblioteca, sala de informática) e, principalmente, turmas lotadas não colaboram, ao contrário, são empecilhos e adversidades que se somam a outros empecilhos e adversidades que esse professor encontra no exercício de sua profissão. Essa questão precisa ser dita.

Por último, as propostas de atividade de leitura aqui apresentadas estarão ligadas à exercícios de escrita e oralidade, afinal a retextualização de um texto lido e a argumentação e a justificativa, ainda que pela fala, de porque concorda ou discorda de uma informação trazida no texto, fornecerão indicativos mais plausíveis de uma bem sucedida (ou não) compreensão textual por parte do aluno do que um item assinalado em uma questão de múltipla escolha.

Também entendemos que a prática docente não pode acontecer a partir de um planejamento assistemático ou guiado por um senso comum pedagógico – e, por ser senso comum, acrítico. Pelo contrário, acreditamos que o professor deve agir com critérios bem definidos em sua ação docente, tanto no método quanto no procedimento, pois concordamos com Luckesi quando diz:

“Não basta relacionar qualquer coisa num planejamento. Há necessidade de estudar que procedimentos e que atividades possibilitarão, da melhor forma, que nossos alunos atinjam o objetivo de aprender o melhor possível daquilo que estamos pretendendo ensinar” (LUCKESI, 1994, p. 105).

²⁷ Ver Portaria nº 1305/2018 – GAB, item 7.2.2.1, publicada no Diário Oficial do Estado, nº216, em 20 de novembro de 2018.

Por conta disso, abordamos a revista pensando nos processos de ensino-aprendizagem em que o professor, em sua atividade docente, identifica as fragilidades e/ou dificuldades leitoras via realização de um diagnóstico, propõe uma atividade e avalia se atingiu o resultado. Tomando a proposta de Lopes-Rossi para o trabalho pedagógico com os gêneros do discurso, os três módulos – leitura, escrita e divulgação – consistem em etapas das atividades propostas, tendo como objetivo o contato com as características estruturais do gênero, a informatividade do texto e a identificação do contexto situacional de sua produção, estabelecendo a interlocução com o autor durante a leitura; a reconstrução das características estruturais do gênero, a adaptação da linguagem e do formato durante a escrita (e reescrita); o letramento por meio do contato do gênero do discurso em sua situação real de uso, primeiro através da leitura da revista e, a posteriori, durante a divulgação dos textos dos alunos.

4.2 Planejando atividades de leitura a partir da revista

O que sugerimos com a *Superinteressante* é apenas uma possibilidade. Outros usos ela e outras revistas poderão ter como auxílio nas atividades de leitura. Tudo dependerá da criatividade e do planejamento didático do professor de português em utilizá-las como instrumento pedagógico.

Pelo o que foi apresentado, a revista é um meio de comunicação que a escola não pode agir com indiferença. A escola, aliás, não deve ser um lugar de silenciamento de ideias, de expressões culturais, de vozes. Ações didáticas com o uso da revista – um projeto pedagógico, uma sequência didática, a criação de espaços de leitura com acervo de periódicos – ajudam a quebrar esse silêncio. Por sua variedade temática e riqueza de informações, além de proporcionar novos saberes aos alunos graças ao seu acesso, ela também pode ser ponte para a comunicação com os saberes dos alunos e suas vivências.

Oriundos do projeto político-pedagógico da escola e da realidade dos alunos e da comunidade escolar é possível criar projetos pedagógicos e/ou temáticos²⁸ com atividades utilizando a revista e envolvendo a dimensão do trabalho (por exemplo, mapear as bancas da cidade e fazer um levantamento sobre o fluxo de vendas, as mais vendidas e um perfil do público consumidor; fazer um levantamento das revistas que vendem produtos – *Natura*, *Avon*, *Jequiti*, entre outras –, qual o meio de circulação delas e o público, verificar as diferenças e similaridades entre essas revistas e seus consumidores com as da banca de

²⁸ Sobre projeto didático e seus benefícios (como a possibilidade de estudo de temas de interesse dos alunos, a oportunidade de vivenciar uma experiência crítica e criativa, ajudando o desenvolvimento da capacidade dos alunos), ver Suassuna, Melo e Coelho (2006, p. 231 – 233).

revista), a dimensão da cidadania (fazer um levantamento se existe um acervo de revistas na biblioteca municipal – se houver uma biblioteca municipal! – e, caso haja esse acervo, catalogá-lo; escrever para a Secretaria de Cultura e para a Secretaria de Educação uma carta argumentando a importância da revista e solicitando a aquisição delas, com uma lista de sugestões justificadas, para o acervo da biblioteca pública e da biblioteca da escola, respectivamente; pensar na criação de espaços de leitura de revistas; planejar e construir um acervo atrativo de revistas para as repartições públicas em suas salas de espera, realizando campanhas de incentivo para a leitura delas) e a dimensão da vida pessoal²⁹ (os alunos fariam um mostruário com as revistas que eles têm contato, socializando sua relação com elas; a criação de uma revista pelos alunos com a temática de seus interesses).

As ações ditas no parágrafo acima deverão ser realizadas a posteriori. A priori deve haver o contato entre o aluno e o suporte revista – esta na sua diversidade de tipos e variedade de temas (revista jornalística, científica, de música, de crochê, de bordado, de pontos, de signos, de fofoca, de turismo, religiosa, de cinema, de quadrinhos, de *games*, de história, literária, de turismo, de educação, de paisagismo e decoração, automobilística, de esporte, de violão, de mitologia, de filosofia, de pesca, entre outras) – e tanto a o professor quanto a escola devem proporcionar e propiciar esse encontro. A informatividade dos textos que esse suporte traz, além do trabalho com a linguagem e a língua, permite que se leve para sala de aula temas da atualidade e sociais, possibilitando um horizonte novo de saberes aos alunos e sendo uma oportunidade de desenvolver a consciência social e cidadã deles. O uso da revista, como se pôde ver, vai além da aula de português, podendo ser utilizada em projetos e atividades interdisciplinares. As possibilidades estão na criatividade do professor (VIANA; SILVA, 1997, p. 95).

4.3 Abordagem inicial da revista na sala de aula: identificando desafios e possibilidades na formação do leitor

A ação que iremos propor tem o objetivo de promover o contato inicial, em sala de aula, dos alunos com o portador “revista” e, posteriormente, com os textos existentes no suporte revista. Este contato inicial pode ter como finalidade averiguar: o comportamento leitor dos alunos; a relação com o suporte “revista”; os contextos socioculturais de acesso a esse suporte; a experiência e o contato do educando com outros suportes e gêneros discursivos.

²⁹ Sobre as dimensões ou campos do trabalho, cidadania e vida pessoal, ver Garcia, Silva e Felício (2012, p. 123).

Paulo Freire nos lembra do respeito que se deve ter aos saberes dos alunos e que o docente, mais do que apenas ter ciência deles, deve “discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos” (FREIRE, 1996, p. 30). A sondagem dos alunos em relação à leitura (se eles têm ou não o hábito de ler, quais os temas que, entre os que leem, despertam maior interesse) garante ao professor de língua portuguesa informações que o auxiliarão na sua prática pedagógica.

Uma das práticas para fomentar a leitura do texto literário nas aulas de português consiste no professor e nos alunos levarem livros para que um deles, por votação da turma, seja selecionado e o professor inicia a leitura em sala até o ponto em que quiser. Findada a leitura, ele entrega o livro, seguindo a lista de chamada, para o primeiro aluno presente. Este leva o livro para casa e, na aula seguinte, faz a leitura até o ponto que quiser. Terminada a leitura, o livro é entregue para o aluno subsequente na chamada que fará o mesmo procedimento, dando continuidade a leitura na aula seguinte. Ao término do livro, outra obra é escolhida em votação pela turma. Já ouvi relatos positivos sobre essa prática, que diziam respeito ao envolvimento e empolgação dos alunos.

A *Superinteressante* não é um texto literário, mas a prática descrita acima pode ser feita com a revista, com algumas adaptações. O professor pode levar alguns exemplares da publicação para que os alunos escolham e levem o periódico para casa. Com esse exercício, o docente promove, entre os discentes e o suporte revista, o contato – que para alguns poderá ser o inicial.

Na aula seguinte, esses alunos socializariam a experiência respondendo as perguntas: o que leu? Gostou de algo? O que você recomendaria para a turma e por quê? O professor anotaria esses gostos (se foi uma matéria científica, algo relacionado à cultura pop e/ou tecnologia), pois são informações sobre o interesse dos alunos e isso pode ajudar o docente nas escolhas de textos com essas temáticas para trabalhar em sala. Ao fim, outros alunos levariam as revista para casas para procederem da mesma forma na aula seguinte.

Há alguns possíveis ganhos pedagógicos com essa atividade. O contato do aluno com a revista é benéfico. Ainda que, no dia seguinte, seja possível que algum aluno diga que não leu a revista, o fato de ele ter folheado o periódico já não deixa o resultado negativo nem nulo. Mesmo na hipotética situação em que o discente colocou a revista na mochila e só a retirou no outro dia para devolver ao professor e alegar que nada leu, o saldo fica positivo por conta que o docente exerceu – e precisa ter consciência disso – um de seus papéis, a saber, o de intermediário entre o texto e o aluno, favorecendo a esse o acesso àquele.

A socialização da experiência também faz parte desses ganhos, pois acreditamos que “não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade” (FREIRE, 2006, p.38). Com a oralidade³⁰, além de ser uma oportunidade de trabalhar os turnos de fala, é possível a promoção da escuta e de um debate pautado pelo respeito, afinal, quando se escuta alguém dizendo que gostou de determinada matéria, que apreciou certa informação e/ou deteve mais sua atenção a um conteúdo de sua predileção, o “gosto” já traz aspectos subjetivos que podem não ser os mesmos de quem escuta e a sala de aula deve ser palco dessa confrontação de gostos, mas sempre primando pelo respeito e a tolerância.

A avaliação dessa ação pode ocorrer no decorrer de toda a abordagem, desde a observação dos conhecimentos prévios até a socialização dos alunos sobre a experiência de leitura da revista. A partir dele, o professor pode verificar não apenas os gostos dos alunos, como também os ganhos, como leitores, do contato com o suporte revista. Ao observar se o discente já tinha esse contato com o portador “revista” ou se foi algo inédito; suas dificuldades como leitor com os textos da revista; suas impressões iniciais etc.. É possível identificar também as dificuldades iniciais em relação à compreensão dos textos. Essas observações podem contribuir para o planejamento de atividades posteriores no sentido de elaborar abordagens pedagógicas focadas na superação das dificuldades discentes identificadas.

4.4 Possibilidades de abordagens pedagógicas a partir de textos da revista *superinteressante*

No intuito de pensarmos nas possibilidades de abordagens pedagógicas a partir de textos da revista. Utilizamos, especialmente, os textos que compõem a seção “Supernovas” por trazer textos informativos sobre descobertas e curiosidades do cotidiano. Dessa maneira, a leitura versa sobre textos que dialogam com questões atuais, portanto inseridas, direta ou indiretamente, no cotidiano dos alunos.

Para a análise da revista, utilizamos como recorte do objeto de análise - a revista *Superinteressante* - as edições 397 (dezembro/2018), 398 (janeiro/2019), 399 (fevereiro/2019) e 400 (março/2019) da revista *Superinteressante*. A escolha da revista, vale frisar, foi por

³⁰ Oralidade entendida aqui “como prática discursiva, inserida numa determinada prática social, envolvendo dois ou mais interlocutores, em torno de um sentido e de uma intenção particular” (ANTUNES, 2003, p. 99) e, portanto, não deve ser trabalhada em sala de aula de forma descontextualizada, mas em situações didáticas que promovam, de forma significativa, o uso da fala orientada para a sua variedade e especificidades.

conta da variedade temática, a linguagem, no entanto, ressaltamos que outras revistas podem e devem ser utilizadas em atividades pedagógicas de leitura na escola. Indicamos os objetivos que se quer alcançar nas atividades, os temas transversais que se podem fazer relações e são sempre pertinentes de serem levados para a sala de aula, o como fazer essas ações e avaliar se os objetivos foram alcançados.

4.5 A Seção “Supernovas”

A seção “Supernovas” traz textos informativos sobre descobertas e curiosidades do cotidiano, da ciência, da tecnologia e da cultura pop. Dividida em três subseções – “Fatos”, “Playlist” e “Tech” –, ela sempre inicia com uma imagem, que toma a página toda, e uma notícia, que fica centralizada na parte inferior da página. A imagem 05 e 06 dão uma ideia do aspecto semiótico dessa página de abertura da seção. A edição de fevereiro/2019 traz a notícia que a *Boom Supersonic*, empresa norte americana, levantou US\$ 100 milhões para o seu projeto: um supersônico capaz de voar a 2.700km/h. A matéria usa como exemplo uma viagem de São Paulo a Nova York – que duraria 3,5 horas, três vezes mais rápido que um voo direto atual – e dá uma estimativa do valor da passagem – uns R\$ 12 mil. O avião, cuja expectativa de lançamento é 2024/2025, comportará 55 passageiros. Na edição do mês seguinte, temos a seguinte notícia:

“O Japão é analógico quando o assunto é grana: cerca de 65% dos pagamentos por lá são feitos em dinheiro de papel. Dinheiro de plástico, como cartão de crédito e débito, nem é aceito em boa parte dos comércios locais. Com o fluxo enorme de turistas que é esperado para os Jogos Olímpicos de Tóquio, o país quer mudar esse quadro. Um dos caminhos testados? Criptomoedas. Três grandes bancos japoneses estão desenvolvendo as suas – e ao menos uma rede de pagamento baseada em blockchain deve ser lançada a tempo das Olimpíadas. O plano é que o sistema do Mitsubishi UFJ Financial Group processe mais de 1 milhão de transações por segundo – dez vezes mais do que a capacidade das bandeiras atuais de cartão, como Visa e Mastercard” (SUPERINTERESSANTE, ed. 400, março de 2019).

Imagem 05



Fonte: *Superinteressante* (fev/2019)

Imagem 06



Fonte: *Superinteressante* (março/2019)

Como se pode deprender das duas notícias supracitadas e da Imagem 05 e 06, a primeira página da seção “Super Novas” traz uma gama de possibilidades de se trabalhar diversos assuntos (globalização, geopolítica, economia, tecnologia, turismo, consumo, olimpíadas), permitindo o diálogo com outras disciplinas (física, matemática, geografia, sociologia). Destaco inicialmente dois pontos: a leitura imagética e a referência às novas tecnologias.

Para compreender a linguagem não verbal da Imagem 06, o leitor precisa ter conhecimento da cultura pop retrô – para entender que na imagem maior temos um *tamagotchi*, um brinquedo que foi febre de consumo no final dos anos 90. Apertando os botões, o usuário interagia com um “bichinho” virtual que aparecia na tela e o objetivo era cuidar dele, alimentando, dando banho, colocando para dormir, aplicando remédio, entre outras atividades –, precisa ter conhecimento de atualidade e sobre as novas tecnologias – para saber o porquê de aparecer na tela do aparelho, não o “bichinho virtual”, mas moedas, que é uma referência ao *criptomoeda*, uma moeda virtual – e precisa de conhecimento de esporte, de história e/ou de mundo – para compreender porque aparecem cinco moedas e perceber que há um sentido para a ordem em que elas estão dispostas: formar o símbolo das olimpíadas. Só com a imagem, o professor já dispõe de um rico material que pode atender a diversos objetivos pedagógicos, como sondar o conhecimento de mundo dos alunos a partir da leitura imagética que eles podem fazer e até promover uma discussão para verificar e

desenvolver nos docentes um olhar crítico em relação aos contatos virtuais de hoje. Fazer uma leitura identificando as referências e as coerências entre o texto não verbal (o *tamagotchi*, as moedas formando o símbolo olímpico) e o texto verbal é outro momento que pode ser trabalhado pelo professor, a fim de mostrar a unidade que os elementos textuais formam para constituir um texto e produzir um sentido.

Falando no texto verbal, ele faz referência ao mundo virtual. Acreditamos na hipótese de que o suporte revista pode ser usado pela escola como uma ponte para um possível diálogo com os meios de comunicação que usam a *internet*, que precisam adentrar nas práticas pedagógicas do professor. Para que isso ocorra de forma efetiva, reiteramos, é necessário estar fundada e alinhada em uma proposta didática, dentro de um planejamento pedagógico, ou seja, não basta somente levar a nova tecnologia para sua aula: é preciso que o professor de língua portuguesa e a escola tenham uma base pedagógica para orientar suas ações. Por conta disso é que concordamos com a observação de Zacharias quando diz:

“Se pretendemos incluir o letramento digital nas escolas, devemos somar às práticas habituais de leitura os novos comportamentos dos leitores, assim como utilizar textos de diferentes mídias, em seus suportes reais. Entretanto, não é suficiente equipar as salas de aula com recursos tecnológicos variados, mas repensar os ambientes de aprendizagem para que eles levem em conta novas formas de organizar os saberes e lidar com textos de diferentes mídias” (ZACHARIAS, 2016, p. 24).

Esta pesquisa não tem como objetivo o letramento digital. Porém, as nossas propostas de atividades de leitura envolvendo a revista *Superinteressante* tocarão em alguns gêneros midiáticos que fazem parte do dia a dia dos alunos. O próprio conteúdo da revista já direciona para essa aproximação. Usando ainda como exemplo a notícia da página inicial da seção “Supernovas” da edição de março/2019, é possível que um número considerável de alunos que costumeiramente se conectam à *internet* desconheçam a existência de uma moeda virtual. O uso pedagógico do periódico servirá para que os saberes dos docentes – em especial os que eles adquirem a partir de suas vivências com as novas tecnologias – reverberem também na sala de aula, por meio da prática pedagógica dos professores e da escola. Em contrapartida, novos saberes serão somados aos dos alunos, como o desenvolvimento de uma olhar mais criterioso e atento para essas tecnologias que eles tanto utilizam. Em outras palavras,

“Cada vez mais é frequente a preocupação dos professores em inserir gêneros textuais diversos e recursos tecnológicos da sociedade moderna nas atividades realizadas em sala de aula. Lemke (2000: 269) ressalta que multiletramentos e gêneros multimodais podem ser ensinados, mas é necessário que professores e alunos estejam plenamente conscientes da existência de tais aspectos: o que eles são, para que eles são usados, que recursos empregam, como eles podem ser integrados

um ao outro, como eles são tipicamente formatados, quais seus valores e limitações” (DIONÍSIO, 2011, p. 148 – 149).

O avanço tecnológico é, como percebido, um assunto corriqueiro nas notícias da seção “Supernovas”. Diante dessas descobertas que são noticiadas – por exemplo, esta de dezembro/2018 que informava a criação de um aparelho eletrônico capaz de enviar cheiros via internet – é natural a perplexidade. O foco do professor, todavia, não é quebrar um possível encantamento dos alunos com a tecnologia, mas fazê-lo enxergar para além das benesses dos avanços, os possíveis ônus, despertando neles uma visão crítica em relação as tecnologias e as responsabilidades que eles precisam ter no uso delas.

Repetindo o que foi dito no início deste tópico, a seção “Supernovas” é composta por três partes: “Fatos”, “*Playlist*” e “*Tech*”. Por questões didáticas, cada uma dessas subseções são tópicos que contém as análises e as propostas de atividade.

4.5.1 A Subseção “Fatos”

Além das colunas “Enquanto Isso...”, “3 Notícias Sobre” e “Não É Bem Assim...”, cujas propostas de leituras serão pormenorizadas adiante, a seção “Fatos” possui notícias, infográficos e entrevistas, três gêneros discursivos que são sempre bem vindos na sala de aula, pois proporcionam uma situação que permite ao professor exercitar e fomentar o conhecimento superestrutural e metacomunicativo dos alunos.

a. O gênero discursivo “notícia”

A notícia, ao lado da reportagem, é o gênero mais comum de se encontrar em meios de comunicação informativo. Enquanto esta é mais abrangente, ocupando um espaço físico (em caso de suporte impresso) ou temporal (em caso de suporte áudio visual) maior; aquela é mais concisa, direta, o que a torna mais factual, ou seja, intrínseca ao fato deflagrador, que é a resposta para a questão “o que aconteceu?”. Dito de outra forma,

“Por notícia entendemos a descrição de um fato de uma forma clara e objetiva. Em outras palavras, na notícia geralmente o jornalista constrói um texto mais isento e sintético, que transmite a informação, o fato de modo mais direto, enfim, estabelece uma relação quase que imediata entre a fonte e o receptor da notícia. [...]

A reportagem difere da notícia por vários aspectos. O primeiro é que a reportagem não trata de informar um fato ou uma série de fatos, mas um assunto conforme um ângulo preestabelecido. Para exemplificar, noticia-se que um governo foi deposto e que ocorreu um assalto; fazem-se reportagens sobre crise política, econômica e social, sobre as condições de vida da população, mudanças na forma de habitar, de se vestir e de se alimentar. Há reportagens em que predomina a investigação e o levantamento de dados, já em outras, o jornalista chega a fazer uma interpretação” (ROLIM, 2002, p. 77-78).

Esse formato prático da notícia também é por conta do imediatismo em que ela é levada ao público para não perder o *status* de novidade, que caracteriza o seu tempo de vida. A distância temporal entre o fato deflagrador e a sua publicação como notícia em um jornal impresso tendem a não ultrapassar 24 horas. Esse tempo cai para algumas horas ou até minutos em um *site* jornalístico, em que é informado o horário em que a notícia foi postada e atualizada, e na televisão, que interrompe a sua programação para exibir o plantão com a notícia. No suporte revista, no entanto, o tempo da notícia é outro, pois não há o imediatismo, nem o ineditismo, até por conta do distanciamento temporal entre o fato deflagrador e a publicação da revista. A notícia, nesse suporte, caracteriza-se mais pela informação e a relevância.

As notícias da *Superinteressante*, na subseção “Fatos”, em relação a sua estrutura, podem ser divididas em três grupos: as notícias com manchete e lide. Elas são textualmente maiores que as demais, vindo em duas colunas, e são acompanhadas com imagens; as que vêm com manchete, mas sem lide; e as notícias que nem trazem manchete e nem lide e possuem dois padrões: ou iniciam com um número ou vêm com as primeiras palavras – que geralmente é a citação da fala de um dos atores sociais envolvido no fato noticiado – em destaque no tamanho das letras (são maiores) e na cor, que é diferente. Na imagem 07 e 08 é possível visualizar essas três tipos.

Imagem 07

sn. FATOS CRISTINA ANO CORREIA LEONARDI

30 seg

É O TEMPO QUE UM NOVO APARELHO DE RÁDIO leva para receber uma notícia de crise a bordo. Billardo de Explorer, ele gera uma única foto 3D contendo digitais e visões do corpo inteiro.

Ratos e robôs fazem amizade

DE ROBORES vivem um relacionamento ao lado de fungos. Desde que em que uma máquina avalia o comportamento humano inteligentemente, os robôs da Universidade da Califórnia travam uma relação com quatro tipos de vírus. Assim, os pequenos insetos, os robôs comemoram a causa de verdade de que eram seus parceiros. Quando o robô "vira" em uma armadilha, os robôs não terão um só lado. ACE.

UMA ÚNICA NOITE MAL DORMIDA DEIXA SEU CÉREBRO FRENÉTICO
Pacientes sonolentos reagem de forma exagerada a cenas afiadas no dia seguinte.

BASTA UMA NOITE SEM DORMIR para reduzir a pó sua autocontrole. A prova está no seu cérebro. Cientistas conseguem registrar os efeitos diretos de um período mesmo em uma série de ressonâncias magnéticas. Em um primeiro check-up no manhã seguinte, o nível de atividade dos voluntários da pesquisa aumentou, em média, 20%.

Depois de um período, os cientistas descobriram para eles uma atividade, como idiossincrasias multilaterais. Isso não foi feito à toa, é claro o objetivo dos pesquisadores era observar o que acontece nos regimes cerebrais essenciais para a regulação das emoções. Eles encontraram hiperatividade em duas regiões: a amígdala e uma área do córtex cingulado anterior, próxima ao centro do cérebro. Não por coincidência, ambas são responsáveis por provocar emoções negativas, como o medo. Para piorar a situação, o córtex pré-frontal medial (na testa) estava menos ativo que o normal. Uma pista: ele é intimamente ligado à amígdala, e armazena reações a emoções que nos fazem mal.

A boa notícia é que, após uma noite de poucas horas, a atividade cerebral dos pacientes foi normalizada. Os cientistas alertam, porém, que a exposição crônica ao sono de má qualidade pode contribuir para sintomas mais duradouros. Está aí um bom motivo para repelir seus ZZZs. **por** **Caroline Zanetti**

“Começamos a reciclar o calor”,

REPLICAR JERRY DUNN, DIRETOR DA REAGINE. A empresa mineira lutou em Québec, no Canadá. Lá, faz frio dez meses ao ano. Os computadores que trabalham sem parar para manter baixos, no entanto, produzem calor em excesso. A Reagine desenvolveu um sistema de distribuição de aquecimento, que agora alimenta diversos negócios da cidade – de uma academia que planta morangos, até a própria sede da empresa.

Fonte: *Superinteressante* (Jan/2019)

Imagem 08

sn. FATOS

26

É O NÚMERO DE BILHÕES cujo permissão, somada, equivale à todo o dióxido que permeia os 3,8 bilhões de pessoas mais pobres da metade (ou seja, 51% da população do planeta).

Por que travamos sob pressão

QUANTO MAIOR a recompensa de um desafio, segundo a neurociência, melhor a nossa performance nele. Até a coordenação motora continua melhorar. Mas não até certo ponto: quando a pressão é alta demais, há muito a ganhar (e a perder). A maioria das pessoas trava – e a habilidade cognitiva, portanto, decresce.

QUANTOS ANOS VOCÊ TEM (DE ACORDO COM SEU INTESTINO?)
A coleção de bactérias que vive por lá pode ajudar a definir a qualidade da sua velhice.

O NÚMERO DE ANOS que a Terra deu ao redor do Sol desde que você nasceu é apenas uma das formas de medir a sua idade. O envelhecimento, afinal, é uma medida de quanto o seu organismo já se desenvolveu – e, depois de uma certa fase, de quanto ele já se deteriorou.

Há quem entenda que não há mais nada a ganhar que o normal, e quem mantenha um corpo relativamente jovem, apesar de sua data de nascimento. Para calcular essa idade biológica, a ciência conta com truques como medir, por exemplo, as proteínas dos cromossomos, chamadas telômeros. Quanto mais curtas, em geral, maior o nível de envelhecimento celular.

Essas descobertas são essenciais para cientistas que estudam a longevidade. Ao entender as características das faunas microbianas das pessoas que envelhecem melhor, eles podem investigar como melhorar a velhice de todo mundo.

“São mulas para ‘lavar’ anúncios”,

DEUS JOHN AMERSONI, pesquisador que denunciou um “invasão negro de porco” no Facebook. Empresas de anúncios abusaram em suas estratégias de “alugar” suas contas por algumas horas. O objetivo era usá-las para lançar posts patrocinados – por vezes, com caráter político ou religioso de fake news – e excluir de onde eles vieram. Se por lá acabou barrado, os anunciantes partiram para a próxima mídia.

Fonte: *Superinteressante* (mar/2019)

Por conta da sua informatividade, a notícia serve para ampliar o conhecimento de mundo do aluno e o professor deve estar ciente que é um dos seus deveres proporcionar esse crescimento. Com base em alguma sondagem feita nos alunos sobre seus gostos e até na contestação do professor para alguma necessidade de informação da turma sobre algum tema, o discente pode recorrer às notícias apresentadas pela revista, seja para atender ao gosto dos discentes, seja para suprir alguma carência de informações. A diversidade de assuntos pode ser vista nas seguintes manchetes da edição de janeiro/2019: “Uma única noite mal dormida deixa seu cérebro frenético”, “Ratos e robôs fazem amizade”, “*Spaece invaders*: as bactérias da ISS [*International Space Station*, a Estação Espacial Internacional]”, “O efeito da ritalina no cérebro”, “Cortina de micróbios melhoram a qualidade do ar”, “Componente de álcool em pó ajuda a descobrir artérias”. Só a partir delas é possível identificar referências à cultura *pop* (*Spaece Invaders* é um jogo de *videogame* lançado em 1978 e aqui o professor poderia comparar esse jogo com os de hoje, com relação à questão dos gráficos e a jogabilidade) e à saúde (a ritalina, ou cloridrato de metilfenidato, é um remédio prescrito para pacientes com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), mas é comum seu uso de maneira abusiva por estudantes com a finalidade de passar horas concentrados e sem dormir a fim de se preparar para alguma prova), além de instigar a curiosidade em relação ao avanço da tecnologia (imagine o professor ouvindo as inferências dos alunos sobre o álcool em pó, a cortina de micróbios e a amizade entre ratos e robôs e, após a leitura das notícias, analisar com os alunos as estratégias de leitura por eles adotadas, se suas hipóteses iniciais foram confirmadas ou tiveram que ser reformuladas conforme as informações do texto foram aparecendo. Isso para que o aluno possa perceber os caminhos para a construção de sentido do texto).

Vejamos a seguinte notícia:

““Começamos a reciclar o calor”, explica Jeremy Dahan, diretor da Heatmine. A empresa minera bitcoin em Québec, no Canadá. Lá, faz frio dez meses ao ano. Os computadores que trabalham sem parar para minerar bitcoin, no entanto, produzem calor em excesso. A Heatmine desenvolveu um sistema de distribuição de aquecimento, que agora alimenta diversos negócios da cidade – de uma estufa que planta morangos até a própria sede da empresa” (SUPERINTERESSANTE, ed. 398, jan/2019).

O exemplo reflete bem como são as notícias dessa seção da revista: são compactas (com exceção, como dito, das que pertencem ao grupo em que vem manchete, lide e notícia, que são um pouco maiores), carregadas de informatividade, com uma linguagem acessível e com referentes que podem atender aos objetivos pedagógicos do discente.

b. O gênero discursivo “infográfico”

Por se tratarem de textos de linguagem mista, pois apresentam, além da palavra, outros elementos, como imagem e cores, os infográficos (informação + gráfico) requerem habilidades específicas de leitura que compreendam não apenas as palavras escritas, mas o conjunto visual para, assim, poder apreender todas as informações que eles comportam. Podendo vir em suportes virtuais (*sites* e portais da *internet*) ou impressos (revistas e jornais) de forma independente ou acompanhando alguma reportagem/notícia para complementar a informação, os infográficos “cumprem diferentes funções sociais, tais como informar como foi ou é um fato ou evento de interesse jornalístico ou enciclopédico e como são ou funcionam diferentes tipos de objetos ou eventos” (PAIVA, 2016, p. 44).

Analisando os infográficos que aparecem na subseção “Fatos” da *Superinteressante* podemos afirmar que são independentes, isto é, não complementam a informação de alguma notícia ou reportagem, pois eles, em si, constituem a matéria do periódico, razão pela qual possuem uma manchete e uma lide. Sempre ocupando a maior parte da página – que traz mais uma ou duas notícias –, não é muito comum eles terem um texto verbal muito extenso, é bem recorrente a utilização de números e a revista sempre coloca a fonte da informação – vindo logo abaixo do infográfico, na parte inferior esquerda, como se fosse uma legenda.

Imagem 09



Fonte: *Superinteressante* (Fev/2019)

Eis as manchetes, seguida das lides, dos infográficos no *corpus* analisado: “Marvada pinga”, “Em alguns países, até uma em cada cinco mortes está (direta ou indiretamente) relacionada ao álcool” (dez/2018); “Quanto mais caro, melhor”, “Isso vale para cigarros: eles são bem mais caros em países com alto Índice de Desenvolvimento Humano. Veja o preço do Marlboro em alguns deles” (jan/2019); “Atuação do exército dos EUA no mundo”, “O país gasta US\$ 100 bilhões por ano em intervenções no estrangeiro. 80 nações – um terço do planeta – foram palco da atividade militar americana desde 2001” (fev/2019); “Quanto gelo a Antártica já perdeu”, “Um novo estudo da Universidade da Califórnia revela, em gigatoneladas, quanto de gelo antártico já “escorreu pelo ralo” desde 1979 – e quais foram as áreas do continente mais afetadas pelo derretimento” (mar/2019). Neles, percebemos a oportunidade de trazer até a sala de aula, assuntos pertinentes ao aluno – alcoolismo, tabagismo, aquecimento global – e que permitem ampliar a sua visão global. O uso de gírias (“escorreu pelo ralo”) e da palavra “marvada”, além da própria referência à música de Ochelsis Laureano, “A marvada pinga”, servem para um debate sobre a língua e a construção textual.

Fazer atividade de leitura com infográficos, aliás, dará ao professor a oportunidade de perceber quais alunos têm facilidade/dificuldade para ler um texto verbal e quais têm facilidade/dificuldade para ler textos imagéticos e, a partir daí, criar “possibilidade de sistematizar o ensino da leitura de imagens” (PAIVA, 2016, p. 58). Não existe uma única maneira de se ler esse gênero discursivo. Uma estratégia de leitura que o professor pode ensinar aos alunos é, primeiro, identificar as partes do infográfico, ou seja, perceber em como ele é dividido (usando o exemplo da imagem 09, identificamos 05 partes: (1) a manchete e a lide, situados na parte superior central; (2) o mapa do continente África, Europa, Ásia e de uma parte da Oceania ocupando praticamente todo o infográfico e, na parte superior direita, um pouco abaixo da lide, um retângulo contendo parte da América; (3) um retângulo azul marinho, situado na parte inferior esquerda, com números e palavras na cor branca; (4) 05 bolas coloridas (nas cores violeta, roxa, azul claro, azul escuro e azul marinho) enfileiradas verticalmente e acompanhada por nomes (Bases militares; Treinamentos e assistência; Exercícios militares; Zonas de combate; Ataques aéreos (aviões e drones)), localizadas no canto inferior direito, ao lado do retângulo azul; (5) dois retângulos contendo números (de 1 a 9), ao lado de cada número um nome de um país, ao lado do nome do país, uma ou três bolas coloridas. A localização deles é na parte inferior esquerda, um pouco acima do retângulo azul e ao lado esquerdo da Austrália).

Identificadas as partes, tenta-se entender suas informações e significados (continuando com o nosso exemplo, depreendemos, de cada parte, as seguintes informações: (parte 1): o infográfico mostrará as atividades do exército norte americano nos 80 países em que ele se faz presente; (parte 2): o mapa traz a demarcação e o nome de alguns países e em cada um deles, existem bolas coloridas; (parte 3): o retângulo azul contém o seguinte texto: “40 bases militares; 65 treinamentos e assistência, 26 exercícios militares; 14 zonas de combate; 7 ataques aéreos*; * Aviões e drones”; (parte 4) trata-se de uma legenda em que cada cor tem um significado: violeta: bases militares; roxo: treinamentos e assistências; azul claro: exercícios militares; azul escuro: zonas de combate; azul marinho: ataques aéreos (aviões e drones); (parte 5); trata-se de uma lista com de países enumerados de 1 a 9, cada um com uma ou mais bola colorida).

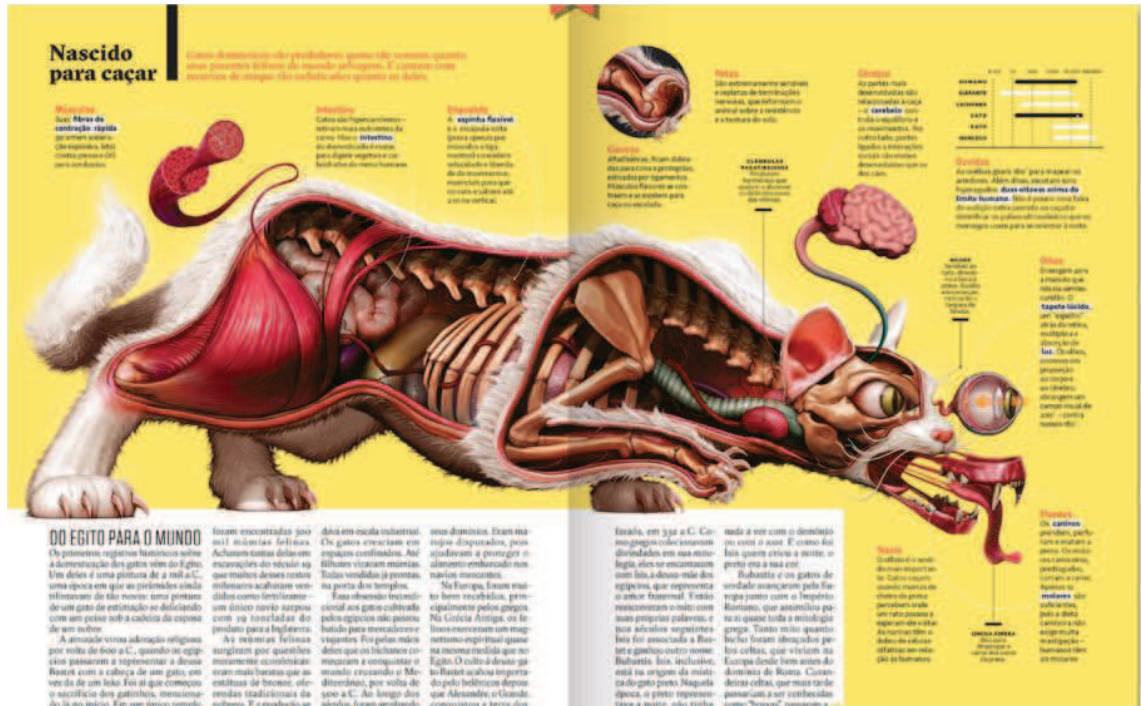
Feito isso, orienta-se aos alunos relacionar as informações de uma parte com as outras (voltando ao nosso exemplo, podemos perceber: (parte 1 com a 4): a atuação do exército dos EUA vai ser especificada em uma dessas cinco ações; Bases militares; Treinamentos e assistência; Exercícios militares; Zonas de combate; Ataques aéreos (aviões e drones); (parte 2 com a 4): através do mapa e das bolas coloridas que cada país tem, percebe-se a atuação específica do exército em cada país; (parte 2 com a 5 e a 4) alguns países trazem números, pois seus nomes, não caberiam. A parte 5 é a lista desses países e, as bolas coloridas ao lado de cada nome indica, como vimos, a ação do exército em cada um deles; (parte 3 com a 1, a 2, a 4 e a 5): a parte 3 totaliza em número as ações do exército norte americano pelo mundo).

Portanto, uma estratégia de leitura dos infográficos é: identificar as partes do infográfico; coletar as informações e os significados dessas partes; relacionar as informações e significados de uma parte com as outras. O professor deve constatar se o aluno consegue fazer essa leitura. Para isso, ele pode levar esse gênero discursivo para exercitar essas habilidades de leitura do verbal e do não verbal. Após esse momento de contato e leitura de gráficos, o professor poderá solicitar que os alunos produzam seus próprios gráficos, momento no qual ele poderá fazer uma avaliação se a turma conseguiu assimilar o gênero infográfico.

Aqui cabe um parêntese, para lembrar que a Revista *Superinteressante* ganhou prêmios internacionais por conta de seus infográficos (o infográfico da imagem 10, por exemplo, ganhou a medalha de prata na 25ª edição do Malofiej, premiação anual de infografia, organizada pela filial espanhola da *Society for News Design*). Levá-los até a sala de aula, através da projeção no *data show* ou nos computadores do laboratório de informática

acessando ao *site* da revista, para que os alunos tenham contato com eles, é um estímulo também à criatividade. O objetivo dessa atividade é proporcionar a leitura deleite.

Imagem 10



Fonte: <https://super.abril.com.br/ideias/infograficos-da-super-faturam-premios-internacionais-no-malofiej/>

c. O gênero discursivo “entrevista”

O gênero entrevista utiliza a língua na forma falada e escrita. Podendo vir de forma complementar (por exemplo, dentro de uma reportagem ou acompanhando-a, como forma de aprofundar a informação) ou independente, em que ela (a entrevista) é o objetivo central do evento comunicativo (por exemplo, o *talk show*, um programa de entrevistas). A entrevista dessa seção da revista costuma seguir o modelo padrão desse gênero: uma breve apresentação do entrevistado, seguida pelas perguntas e repostas (com aquelas em cores diferentes destas).

Saber usar a língua na modalidade falada e escrita, percebendo suas particularidades e semelhanças, a fim de evitar o uso indevido da oralidade na escrita, deve ser um dos objetivos da aula de língua portuguesa e um bom ponto de partida para o professor trabalhar isso é a entrevista. Como as da *Superinteressante* são curtas, com no máximo três ou quatro perguntas, é possível tratar esses aspectos da linguagem e outras circunstâncias desse gênero, como a informatividade. Para avaliar se a turma de fato assimilou o gênero entrevista, o docente pediria que os alunos entrevistassem alguém.

4.5.2 A Coluna “Enquanto isso...”

A coluna “Enquanto Isso...” mostra um fato que foi destaque na internet, com grande repercussão, e outros quatro que não tiveram a mesma divulgação. Para exemplo, vejamos o que ela traz nas edições de dezembro de 2018 e de fevereiro de 2019:

“A internet discutiu qual seria o nome extraoficial da moeda do novo governo. ENQUANTO ISSO... Nasceram, em laboratório, ratinhos com duas mães (e nenhum pai); A mais antiga pintura rupestre figurativa do mundo foi descoberta em Bornéu, Indonésia. Tem 40 mil anos; Cientistas criaram supercomputador que funciona como o cérebro humano – e possui 1 milhão de “neurônios”; Físicos italianos criaram uma equação para cozinhar a pizza perfeita como fogo doméstico comum.” (SUPER, dez/2018, p. 12).

“”Jenifer” e “Cadê o Mateus?” disputaram o título de música do Carnaval. ENQUANTO ISSO... Iguanas foram reintroduzidas em Galápagos. Elas não eram vistas nas ilhas há 200 anos; Pesquisadores criaram algoritmo que remonta artefatos arqueológicos a partir de fragmentos; Grife cria sutiã inteligente, que mede tamanho e formato exato das mamas e envia os resultados para o celular; Carta de 1803 do rei inglês George III que antecipa a guerra com Napoleão foi arrematada por R\$ 54, 5 mil”. (SUPER, fev/2019, p. 12)

De maneira sucinta e objetiva, a coluna apresenta quatro notícias. Debater com a turma sobre a importância (ou não) dos fatos noticiados é um tema relevante em atividades de leituras do gênero notícia. No caso dessa coluna da *Superinteressante*, é possível trabalhar a leitura crítica (que, para além das palavras, procura identificar a subjetividade e a intencionalidade que o texto traz), estimulando os alunos a questionarem o porquê desses fatos não ganharem repercussão na mídia.

Com essa coluna, também, é possível realizar uma abordagem sobre as novas tecnologias e as redes sociais. Os alunos podem até serem internautas, mas cabe à escola, e aqui entra o professor, fazer com que eles enxerguem a tecnologia de uma forma mais criteriosa e passem a analisar as informações disponíveis na internet. Com o objetivo de formar essa visão mais crítica do aluno e acompanhar a atuação dele com o uso das redes sociais, é que propomos a atividade a seguir.

Após a leitura de “Enquanto isso...”, que pode ser feita na própria revista, ou na projeção de um *data show* ou no laboratório de informática através do *site*, o professor pede que pesquisem no *site* de buscas *Google* quantos resultados há para o fato que foi destaque e quantos resultados há para os outros quatro fatos. Em seguida, pode sugerir que publiquem os

cinco fatos em suas redes sociais (*Facebook, Twitter, Instagram...*) e, uma semana ou um mês depois, pedir que analisem as postagens averiguando: Qual teve mais repercussão? Qual a mais curtida? Qual teve mais comentários e compartilhamentos? Qual o perfil das pessoas que curtiram? É comum as redes sociais usarem algoritmos para que, dependendo dos gostos do usuário – identificados pelas postagens, curtidas e compartilhamentos – selecione o conteúdo que vai aparecer na sua *timeline*. Diante disso, o professor pode instigar os alunos com perguntas (Qual deve ter sido o que menos apareceu na linha do tempo dos seus amigos? Porque informações sobre a pintura rupestre ou sobre a criação de um supercomputador são restritas?) para que eles percebam como a rede social escolhe o que você vai ver e até que ponto nossa liberdade de navegar na *Internet* é condicionada.

Ainda no campo das redes sociais, a leitura dessa subseção de “Fatos” pode proporcionar a criação de *memes*³¹, a fim de acompanhar como está o domínio dos alunos com gêneros midiáticos. Para essa atividade, o professor pode utilizar as músicas “A Palo Seco”, de Belchior, e “Maluco Beleza”, de Raul Seixas e Claudio Roberto, pois ambas mostram duas ações contrárias e simultâneas: na primeira, o eu lírico responde o que estava fazendo (se desesperando) enquanto o seu interlocutor sonhava; na segunda, o eu lírico diz o que faz (aprendendo a ser louco) enquanto a outra pessoa se esforça para ser normal. A partir daí pode se criar o personagem Belchior Antenado e o Raul Seixas Sabido, que, com base nos fatos apresentados na coluna, pode se fazer memes como “*se você vier me perguntar por onde andei no tempo em que você discutia qual o nome da moeda do novo governo, de olhos abertos lhe direi: amigo, eu me antenava na mais antiga pintura rupestre descoberta na Indonésia e que tem 40 mil anos*” ou “*enquanto você se esforça para saber qual o título da música do carnaval, eu do meu lado aprendendo que pesquisadores criaram algoritmo que remonta artefatos a partir de fragmentos*” Como os *memes* utilizam mais a semiótica do que a escrita, esses dois modelos serviriam para que os alunos reescrevessem-nos – exercício coletivo, em que a turma dariam sugestões que adequassem a linguagem, sintetizando a parte escrita e desenvolvendo o visual.

Depois disso, usando os fatos apresentados na revista, os alunos poderiam ir criando *memes*, usando até outras músicas e personagens, afinal, o que conta nesse gênero é a criatividade. Após serem criados, eles seriam postados nas redes sociais para que os alunos

³¹ “Coloquialmente os memes são entendidos como ideias, brincadeiras, jogos, piadas ou comportamentos que se espalha (sic) através de sua replicação de forma viral, e caracterizados pela repetição de um modelo formal básico a partir da qual as pessoas podem produzir diferentes versões da mesma meme” (FONTANELLA, 2009, p 8).

verifiquem e analisem as repercussões. O professor pode marcar uma aula em que os alunos socializem e exponham essas informações com toda a turma.

As atividades propostas nesse tópico dão oportunidades para que o professor veja de perto como está o manejo dos alunos com as novas tecnologias. A atividade de postar nas redes sócias é uma forma de exercitar o letramento, já que o texto do aluno – diferente de uma redação que ele escreve, o professor corrige e lhe devolve – e socializado, atingindo seu propósito situacional comunicativo e de gênero, afinal, do que adiante o discente criar um *meme* para colar na cartolina e fixar na parede da sala de aula?

Ainda sobre gênero, é possível, com essa mesma coluna da revista, que o professor trabalhe as diferenças entre o gênero notícia e o gênero reportagem, exercitando e fomentando o conhecimento metacomunicativo, superestrutural e comunicacional da turma. Como as notícias apresentadas nessa subseção são bem curtas, o professor pedirá que os alunos escolham uma delas e as desenvolvam, pesquisando mais informações sobre elas a fim de que construam uma reportagem. Além de trabalhar as diferenças entre esses dois gêneros, essa atividade tem o objetivo trabalhar a pesquisa dos alunos através da *internet*, para que não fique apenas um copiar-e-colar. Com as informações que eles pesquisaram, os alunos irão, com a mediação do professor, construindo a reportagem e colocando as referências dos dados coletados. É preciso que a escola trabalhe esse tipo de comportamento e que o docente mostre aos alunos a responsabilidade de evitar as apropriações de textos e conteúdos de terceiros, o que configuraria plágio. Depois de escritas as reportagens, elas poderiam ser postadas na *internet*, no *blog* da escola ou da própria turma, que poderia ser criado.

4.5.3 A coluna “Três Notícias Sobre”

De nome autoexplicativo, a leitura da coluna “Três notícias sobre” traz três notícias distintas sobre um mesmo assunto. Dividido em três colunas (cada uma com uma notícia), o texto é acompanhado por uma gravura e aborda temas diversos.

A leitura dessa coluna amplia o conhecimento de mundo do aluno ao trazer três breves, porém detalhados, fatos (acontecimentos) noticiados sobre um mesmo assunto, por exemplo, vikings (edição de dezembro/ 2018), pelos (janeiro/ 2019), telescópios (fevereiro/ 2019) e beijos (março/ 2019). A leitura aqui pode ser ponto de partida para que o professor exercite no aluno a leitura que estimule o conhecimento locucional e comunicacional, fazendo-o enxergar a subjetividade presente no texto, resultado de uma intencionalidade.

Lida a coluna, o docente pedirá que os alunos tragam notícias para a sala. Trazidas e também lidas essas notícias, os discentes tentariam agrupá-las pelo referente, ou seja, as que informam sobre o mesmo fato.

Feito esses grupos, o professor pedirá que os alunos escrevam o que é semelhante e o que difere entre essas notícias. Em seguida, ele pode instigar os alunos com perguntas que os façam averiguar sobre o emissor do texto e o contexto situacional em que foi escrito (Quem escreveu o texto? Qual o jornal que publicou? Esse jornal tem algum posicionamento sobre esse assunto?), direcionando a leitura para que o aluno tente perceber as subjetividades presentes no texto promovendo e estimulando o conhecimento interacional.

4.5.4 A coluna “Não é bem assim...”.

“Não é bem assim...” é uma coluna que desmente uma *fake news*, e divide-se em três partes: A “notícia”, O que ela dizia e Qual é a verdade. Não é de hoje que a notícia falsa ou o boato circula entre as pessoas, inclusive em veículos de notícias (jornais e revistas).

Um exemplo de notícias falsa que saiu em jornais foram as que se referiam a comunidade do Caldeirão, liderada pelo beato José Lourenço, no município do Crato. Em 1937, a localidade foi bombardeada (foi o primeiro bombardeio aéreo ocorrido no Brasil), invadida e saqueada pelas Forças Armadas brasileiras. Para justificar a ação militar, que atendia interesses das oligarquias, da igreja e do governo, notícias falsas saíam nos jornais, atacando a honra e a moral do beato e das pessoas da comunidade. Somente na década de 80, com o filme documentário *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*, de Rosemberg Cariry, que os remanescentes da comunidade foram ouvidos e a “verdade oficial” divulgada nos jornais da época do ataque foi posta em cheque.

Portanto, não é de hoje que existem notícias falsas, mas, com as novas tecnologias, elas ganharam uma proporção maior, tanto no alcance quanto na velocidade com que se propagam. A *fake news*, como é conhecida, ganha grande repercussão nas redes sociais, local em que ela é compartilhada como verídica, inclusive por pessoas e empresas de má fé. Como dissemos anteriormente, a escola deve desenvolver a criticidade e a responsabilidade dos alunos quando ao uso das novas tecnologias. Por as *fake news* serem tão presentes nas redes sociais, elas são um tema da atualidade que o professor precisa levar para sala de aula, não só para falar sobre. As notícias falsas trazidas pela revista – “homem bate carro após receber cérebro de mulher” (jan/ 2019); “jipe lunar chinês não encontra vestígios de que americanos foram à Lua” (fev/2019) – revelam bem o sensacionalismo com que elas são revestidas.

A atividade a seguir tem como objetivo criar no aluno a cultura (ou o hábito) de questionar o que lê e verificar a veracidade da informação. Após as leituras em sala de algumas matérias da “Não é bem assim...”, o discente apresenta para turma três *sites* de *fact-checking*: o *Lupa* (<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/https://www.boatos.org/>), o *Boatos.org* (<https://www.boatos.org/>) e o *E-Farsas* (<http://www.e-farsas.com/>). Em seguida, lançará a seguinte proposta: que os alunos, ao receberem pelo *WhatsApp*, *Messenger* ou em alguma rede social algum vídeo, áudio ou texto sobre uma figura pública famosa ou anônima, de cunho difamatório, ou algum conteúdo que o deixe em dúvida se de fato é verdade, que eles verifiquem nesses sites se o conteúdo é verídico. O *site Boatos.Org* e o *E-farsas* disponibilizam canais de comunicação que os alunos podem utilizar para tirar as suas dúvidas.

Recolhidas essas informações, elas seriam socializadas em aula determinada pelo professor. A partir das *fake news* coletadas, identificadas e trazidas pelos alunos, o docente pedirá que se produzam textos usando o “Não é bem assim...” como modelo (seguindo a estrutura que se divide em: a “notícia”, o que ela dizia e qual é a verdade), cartazes, imagens, memes, vídeos... (fica aberta a sugestão dos alunos) que desmascarem a notícia falsa e que esses textos sejam compartilhados na escola e na *internet*, principalmente no meio de comunicação em que foi coletada a *fake news*.

Essa é mais uma atividade em que se trabalha o letramento, pois a produção textual dos alunos não ficou presa nas paredes da sala e transpôs os muros da escola. A produção desses textos – adequação da linguagem, domínio do gênero, escrita coerente e coesa – receberá a orientação e supervisão do professor, que pode ir fazendo as intervenções devidas.

4.6 Supernovas: Playlist

A seção *Playlist*, como a anterior, também apresenta notícias, infográficos e entrevistas, mas sempre relacionados à questão cultural (música, cinema, quadrinhos, livros, séries), destacando algum lançamento nessa área ou algum outro fato.

Cultura não pode ser uma temática ausente na escola e nas salas de aula. Mais do que um lugar que proporcione cultura, a instituição escolar deve estar de portas abertas que a cultura também adentre seus espaços e uma das maneiras que isso se dá – e que precisa sempre acontecer – é quando o aluno traz a sua cultura, adquirida com as suas vivências. O professor deve estar ciente que é uma das peças chaves para que assim aconteça.

A atividade terá como objetivo dar voz e vez ao gosto cultural do discente, até para desfazer qualquer preconceito ou marginalidade que a preferência dele pode ter. Para isso, a escola tem que ser palco e o professor um agente.

A partir da leitura desse material oferecido pela seção, o professor pode apresentar o gênero resenha para os alunos, que, a partir dos seus gostos culturais, escreverão sobre músicas, filmes, séries, livros de seu interesse. A socialização dessas produções, como frisado anteriormente, será um momento de exercitar o respeito. O professor deve sempre instigar os alunos a justificarem seus gostos.

4.6.1 Pérolas do mês

Também chamada de “Pérolas do *Streaming*”, “Pérolas do Mês” traz quatro indicações de filmes, documentários, canais, curtas, séries que você pode encontrar no *YouTube*³² ou na *Netflix*³³, além de indicação de livros e quadrinhos. O formato compacto, sempre com quatro indicações, pode servir, a princípio, de modelo para que os alunos escrevam seus textos com as suas preferências culturais.

Sendo os textos dessa subseção opinativos e que trazem juízo de valor, os alunos poderão escolher algumas das indicações do periódico para assistir. Em seguida, confrontarão suas expectativas geradas pelo texto com o que de fato acharam do que foi assistido. Socializadas essas experiências com toda a turma, o professor pode ainda orientar os discentes a escreverem para redação da revista contando suas experiências, agradecendo (ou não!) a sugestão, fazendo indicações de suas preferências.

4.7 Supernovas: Tech

A seção *Tech* traz notícias do lançamento de produtos tecnológicos, indicando sempre a empresa que produz, a descrição de sua funcionalidade e o preço. Além da informatividade, a leitura sobre essas curiosas invenções, por exemplo, o cabide que e limpa a roupa (na edição de fevereiro/2019) ou a calça que ensina as poses da *ioga* (março/2019), pode servir para a discussão de temas transversais, como o consumo e da tecnologia.

4.7.1 Você decide

Em “Você Decide”, são apresentados dois (às vezes três) projetos do *crowdfunding*, que é o financiamento coletivo ou vaquinha virtual em que se tenta a captação de capital para a execução de algum projeto. A matéria é dividida em: projeto (nome do produto), o que é

³² Site bastante popular em que é possível visualizar e compartilhar vídeos. Pode ser acessado no endereço <https://www.google.com.br/>.

³³ Serviço pago de *streaming* em que o usuário tem acesso a um acervo de filmes, séries, desenhos e documentários. <https://www.netflix.com/br/>

(descrição do produto e sua funcionalidade), meta (valor que espera alcançar) chance de rolar (a revista indica a possibilidade de alcançar a meta com uma nota de zero a cinco).

Aqui o professor pode fazer algo que na aparência é lúdico, mas que tem seu viés de valor pedagógico. Após a leitura de algumas matérias dessa coluna, o docente pode exibir o vídeo de um dos produtos (a revista informa o site). Após a exibição, os alunos tentarão inferir qual produto das matérias lidas se relaciona ao vídeo (que é em inglês) e dizer que elementos visuais estão presentes no texto lido. Tal atividade tem o objetivo de desenvolver a leitura dos alunos, fazendo-o reconhecer informações em textos que tratam a mesma coisa – no caso, o produto tecnológico –, mas em gêneros diferentes – o texto da revista é uma lista e o do vídeo é uma propaganda.

É possível também conversar sobre tecnologia, seus benefícios e riscos, além do seu uso responsável. Na edição de fevereiro (2019), a coluna falava do *OrCam MyMe*, uma câmera do tamanho de um *pendrive* que, presa na blusa como um boche, bate automaticamente uma foto por segundo. Ao encontrar um rosto, o dispositivo compara com os seus contatos do *Facebook* e, por meio de um aplicativo, lhe informa o nome da pessoa que está se aproximando de você. Um aparelho desses, segundo a empresa que desenvolvedora, é para os momentos em que a pessoa esquece e não consegue lembrar o nome de alguém do trabalho ou de algum cliente. Diante do exposto pela publicação e pelo vídeo do produto, é possível levar o aluno a questionar o uso das tecnologias, que por traz de benefícios (mostrar um nome que você tenha esquecido) há riscos (quantas pessoas, sem o direito de dar ou não a permissão, terão seus rostos fotografados por essa câmera que tira uma foto por segundo?). O uso responsável e crítico da tecnologia são questões pertinentes a serem trabalhadas em sala e a coluna da revista poderá fornecer elementos para essa discussão.

4.8 Site³⁴: O seu dinheiro foi para...

A revista *Superinteressante* tinha uma coluna chamada “O seu dinheiro foi para...”. Tendo como tema o gasto do dinheiro público, ela mostrava como um determinado político (deputado, senador) declarou o gasto do dinheiro público, ou como esse (o dinheiro público) foi gasto por algum servidor público (federal ou estadual) em serviço. De forma resumida e sistemática, há a informação do gasto, no que o dinheiro foi usado e uma justificativa (às vezes dada pelo próprio político ou servidor) para isso. Apesar de não ser mais publicada pelo periódico, é possível encontrar as publicações no *site*.

³⁴ Relembrando, o endereço do *site* é <https://super.abril.com.br/>

Somente alguém ditatorial e fascista poderia dizer que política é um assunto proibido em sala de aula. Tanto a escola – pela instituição que é – quanto o professor – pelo cidadão e profissional que é – precisam exercer livremente o seu direito e cumprir livremente o seu dever de despertar e desenvolver no aluno a sua consciência política e cidadã. As notícias da coluna “O seu dinheiro foi para...” darão subsídios para uma atividade voltada para a cidadania do discente.

Após ler algumas dessas matérias com os alunos, o professor poderá dividir a sala em equipes e cada equipe ficará responsável por dois deputados federais. Em seguida, o docente ensinará como acessar o portal da Câmara dos deputados (<https://www.camara.leg.br/>) e pesquisar o uso da verba parlamentar por parte do político³⁵. Cada equipe ficaria responsável de verificar o uso dessa verba, além do desempenho do parlamentar na Câmara (apresentação de projetos de lei, requerimentos, falta).

As informações coletadas por cada equipe seriam socializadas em aula. Quando houver um gasto exagerado, o professor pode orientar que a equipe envie um e-mail à Câmara solicitando a nota fiscal ou ao próprio deputado, para que ele justifique o uso do dinheiro. Com as respostas em mãos (existe um prazo para a Câmara e o deputado responder), poderão escrever textos emulando a extinta coluna da revista (como o dinheiro foi usado, o contexto e a justificativa). Durante a socialização dos dados coletados, os alunos podem escolher quais deles precisam ser de conhecimento público e produzirem textos que informem sobre esses gastos ou atuações do parlamentar. Esses textos podem circular na escola e/ou ser postado na *internet*.

³⁵ Para auxiliá-lo, o professor pode ver e exibir o vídeo de Lucio Big, em https://www.youtube.com/watch?v=ESenZF_G1qI. Esse vídeo é um tutorial de como encontrar essas e outras informações no site da Câmara.

CONSIDERAÇÕES

O Mestrado Profissional em Letras, dentre tantas significativas mudanças, possibilitou-me perceber uma perspectiva diferente em relação a minha ação como professor. Primeiro, por me mostrar que nem tudo que eu fazia em minhas aulas estava errado. Segundo, por me fazer sentir, diante dos meus erros, não mais uma sensação de incapacidade e desânimo, a ponto de me fazer pensar se eu não estaria na profissão errada – pensamento muito recorrente quando eu participava de encontros, reuniões e formações pedagógicas –, ao contrário, eu sentia algo (seria a esperança?) que me fazia enxergar, apesar das minhas falhas, uma possibilidade de mudança. Por fim, para ficar em três pontos, ensinou-me que não estou sozinho e nem desamparado: existem boas ideias, boas ações e boas práticas pedagógicas acontecendo na sala de aula, para fomentar a leitura.

E foi revendo minhas práticas em sala de aula que pude perceber, e ainda mais com este trabalho, que o contato com um suporte que me formou como leitor poderia ser usado de maneira pedagógica nas minhas aulas de português para me auxiliar na formação e desenvolvimento de alunos leitores, a saber, a revista.

Quando se fala em leitura, não é difícil associá-la à ideia de gêneros discursivos. Os gêneros discursivos, porém, nem sempre entram nas atividades de maneira holística, mas fragmentada, tal qual uma autópsia, para ilustrar a sua estrutura e forma, deixando em segundo plano seu aspecto social, de produção e intencionalidade. E até quando esses pontos ganham o foco principal, o gênero aparece fora do seu meio de circulação.

O uso da revista em sala de aula proporciona o contato com o gênero discursivo na sua totalidade. Fazer a revista chegar ao aluno é cumprir uma das etapas da produção textual, que se consolida com o contato do leitor e a complementação do sentido por parte dele. Mas não basta trazer a revista para sala de aula. É preciso um pensar pedagógico, que vai desde a concepção de língua e linguagem do docente até o tipo de leitor que ele pretende formar. A revista permite muitas possibilidades, mas nenhuma ação será mais contundente do que a que foi pensada, trabalhada, planejada. Um planejamento pedagógico, aliado ao projeto político e pedagógico da escola, que se constrói a partir da constatação de um diagnóstico e da percepção da realidade dos discentes e da comunidade, que para além de exercitar habilidades e competências, toque e trabalhe saberes, mais do que um resultado satisfatório em uma avaliação externa, proporcionará a formação de um leitor crítico que não lê apenas o texto, mas também o mundo, exercendo seu papel na construção do sentido de ambos.

Um trabalho com gêneros discursivos que abranja a leitura (e assim o contato dos alunos com o gênero), a escrita (e com isso o aprofundamento desse contato dos discentes com o gênero, para que eles conheçam não só a forma e a estrutura, mas o processo de produção que é pensar no futuro leitor, no meio de circulação desse gênero, adequando a linguagem a essa situação comunicativa) e a publicação (e a sociabilização da produção dos estudantes com a comunidade, mostrando a eles que suas vozes tem importância e mostrando para a comunidade que a escola é uma voz para ela) pode ser feito a partir dos gêneros do suporte revista.

A variedade temática das revistas, mais do que apenas trazer informação para o aluno, pode ser ponte entre a prática docente com os meios de comunicação e as tecnologias que fazem parte do dia a dia dos estudantes. A linguagem e os gêneros discursivos presentes na realidade dos discentes não podem ser estranhos e distantes a realidade e atividades da escola. A revista, como aqui mostrado, pode estreitar essas realidades, inclusive para que o aluno se aprofunde nas tecnologias de maneira crítica e responsável. Que eles (os alunos) possam ser senhores e não escravos da tecnologia.

A vantagem da revista, e espero ter transmitido isso, é que ela não se encerra em si; ela não é um fim, mas um meio; não é um ponto de chegada, mas um ponto de passagem; até mesmo para as novas tecnologias. Para além do letramento, ela pode ser base para um multiletramento. Tudo dependerá do planejamento pedagógico e da criatividade.

E a relevância das considerações que fizemos sobre a revista bem, como de todo esse trabalho talvez esteja em dizer para os professores para não se desanimarem e nem desistirem, pois há uma possibilidade superinteressante de mudança.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola, 2010.
- _____. **Aula de Português: encontro e interação**. 1º Ed. São Paulo: Parábola, 2003.
- _____. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.
- _____. **Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas**. São Paulo: Parábola, 2017.
- BAPTISTA, I. C. Q., ABREU, K. C. K. **A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial**. Sem referencial.
- BEZERRA, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro: questões (meta)teóricas e conceituais**. 1º Ed. São Paulo: Parábola, 2017.
- BONINI, A. **Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino**. In: KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B. , BRITO, K. S. (Org). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4º Ed. São Paulo: Editora Parábola, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. BNCC: Base Nacional Curricular Comum – Brasília: MEC/ SEF, 2018.
- _____. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC / SEF, 1998.
- CITELLI, A. O. **Escola e meios de massa**. In: CITELLI, A. O. (Coord.). **Aprender e ensinar com textos não escolares**. São Paulo: Cortez, 1997.
- CORREIA, F. L. **As revistas de variedades de Manaus (1920-1950)**. 2010. Dissertação de pós-graduação. Universidade Federal do Amazonas. Programa de pós-graduação em História.
- COSTA, C. R. **A revista no Brasil, o século XIX**. 2007. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes. Programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação São Paulo-SP.
- DIONISIO, A. P. **Gêneros textuais e multimodalidade**. In: KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B. , BRITO, K. S. (Org). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4º Ed. São Paulo: Editora Parábola, 2011.
- DOURADO, T. M. **A revista “As Variedades ou Ensaio de Literatura” e os primeiros indícios de jornalismo especializado**. 2012. GT4 – Jornalismo do II Encontro Nordeste de História da Mídia. Universidade Federal do Piauí.
- FAILLA, Z. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FONTANELLA, F. **O que é um meme na Internet?** Proposta para uma problemática da memesfera. Trabalho apresentado no III Simpósio Nacional da ABCiber, São Paulo, 2009.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 51ªed. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, C. B., SILVA, F. D. S., FELÍCIO, R. P. **Projet(o)arte.** In: ROJO, R., MOURA, E. (Orgs.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola, 2012.

GERALDI, J. W. **Prática de leitura na escola.** In: GERALDI, J. W. (Org). O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 2011.

HAWKING, S. **Minha breve história.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

KLEIMAN, A. B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna.** Revista Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.

_____. **Preciso ensinar o letramento** – Não basta ensinar ler e escrever. Fonte: www.iel.unicamp.br/cefiel/alfaletas/biblioteca_professor/arquivos em 10.07.2013.

KOCK, I. G. V., ELIAS, M. V. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

LOPES-ROSSI, M. A. G. **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos.** In: KARWOSKI, A. M., GAYDECZKA, B. , BRITO, K. S. (Org). Gêneros textuais: reflexões e ensino. 4ª Ed. São Paulo: Editora Parábola, 2011.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação.** São Paulo: Cortez, 1994.

MAGALHÃES, Rosineide; MACHADO, Veruska Ribeiro. **Leitura e interação no enquadre de protocolos verbais.** In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. (Org.). Leitura e mediação pedagógica. São Paulo: Parábola, 2012.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental** – língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

NAGAMINI, E. **Televisão, publicidade e escola.** In: CITELLI, A. O. (Coord.). Aprender e ensinar com textos não escolares. São Paulo: Cortez, 1997.

PAIVA, F. A. **Leitura de imagens em infográficos.** In: COSCARELLI, C. V. (Org). Tecnologias para aprender. São Paulo: Parábola, 2016.

PENNAC, D. **Como um romance.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

PRODANOV, C. C. , FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico.** Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** São Paulo: Pontes, 2000.

RODRIGUES, R. H. **Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin.** In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org). *Gêneros: teorias, métodos, debates.* São Paulo: Parábola Editorial, p. 184-207, 2005.

ROJO, R. **Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas.** In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org). *Gêneros: teorias, métodos, debates.* São Paulo: Parábola Editorial, p. 184-207, 2005.

ROLIM, R. C. **O uso do jornal para trabalhar com a noção de fato e tempo histórico.** *História e ensino, Londrina*, vol. 5, out. 2002.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso: 02 de maio de 2017.

SUASSUNA, L., MELO, I. F. de, COELHO, W. E. **Projeto didático: forma de articulação entre leitura, literatura, produção de texto e análise linguística.** In: BUZEN, C., MENDONÇA, M. (Orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor.* São Paulo: Parábola, 2006.

SUPER INTERESSANTE. São Paulo: Editora Abril, 1987 –

_____. Site <https://super.abril.com.br/>

VIANA, F. V., SILVA, Y. J. **O jornal e a prática pedagógica.** In: CITELLI, A. O (Coord.). *Aprender e ensinar com textos não escolares.* São Paulo: Cortez, 1997.

ZACHARIAS, V. R. **Letramento digital: desafios e possibilidades para o ensino.** In: COSCARELLI, C. V. (Org). *Tecnologias para aprender.* São Paulo: Parábola, 2016.

a sua revista sobre revista

metarevista

Nº 01 | EDIÇÃO 01 | MAIO 2019

Entrevista

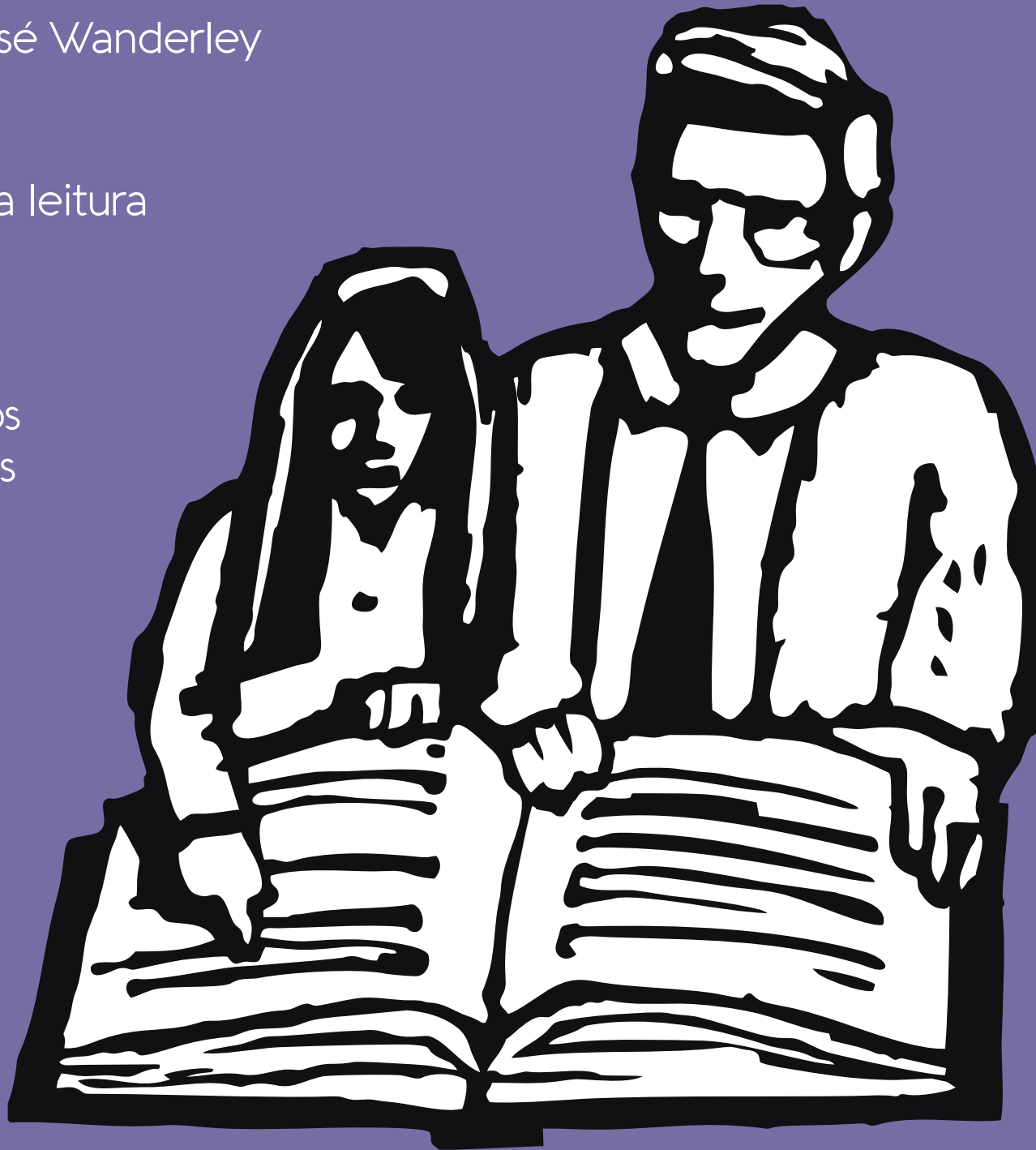
Prof.º Dr. José Wanderley

Poesia:

A revista e a leitura

Dicas:

projetos
pedagógicos
com revistas



**A “Revista”
como instrumento pedagógico
para a formação de leitores**

Editorial

A revista MetaRevista é fruto do Mestrado Profissional de Letras (ProfLetras/UF-CG) "A revista como instrumento pedagógico para a leitura no 9º ano do ensino fundamental: Uma análise da seção supernovas da revista Superinteressante". O desta revista é contribuir de maneira mais direta com as práticas voltadas à formação de leitores no 9º ano do Ensino fundamental de professores de língua portuguesa da cidade do Crato/CE. Assim, a revista é direcionada a esses professores no intuito de instigá-los ao uso do suporte "revista" nas atividades leitoras em sala de aula. No entanto, entendemos que esta revista pode e deve estimular professores, escolas e gestores em educação a produzir suas próprias revistas.

Nessa edição, teremos um artigo do professor Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes (UAE/UFCE) falando sobre a leitura de revistas especializadas na formação docente. Teremos também uma entrevista com o professor dr. José Wanderley Alves de Sousa (UAL/UFCE). A edição traz também dicas pedagógicas e sugestões de atividades de leitura na escola, com ênfase na realidade do município do Crato/CE.

Sumário

Editorial	02
Autoformação docente e a leitura de revistas especializadas	03
Poesia	04
Palavras Cruzadas / Poesia e Crônica	05
Entrevista com o Prof. ^a Dr. José Wanderley Alves de Sousa (Letras/UFCE)	06
Onde encontro revista no Crato? / Sobre Gêneros discursivos e Revista SuperInteressante: uma possibilidade pedagógica.	07
Sobre Gêneros discursivos e Revista	08
Dicas pedagógicas	10



Conheça
PROFLETRAS

Mais informações
<http://www.ufcg.edu.br/~profletras/>

O Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), oferecido em rede nacional, é um curso de pós-graduação stricto sensu que conta com a participação de instituições de ensino superior públicas no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) e é coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O programa tem como objetivo, a médio prazo, a formação de professores do ensino fundamental no ensino de língua portuguesa em todo o território nacional.

AUTOFORMAÇÃO DOCENTE E A LEITURA DE REVISTAS ESPECIALIZADAS

Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes – UFCG

Na década de 1980, a discussão sobre a formação docente ganhou intenso impulso devido à redemocratização política do país e às lutas em prol da democratização da escola, sendo no campo da educação, talvez, o tema mais estudado e publicizado nesta época. Neste sentido, destacam-se as ações do MEC, das diversas secretarias de educação e as discussões no âmbito dos cursos de licenciatura, mestrado e doutorado. Nesta perspectiva, destacamos a grande quantidade de livros publicados abordando a formação docente. O processo de democratização efetiva da escola ainda não aconteceu a contento e, infelizmente, avolumam-se os problemas no campo educacional. Assim, no tempo presente a questão da formação docente continua a ser pensada, estudada e debatida configurando-se como um tema de estudo atual e necessário que assume perspectivas, sentidos e formatos diferenciados. Neste caso, a formação docente é assumida como prática e como campo de estudos nos cursos de gradu-

03

ção e pós-graduação a partir de diversas modalidades, entre as quais se situa a autoformação.

Podemos compreender a autoformação como um processo em que o sujeito responsabiliza-se por fazer a sua própria formação, investimento de modo autônomo no seu aperfeiçoamento pessoal e profissional. Este processo pode acontecer de modo efetivo, como é o caso das pessoas autodidatas, ou de modo complementar, como é o caso de professores que tem formação inicial em curso de licenciatura, participa de processos de formação continuada, mas que ao se deparar com demandas advindas das necessidades imediatas e específicas, sentidas no desenvolvimento do seu trabalho, buscam, por si, novas



aprendizagens, atualizando a sua formação. Assim, para realizar a autoformação, a consulta às revistas especializadas em educação e ensino, acadêmicas ou não, constitui um profícuo procedimento, pois essas revistas são de fácil acesso, existindo nas versões impressa e online. Para a autoformação tais revistas podem servir de modo objetivado de acordo com as necessidades, demandas e interesses imediatos do profissional, posto que em muitas dessas revistas encontram-se números e dossiês dedicados a temas específicos.



Millôr e os Canais Competentes

Charge de Millôr Fernandes publicada em 1974 na Revista Veja e que levou o então ministro da Justiça, Armando Falcão, a estabelecer censura na revista.



POESIA

A revista e a leitura

Paulo Soares.

Peço a sua atenção
Pra falar dessa aventura,
Ler faz grande diferença,
É remédio que nos cura
Seja em qualquer lugar
Onde quer que você vá
Viaje com a leitura.

Tem poema e tem tirinha
Tem romance e tem o conto,
Ler constrói e desconstrói
Já que não se nasce pronto,
Importante em toda idade
No campo e na cidade,
Quem ler sempre marca ponto.

Eu agora vou falar
De um tipo de leitura,
Que tem o texto verbal
Não verbal, muita figura
Acrescento aqui na lista
A fabulosa revista
Da qual falo com ternura.

Na revista tem a capa
Cheia de informação,
Foto, letras coloridas
Pra chamar a atenção,
É bem diversificada
E também sofisticada,
Ler revista é diversão.

A revista também serve
Pro aluno recortar,
Passar cola nas figuras
E no cartaz apregar,
Escrever o texto a mão
Com muita dedicação,
Em seguida apresentar.

Mas, não é toda revista
Que tem a seriedade,
De mostrar com compromisso
E responsabilidade,
Confundindo o que é fato
Com aquilo que é boato,
Da nossa sociedade.

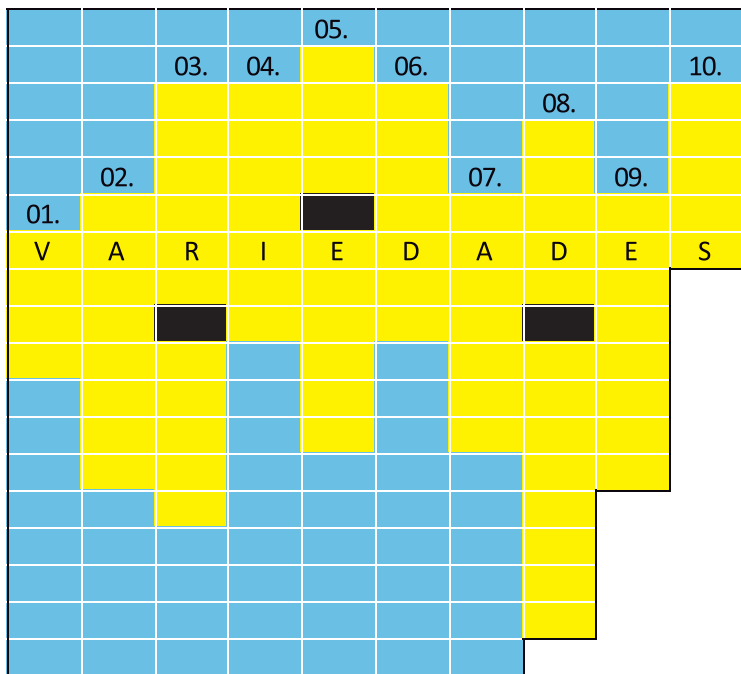
Com a tecnologia,
A revista evoluiu
Do papel foi para a tela
Mas, isso não impediu
Dela ser um instrumento
Que leva conhecimento
Pras escolas do Brasil.

No papel de professor
Afirmo com precisão,
Que a revista é importante
Pra formar o cidadão
Deixá-lo mais consciente
E também proficiente,
Com muita reflexão.

Eu não vou me prolongar
Pois já falei um bocado,
A revista na escola
É ato recomendado,
Usem no planejamento
Ou qualquer outro momento,
Deixo aqui o meu recado.

Paulo Soares
(Poeta de Assaré, professor de português)

é autor dos livros de poemas
"Um Tiro no Coração da Poesia"
e "A Céu Aberto").



05

01. Revista jornalística de maior circulação e vendas no Brasil.
02. Revista voltada ao público teen feminino.
03. Revista sobre automóveis. Inicia com um numeral.

04. Revista de fofoca sobre a vida de celebridades.
05. Revista de conteúdo pedagógico, voltada para os profissionais da educação.
06. Uma das mais antigas revistas votadas ao público feminino. Tem nome de mulher.
07. Revista de divulgação científica. Tem nome de uma grande cientista.
08. Revista que nasceu de uma seção da revista Superinteressante e é mais voltada para adolescentes.
09. Reader's Digest é uma revista internacional que é publicada no Brasil com o nome de...
10. Revista que mostra a casa das celebridades. Tem até uma ilha...

Em destaque: As _____ ou Ensaios de Literatura: a primeira revista editada e publicada no Brasil.



Palavras Cruzadas

As revistas POESIA

Deu na Veja outro dia
 A Veja, aquela revista
 Veja que patifaria
 Havia uma entrevista
 Dizia o editorial
 De uma Carta Capital
 Ataque à Nova escola
 Nada Super interessante
 A Malu naquele instante
 Disse que a Quatro Rodas
 Deu a Caras pra bater
 Revista há pra se ler
 Noutra Época a Viva mais
 Ana Maria eu te digo
 Está de Tititi contigo
 Eu perdi Minha novela
 Trip, playboy ele&ela
 TPM e Seleções
 Exame, Vogue, Placar
 Todateen publicações
 Que formam a grande lista
 Toda espécie de revista
 Diga ai se vai comprar!

Difá Dias

Poeta e professor de Português.
 Faz parte do Coletivo Camaradas



Passar em revista

Passa em revista a imprudência de folhearmos qualquer revista. Quanta imprudência necessita ser revista, nas revistas: fofoca, futilidade, fake news, consumismo, competição, narcisismo, superficialismo.

Examine tal realidade! Critique! Reme contra a maré! Se posicione! Se revista! Invista em revistas que instigam a arte de pensar.

Se revista de: criticidade, conhecimento, boas ideias, humanidade e principalmente muito amor pelo próximo.

Passa em revista o que te acomoda e te aliena. Vista-se de leituras edificantes e humanizadoras.

Magnólia Araújo Santos Alves

Magnólia é professora do município, do estado, e também contadora de histórias.

**Prof.º Dr. José Wanderley
Alves de Sousa
(Letras/UFCG)**

06

da adoção de gêneros textuais (orais e escritos) que circulam em todas as esferas de comunicação humana – científica, literária, jornalística, publicitária, burocrática, artístico-cultural etc. Concebemos, assim, que as práticas de mediação da leitura devem se configurar como a integração contextualizada de atividades de leitura, compreensão, interpretação, análise linguística e produção

1. Quais os desafios e as possibilidades para a formação do leitor na educação básica?

R: A atuação do professor no trabalho com a mediação da leitura na educação básica deve cumprir o papel fundamental de organizar ações que possibilitem aos alunos o contato crítico-criativo com linguagens diversas. Para que isso se efetive, a escola deve promover uma prática constante de leitura organizada em torno de uma variedade de textos, de contato com gêneros textuais diversos, que possibilitem ao leitor a vivência processual e produtiva com textos orais, escritos, que se apoiem nos usos de semioses diversas, para o entendimento de que as práticas de leitura devem ser constituir como exercício constante de entendimento da relação que se estabelece entre autor e leitor, enquanto interlocutores que, na perspectiva discursiva, dialogam pelo texto, com o texto e, se possível, para além do que é proposto pelo texto.

2. O que o senhor sugeriria como prática docente voltada à formação de leitores na escola?

R: Entendemos que qualquer proposta de mediação da leitura, na perspectiva da prática docente, precisa se constituir numa tentativa de refletir e construir a compreensão de objetos próprios do ensino e da aprendizagem da língua materna, por um viés pouco explorado: de um trabalho profícuo, contextualizado, planejado, a partir

“A revista, enquanto suporte textual, que abriga colônias de gêneros, pode possibilitar ao aluno a leitura nos níveis de compreensão e interpretação de diferentes gêneros...”

de textos. Precisa, pois, sugerir o diálogo com outras disciplinas já que os gêneros textuais circulam em todas as esferas de recepção e produção do conhecimento, nos seus vários níveis.

3. Como o senhor vê o uso da “revista” para a formação de leitores?

R: A revista, enquanto suporte textual, que abriga colônias de gêneros, pode possibilitar ao aluno a leitura nos níveis de compreensão e interpretação de diferentes gêneros e tipologias textuais, na perspectiva do possível desvelamento de conhecimentos linguísticos, enciclopédicos e interacionais, fundamentais à formação de leitores proficientes, tão requerida por currículos, práticas pedagógicas que possibilitem ao sujeito-leitor a adoção de posturas críticas frente aos fatos da vida cotidiana.

Onde encontro revista no Crato?



As quatro bancas próximas ao centro da cidade do Crato tem em comum o fato de não vender apenas jornais e revistas, mas oferecer outros serviços ao público, como recarga de celular, livros e cordéis. Banca São Vicente: além de uma variedade de acervos de revistas, a banca São Vicente vende cordéis, faz recarga de celular e vende livros (a maioria desses livros não tem editoras, são custeados pelo próprio autor),

Com um acervo de revistas tão vasto quanto a de São Vicente, a banca do Calçadão aproveita mais seu espaço e exhibe melhor suas publicações. Também faz recarga de celular e vende livros, inclusive de editoras. A variedade de livros é grande.

A Banca Siqueira Campos diminuiu seu acervo de revistas para oferecer outros serviços ao público.

Página Aberta: localizada quase em frente a reitoria da Urca, a banca Página Aberta, além de jornais e revistas, também vende livros acadêmicos e de literatura. Não é atoa que é considerada a melhor livraria do Crato.



Banca São Vicente, Crato - CE



Banca Calçadão, Crato - CE



Banca Página Aberta, Crato - CE



Banca Siqueira Campos, Crato - CE



SuperInteressante: uma possibilidade pedagógica.

08

A Superinteressante é uma revista mensal de divulgação científica. Apesar da temática ligada à ciência, ela pode servir como instrumento pedagógico para outros

saberes. Tudo vai depender do planejamento da ação pedagógica. Elencamos aqui deles.

1. Leitura

Ler é uma atividade que envolve estratégias, entre elas, o levantamento de inferências e hipóteses que serão confirmadas ou refutadas com o prosseguimento da leitura. Quer sondar como está a construção de inferências dos seus alunos? A seção Essencial – uma imagem... pode te ajudar.

Ela sempre traz uma fotografia que toma duas páginas inteiras da revista. Na página posterior, vem um texto contextualizando a foto. As imagens tem um apuro estético e impressionam.

2. Responsabilidade

“Governo dos EUA censura pediatra que provou relação entre autismo e vacina”; “Rede 5G causa morte de centenas de pássaros na Holanda”; “Homem bate carro após receber cérebro de mulher”; “jipe lunar chinês não encontra vestígios de que americanos foram à Lua”. Essas são algumas fake news que a revista Superinteressante desmente na coluna Não é bem assim.

Dividida em três partes (A notícia, O que ela dizia e Qual é a verdade), ela é um bom ponto de partida para se trabalhar a responsabilidade dos alunos ao usar as novas tecnologias e o cuidado que devem ter para checar as informações antes de compartilhá-las. Poderia ser proposto aos alunos que trouxessem notícias de conteúdo duvidoso que receberam no Facebook e no WhatsApp. Em seguida, seria eles pesquisariam em sites de fact-checking, como o Lupa, o Boatos.org e o E-Farsas, para comprovar a veracidade delas. A medida que fossem sendo apuradas, criariam uma lista com as notícias falsas e, seguindo como modelo o texto da revista Superinteressante, a turma redigiriam a notícia, o que ela dizia e qual é a verdade. Dando prosseguimento, os alunos postariam nas redes sociais, principalmente no local em que foi recolhida a fake news, o desmentido.

3. Senso crítico

Tudo o que acontece é noticiado pelos meios jornalísticos? Não. Por trás da pauta de um jornal está um conflito de interesses. Pode acontecer que a entrevista de um ex-presidente tenha mais relevância para jornais estrangeiros do que para um telejornal nacional, que sequer noticia o fato. É preciso levar o aluno a ter um senso crítico para que ele perceba os interesses e as marcas tendenciosas da personalidade nos textos jornalísticos, que se revestem do princípio de que são imparciais.

A seção Enquanto isso, da revista Superinteressante, pode ajudar bastante nesse sentido. A coluna mostra



Capa da revista Super Interessante, outubro de 2018

sempre um fato que teve muita relevância na mídia e nas redes sociais e quatro outros acontecimentos – muitas vezes descobertas científicas – que não tiveram a mesma repercussão midiática. É pertinente o pensar e o questionamento sobre o porquê de alguns fatos serem noticiados e outros ignorados.

4. Cidadania

A coluna Seu dinheiro foi para... não está mais nas páginas da revista Superinteressante, mas as suas publicações antigas podem ser encontrada no site (<https://super.abril.com.br/>). Ela mostra como um determinado político (deputado, senador) declarou o gasto do dinheiro público, ou como esse (o dinheiro público) foi gasto por algum servidor público (federal ou estadual) em serviço. De forma resumida e sistemática, há a informação do gasto, no que o dinheiro foi usado e uma justificativa (às vezes dada pelo próprio político ou servidor) para isso.

Após a leitura (e discussão) com a turma, é o momento de apresentar outro site: o da Câmara dos Deputados (<https://www.camara.leg.br/>). Aqui o docente pedirá que os alunos escolham um deputado, de preferência do seu próprio estado, e ensinará como navegar pelo site para ver sobre o desempenho do parlamentar (projetos de lei apresentados, como votou em alguma decisão da Câmara, a frequência) e o uso da verba parlamentar.

Com base nas informações recolhidas, os alunos podem redigir textos, a princípio seguindo o texto da coluna da Superinteressante como modelo: valor da quantia, como foi gasto e a justificativa do deputado (sim, é possível (ainda!) enviar um e-mail ao político para que ele justifique o uso do dinheiro, através das notas fiscais). Os textos produzidos pelos alunos serão socializados nas redes sociais. O nome disso não é perseguição. É cidadania mesmo.

+Ponto a mais

A revista Superinteressante já ganhou prêmios internacionais pelos seus infográficos. É sempre bom levar para sala de aula textos verbais e não verbais para sondar quais alunos tem facilidade/dificuldade com a leitura de palavras e com a leitura de imagens.

Sobre Gêneros discursivos e Revista

Professor João Paulo de Carvalho

09

GÊNEROS TEXTUAIS REFLEXÕES E ENSINO

ACIR MÁRIO KARWOSKI
BEATRIZ GAYDECZKA
KARIM SIEBENEICHER BRITO
[ORGANIZAÇÃO]

No artigo Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos, a autora Maria Aparecida Lopes-Rossi afirma que trabalhar pedagogicamente com gêneros discursivos proporciona no aluno o desenvolvimento da sua autonomia no processo de leitura e produção textual, que será consequência do contato do discente com o gênero.

O professor, segundo ela, precisa criar condições para que os alunos entrem em contato com um número diversificado de gêneros discursivos em situação de comunicação real. E é aqui que está o desafio. Proporcionar essa situação.

Como solução, a autora propõe projetos pedagógicos que promovam a leitura, a escrita e a socialização (circulação) dos textos produzidos. Com a leitura, o aluno teria o contato com o gênero discursivo. Já familiarizado, o aluno iria escrevê-lo, o que permitiria ter contato com o processo de produção do gênero, o contexto de produção (que envolve a adequação vocabular, o pensar no público leitor, verificar as condições de circulação). Durante o processo de escrita, haveria a troca de ideias até mesmo entre os próprios alunos, para que haja a revisão, a correção, a reescrita. Findado o processo de criação, é a hora de divulgar ao público essas produções e que, ao circular, oxalá ultrapasse os muros da escola. E a revista?

Levar a revista para a sala de aula é uma possibilidade de trabalhar os gêneros em sua situação real.

A leitura dos seus textos promove o contato do aluno com o gênero discursivo. A partir deles, o aluno pode ser levado a escrever. Aquela notícia esportiva lida poderia ser sobre o time do bairro; aquela entrevista lida com o ator famoso poderia ser com o artista local; aquela resenha lida sobre o filme poderia ser sobre o filme que o aluno gosta, com a música que ele se identifica.

Perceba que o pensar pedagógico com o uso da revista não se restringe apenas ao "vou levar para informar melhor o aluno". Ela pode ser direcionada para que o aluno se informe da sua própria realidade, descubra que tem identidade, vontades, gostos que podem, sim, ser foco de uma reportagem, de uma notícia,

Luiz Antônio Marcuschi, Vera Lúcia Lopes Cristovão, Elvira Lopes Nascimento, Adair Bonini, Maria Aparecida Garcia Lopes-Rossi, Anna Christina Bentes, Roxane Rojo, Jacqueline Peixoto Barbosa, Heloisa Collins, Angela Paiva Dionisio, Désirée Motta-Roth, J. L. Meurer



de uma entrevista, de uma resenha. Depois da leitura, de muita leitura, chegou a hora da produção. Escrita, revisão, correção, reescrita. Momento individual e coletivo. Professor que ajuda aluno que ajuda aluno que ajuda professor. Os textos lidos, tudo bem, pode servir de guia, de modelo, de muleta, mas que não seja prisão. Que o aluno pense na linguagem que esta usando, que ele pense no leitor que vai ler, que pense até onde seu texto irá chegar. Que ele adeque, que ele perceba os limites, as delimitações, que ele perceba o estático e volátil. Depois de (re)escrito, que o texto circule, ganhe a comunidade, se sociabilize.

O artigo Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos, de Maria Aparecida Lopes-Rossi, está no livro Gêneros textuais: reflexões e ensino, organizado por Acir Mário Karwoski, Beatriz Gaydeczka e Karim Siebeneicher Brito, da editora Parábola.



Dicas pedagógicas



Revista Cariri

A Revista Cariri é um periódico local e divulga e socializa notícias e matérias diversas sobre a região do Cariri cearense. Aborda temáticas como: Saúde e bem estar; Arte e Cultura; Políticas públicas; Cariri Sustentável. Pode ser um importante instrumento pedagógico para a leitura sobre a realidade local. A revista pode ser acessada via internet.

Para acesso: <https://caririrevista.com.br/>



Projetos pedagógicos com Revistas

Oriundos do projeto político-pedagógico da escola e da realidade dos alunos e da comunidade escolar é possível criar projetos pedagógicos e/ou temáticos com atividades utilizando a revista e envolvendo a dimensão do trabalho (por exemplo, mapear as bancas da cidade e fazer um levantamento sobre o fluxo de vendas, as mais vendidas e um perfil do público consumidor; fazer um levantamento das revistas que vendem produtos, qual o meio de circulação delas e o público, verificar as diferenças e similaridades entre essas revistas e seus consumidores com as da banca de revista), a dimensão da cidadania (fazer um levantamento se existe um acervo de revistas na biblioteca municipal – se houver uma biblioteca municipal! – e, caso haja esse acervo, catalogá-lo; escrever para a Secretaria

de Cultura e para a Secretaria de Educação uma carta argumentando a importância da revista e solicitando a aquisição delas, com uma lista de sugestões justificadas, para o acervo da biblioteca pública e da biblioteca da escola, respectivamente; pensar na criação de espaços de leitura de revistas; planejar e construir um acervo atrativo de revistas para as repartições públicas em suas salas de espera, realizando campanhas de incentivo para a leitura delas) e a dimensão da vida pessoal (os alunos fariam um mostruário com as revistas que eles têm contato, socializando sua relação com elas; a criação de uma revista pelos alunos com a temática de seus interesses).

O Cordel

Literatura de cordel é um tipo de poema popular, oral e impressa em folhetos, geralmente expostos para venda pendurados em cordas ou cordéis, o que deu origem ao nome. O nome de cordel é original de Portugal, que tinha a tradição de pendurar folhetos em barbantes. A literatura de cordel faz parte da cultura caririense. Pode ser uma excelente oportunidade de aproximar nossos alunos da cultura popular.

